



3 1761 07152700 6



*
Librairie
H. GEORG
Genève.
*

38

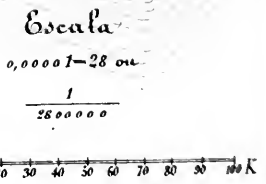
PORTUGAL

EM

1872.



- ⊙ Cidade Cabeça de Distrito
- Cidade
- ⊕ Villa Cabeça de Distrito
- ∨ Villa ou Cabeça de Concelho
- Linhas ferevas
- - - Estradas Mucadumizadas
- ⋯ Diviãõ de Distrito



NOVO
GUILA DO VIAJANTE
EM LISBOA

CINTRA, COLLARES, MAFRA, BATALHA, SETUBAL
SANTAREM, COIMBRA E BUSSACO

PRECEDIDO D'UMA INTRODUCCÃO

DE

JULIO CESAR MACHADO

QUARTA EDIÇÃO MUITO AUGMENTADA

E

Com um mappa de Portugal

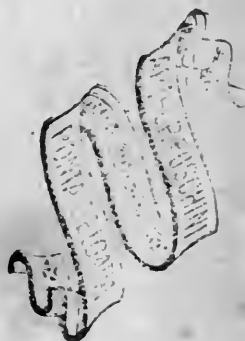
LISBOA

Vende-se por 800 réis

NA LOJA DO EDITOR J. J. BORDALO

Travessa da Victoria, 42, 1.º

1880





DP

757

Ng

1880

INTRODUÇÃO

Lembram-se de Lisboa, no estado em que ainda todos nós a conhecemos?

Tudo ás escuras...

De tempos a tempos sabia-se pelas cartas do «Braz Tizana», escriptas no Porto por José de Sousa Bandeira sobre as informações que d'aqui lhe eram enviadas, e que saiam primeiro no *Periodico dos pobres*, e depois no jornal que tomou por titulo o pseudonymo do famoso folhetinista da cidade eterna — que a camara municipal depois de uma sessão laboriosa e renhida havia resolvido dar mais dois candeeiros á capital. O correspondente, por não se usar ainda os chavões jornalisticos de «Parabens á illustre camara» nem «Registramos este acto que faz honra ao illustre vereador» limitava-se a fazer com que o leitor se compenetrasse bem de que, estabelecendo a arithmetica no **fim**

do anno que tinhamos mais dez candeeiros, era o mesmo que dizer que estavamos dez vezes mais esclarecidos do que no anno antecedente!

O que não impedia que, no centro mesmo da cidade, qualquer das ruas de maior transito possuisse apenas um candieirito, destinado unicamente a fazer sobresair ainda mais o horror sombrio dos sitios menos favorecidos.

Um pobre homem que se perdesse de noite, por essas ruas então barrancosas, ia aos tombos de abysmo em abysmo, escorregando no cascalho, esbarrando nos frades de pedra, caindo de ventas nos montes de caliça...

De meia em meia hora, um candieiro de luz indecisa e debil; só o que chegasse para uma pessoa conhecer que se enganára no caminho e que andava perdida.

A ladroíce pouco audaz, mas frequente. Covis de larapios em cada bêco. Ladrões timidos, neophytos inexperientes; discipulos, pela maior parte, de um professor que não podia mecher-se, — um coxo que estacionava no Terreiro do Paço, á porta da aula do commercio.

Toda a gente conhecia esse coxo, director das ladroeiras, caixa dos furtos, que mandava os seus

delegados para os diversos pontos importantes, para o passeio publico, para os theatros da rua dos Condes ou do Salitre, para a porta das egrejas ; e arrecadava depois o fructo de taes diligencias, de umas vezes recompensando logo os gatunos, de outras encarregando-se da venda dos objectos e dividindo o producto.

Pessoa a quem nas ruas houvessem roubado alguma coisa, não ia procurar a policia, ia procurar o coxo ; combinava-se o ajuste, e o ladrão vendia ao roubado.

A segurança dos predios e garantia dos moradores eram os sapateiros de escada.

Em casa que não tivesse esse guarda amigo, estava-se sempre em cuidados de não deixar aberta a porta da rua.

Os ladrões entravam, então, pela janella.

Um dos mais engraçados homens d'essa epoca, vivo ainda hoje, Domingos A., sabendo que esse era o costume d'elles, não se deu sequer ao incommodo de fechar a do seu quarto n'uma noite de verão, em que recolhera sem dinheiro : unicamente, por precaução de scenario, pôz um par de pistolas á cabeceira.

Pelas duas horas da madrugada o ladrão appa-

receu, espreitou, esteve á escuta, ouviu o resonar com que o dono da casa simulava dormir, e entrou.

Logo que o viu entretido a abrir uma gaveta, Domingos A. sentou-se na cama, apontou uma pistola, e disse-lhe com seriedade :

— Ponha p'r'ahi tudo que traz comsigo !

O ladrão queria ajoelhar-se.

— Nada de attitudes. Quanto traz comsigo? Conserve-se de pé e responda !

— Dezoito tostões, senhor !

— Ponha-os ahi.

— Então hei de eu...

— Quer antes um tiro ?

Gesto negativo.

— Pois dê cá os dezoito tostões.

O ladrão despejou o bolso com ar mortificado, e ia de novo saltar pela janella, quando, para atender ás boas leis da hospitalidade, Domingos A. lhe offereceu um phosphoro para descer a escada e o convidou gentilmente a sair pela porta assegurando-lhe que, por equal preço, poderia voltar quando lhe approuvesse.

Poucos assassinatos todavia; como n'esses tempos a politica andava fortemente incitada e incendiada, esperava-se talvez que alguma das bernardas

restaurasse a força para remediar a falta d'aquelle supplemento de côr local, que estava em desaccordo com o chaos em que se vivia.

De vez em quando vinha algum episodio justificar a lei da harmonia, e dar maior feição ao genio melodramatico da quadra. Abriam-se, por exemplo, as portas do Limoeiro, e ahi rompia pela cidade inteira a vasta cambada de malfeitores. Ferviam os tiros por essas ruas : tropa para um lado, tropa para o outro ; d'aqui faccinoras, d'acolá soldados ; vivia a cidade em sustos.

Nunca se tinha certeza de que as lojas não fechassem de dia. Dormia-se de espada á cabeceira. Houve quem enriquecesse a vender apitos ! Até o castello de S. Jorge, que era a prisão que tinha melhores ferrolhos, poz-lhes azeite e deixou-os correr. Os presos em geral tinham um pé na gaiola, e outro na rua. Era sabido.

Os batalhões nacionaes alegravam a cidade. *Batarêos*, lhes chamava o povo. Toda a gente se fardou. Só os officiaes davam para um exercitosito. De coroneis podiam formar-se... tres destacamentos.

A população vivia assombrada ; a cidade, apesar do *céo de anil* e do *Tejo de crystal* dos poetas, es-

tava feia. Em se saindo das ruas da baixa, mudava logo o aspecto : fazia horror.

Cordas á janella, com roupa a seccar.

Gallinhas ás portas.

Um porco dentro da loja.

Rebanhos de pequenitos a brincar nas escadas, acorados nos degraus aos cinco e aos seis, o mais velho com o mais novo ás costas, esfrangalhados, sem meias, sujos, de carinhas pallidas e amarellentas.

Garotos em bandos, á pedrada, pelo meio da rua, saltando, correndo, esbarrando em quem passava.

Ao portal, a mãe a remendar o fato, a filha a fazer meia; a avó, idiota, sentada lá dentro a um canto.

Lojas terreas, humidas, impossiveis de inverno; um cheiro de trapo podre a exhalar-se d'aquillo tudo!

O luxo exterior das vivendas era papagaios; quem não tinha papagaio, tinha uma arára; quem não tinha arára, tinha um periquito; quem não podia sequer ter periquito, punha um papagaio... de pau na janella de sacada.

Á hora do largar da agulha falava-se de janella para janella como se o facto de ser vizinho de al-

guem auctorisasse a travar conhecimento ; pedia-se um ramo de salsa, o sacca-rolhas emprestado, falava-se de uns e de outros, discorria-se em voz alta a respeito da vida de cada qual, e ao cair da noite fechava-se toda a gente nos differentes andares do seu predio como objectos guardados nas gavetas de uma commoda.

Então principiava a grande noite.

Tudo quieto, tudo soturno e morto...

Apenas o pregão de um aguadeiro aqui ou alli, roncando lugubrememente :

— *Aú !*

Ninguém acreditava, ninguém suspeitava sequer que possa haver felicidade no movimento, e que a actividade agrade tanto ás creaturas que até a razão se recuse a admittir a realidade de uma ventura immovel e sempre igual por mais completa que seja.

Mas, Lisboa não o entendia assim ; e para ella o supremo bem, o bem por excellencia era n'essa epoca a quietação, o somno em casa, na rua a paz... ás escuras.

Hoje, já felizmente o viajante não encontra em Lisboa as ruinas mais caricatas que archeologicas da cidade d'esse tempo.

Vieram as edificações novas, as praças largas, as boas hospedarias, os theatros elegantes e bem ventilados, os jardins, os *squares*. Vieram, sobretudo, escolas e asylos.

Foram-se com os deuses os cazebres do Loreto, o capote e lenço, as seges de bandeirinha. Desappareceram em grande parte as ruellas onde nunca penetraram nem o ar nem o sol. Já se encontram pelo caminho bancos de pedra, de ferro, ou de pau, onde uma pessoa se sente. Já ha uma alluvião de omnibus em exploração permanente; já não fecham as lojas ás Ave-Marias; já ha policia; já ha luz.

Já a população sae, e já se deixa ver a horas certas e nos logares da moda; tem-se gracejado centos de vezes a respeito dos famosos *corso* italianos, onde não é licito faltar sem quebra dos melhores usos da *signoria*; mas o Passeio Publico nas noites de quinta feira e de domingo no verão, das duas ás quatro horas da tarde no inverno, assim como as ruas da baixa e o Chiado, são variantes do *corso* lisbonense; e provam mais uma vez que a influencia dos costumes modernos tem grande poder creador, e que se tornam em um beneficio quando são civilisadores e quando concorrem para

o engrandecimento da industria e do commercio pelo lado util do luxo, do conforto, e do prazer de todos. Não ha hoje em Lisboa classes privilegiadas, e toda a gente tem á sua disposição as festas, os passeios, os espectaculos, vivendo independente e livre, igual a todos pelo recreio como é igual perante a lei.

É tudo hoje differente do que era, em Lisboa. Ficaram as condições pittorescas da cidade, no que respeita a posição, e passou por cima de tudo isto o sôpro vivificador do progresso, que ainda agora principia a fazer-se sentir apenas, se quizermos comparal-a ás capitaes dos paizes mais adiantados da Europa, mas que faz com que já lembre de vez em quando por uma praça, por um jardim, por um theatro, por uma serie de predios, por uma ou outra loja, Paris, Madrid, ou Milão. Quando digo « já lembre » não é minha intenção pôr no escuro a grandeza de Lisboa e sua notoria superioridade em dimensões e em população a Milão e a Madrid; mas é que ellas têm comquanto cidades mais pequenas, uma feição de adiantamento, de elegancia, um cunho de civilisação mais accentuado, mais decisivo do que Lisboa — o que tambem de nenhuma maneira impedé Lisboa de lhes levar van-

tagem em muitos pontos e de ser uma das mais formosas cidades da Europa, e porventura a mais original de todas.

Talvez não haja hoje capital no mundo, onde se viva tanto á vontade, e em que cada um possa melhor dizer, escrever, e fazer o que quizer ; vão uns para os gosos do amor proprio, outros para os do bem estar material, alguns para a gloria, os de melhor juizo para a tranquillidade feliz. Não será uma cidade rica, mas é uma cidade já elegante, grandemente prendada pelas condições do solo, rica toda ella de arvores, de flores, de vegetação, com immensas quintas, hortas, campos encravados por entre a casaria. Accusam-a geralmente de cidade monotona ; faz pouca bulha, falla baixo, e não apregoa grandezas : — quem sabe, porém, se isso mesmo é bom, para o destino não se quesilar e não chegarem até nós nem o ciume, nem as inimisades, nem a inveja dos outros paizes ?...

Julio Cesar Machado.

NOVO GUIA

DO



VIAJANTE EM LISBOA

E SEUS ARREDORES

CHEGADA A LISBOA

O viajante que entra pela barra, mostra o passaporte ao encarregado da policia, que vae a bordo, e quando desembarca entrega-o na casa da policia do porto (que é no edificio da alfandega) e vae buscal-o, no praso de tres dias, ao governo civil, para o levar a visar ao seu consul, sendo estrangeiro, e n'esse acto recebe um bilhete de residencia, mesmo no governo civil, cuja repartição se acha estabelecida na travessa da *Parreirinha*, ao lado do theatro de S. Carlos. Chegando a Lisboa, por outra qualquer via, seja nacional ou estrangeiro, o viajante se apresentará no governo civil; no segundo caso receberá bilhete de residencia.

CORPO CONSULAR PORTUGUEZ EM LISBOA

Austria

Consul geral — Carlos Krus. — Travessa das Pedras Negras, 4.

Vice-consul — Alessandro Nobile de Fontana. — Belem.

Chancellor — Pedro Gomes da Silv. — Travessa das Pedras Negras, 4.

Belgica

Consul — Jorge Torlades O'Neill. — Travessa do Sequeiro das Chagas, 4.

Brazil

Consul geral — Manuel de Araujo Porto Alegre. — Rua da Atalaya, 107.

Chili

Consul — Antonio Joaquim de Oliveira. — Rua das Flores.

Confederação Argentina

Consul — Negrão.

Confederação Suissa

Consul — Theodoro Daggler. — Chiado, 61.

Estados-Unidos da America

Consul — Leivis. — Rua do Alecrim.

França

Consul — Girandó. — Rua Formosa.

Grã-Bretanha

Consul — Brackenburg. — Travessa do Athayde.
Vice-consul — Carlos O'Donnell. — Largo das Chagas.

Grecia

Consul — Jorge Torlades O'Neill. — Travessa do Sequeiro das Chagas.

Honduras

Consul geral — Carlos Krus. — Travessa das Pedras Negras, 1.

Hespanha

Consul — Miranda. — Rua da Trindade, 12.

Italia

Consul — João Baptista Piombino. — Becco dos Apostolos, 7.

Paizes-Baixos

Consul — H. C. Hulsembos. — Rua da Emenda.

Perú

Consul — João de Brito. — Rua de S. Francisco, 13.

Confederação da Allemanha do Norte

Consul geral — J. Poppe. — Calçada de S. Francisco.

Russia

Consul geral — A. de Laxmann. — Travessa do Corpo Santo, 27.

Sião

Consul geral — Alfredo Cesar de Andrade. — Rua do Ferregial de Cima, 21.

Vice-consul — Julio Cesar de Andrade. — Rua do Ferregial de Cima, 21.

Suecia e Noruega

Consul geral — Barão de S. Jorge. — Rua da Alfandega.

Turquia

Consul geral — Felix Wanzeller. — Travessa de S. Francisco de Paula.

Uruguay

Consul geral — Carlos Duarte Luz. — Rua de S. Francisco, 13.

Venezuela

Consul geral — José Luiz Pereira Crespo. — Rua Nova do Almada, 11.

HOSPEDARIAS (HOTEIS)

O viajante encontra em Lisboa hospedarias de diferentes preços, desde 3\$600 até 500 réis diários, d'entre as quaes escolherá a que mais convier ao seu estado financeiro. Ha d'estes estabelecimentos situados em proximidade do Tejo, e outros no centro da cidade, e nos logares de mais concorrência. Mencionaremos aqui, para commodidade do viajante, os nomes e locaes das hospedarias mais notaveis de Lisboa.

- Hotel Viziense**. Rua dos Bacalhoeiros, 139.
» **Americano**. Largo de S. Paulo, 3.
» **Alemtejano**. Rua dos Arameiros, 11.
» **Alexandre**. Praça dos Romulares, 4.
» **Dois Irmãos Unidos**. Praça de D. Pedro, 113.
» **Nova Alliança**. Rua Nova da Trindade, 10.
» **Durand**. Rua das Flôres, 71.
» **Bragança**. Rua do Thesouro Velho, 41.
» **Conimbricense**. Largo do Corpo Santo, 6.
» **Bella Aurora**. Rua dos Algibebes, 110.

- Hotel Probidade** Rua dos Fanqueiros, 10.
- » **Moniz** Rua Augusta, 243.
- » **Portuguez** Rua da Conceição Nova, 53.
- » **Bella Estrella** Rua da Prata, 199.
- » **Francfort** Rua Nova do Almada, 109.
- » **Das Varandas** Campo das Cebolas, 32.
- » **do Reino** Rua do C. de Santarem, 55.
- » **Luso-Brazileiro** Rua dos Romulares, 35.
- » **Firmeza** Praça de D. Pedro, 30.
- » **Universal** Travessa de Estevão Galhardo, 23.
- » **Gibraltar** Travessa de Estevão Galhardo, 10.
- » **do Ribatejo** Rua Nova de El-Rei, 31.
- » **Peninsular** Rua Nova do Almada, 11.
- » **União de Cintra** Rua do Jardim do Regedor, 17.
- » **Ultramarino** Travessa da Victoria, 7.
- » **Europa** Rua Nova do Carmo, 16.
- » **Lusitania** Rua Nova de El-Rei, 67.
- » **Popular** Rua do Jardim do Regedor, 17.
- » **Encarnação** Rua da Prata, 250.
- » **Street Inglich** Rua do Alecrim, 47.
- » **Tres Coroas** Rua dos Douradores, 34.
- » **Central** Praça dos Romulares, 25.
- » **Pelicano** Rua dos Fanqueiros, 278.
- » **Duas Irmãs** Rua do Arsenal, 146.
- » **da Esperança** Travessa de S. Julião, 11.

- Hotel Nacional** Travessa da Assumpção, 99.
- » **Nova Alliança** Rua de S. Julião, 11.
- » **Terceirense** Largo do Pelourinho, 13.
- » **Leão de Oiro**. Rua da Prata, 20.
- » **Bismark** Rua do Chiado, 47.
- » **Segurança**. Rua dos Fanqueiros, 121.
- » **Lisbonense**. Rua dos Capellistas, 7.
- » **Pedro Alexandrino**. Travessa de Santa Justa, 70.
- » **Heroismo**. Largo do Pelourinho, 13.
- » **Paraizo**. Travessa do Almada, 12.
- » **Portugal e Brazil**. Praça de D. Pedro, entrada
pela rua do Arco do Ban-
deira, 229.
- » **Embaixadores** Rua Nova do Almada, 116.
- » **Pomba de Oiro** Rua Nova do Carmo, 102.
- » **Español**. Rua da Prata, 156.
- » **Portuense**. Rua do Arsenal, 54.
- Grand Restaurant Francez** Largo de S. Julião.



BANCOS EM LISBOA

- Banco de Portugal*. — Rua dos Capellistas, 148.
- Banco Lusitano*. — Rua dos Capellistas, 85.
- Banco Hypothecario*. — Largo de Santo Antonio da Sé.
- Banco Nacional Ultramarino*. — Rua dos Capellistas, 74.

Banco Alliança do Porto (caixa filial). — Rua do Ferregial de Cima, 6.

Banco Commercial do Porto (caixa filial). — Rua da Emenda, 65.

Banco Mercantil Portuense (caixa filial). — Travessa das Pedras Negras, 1.

Banco Popular Hespanhol. — Largo do Carmo, 15.

London & Brazilian Bank Limited. — Rua nova do Almada, 69.

Banco União do Porto, — Travessa de S. Nicolau, entrada pela rua do Crucifixo, 38.



BANQUEIROS

Kruz & Companhia. — Travessa das Pedras Negras, 1.

José Gonçalves Franco & Filho. — Rua dos Capellistas.

Fonseca, Santos & Vianna. — Rua dos Capellistas.

Fortunato Chamiço Junior. — Calçada de S. Francisco, 10.

Ricardo Carvalho & Companhia. — Rua dos Banqueiros, 156.

J. R. Branco. — Largo de Santo Antonio da Sé, 19.

Warburg & Dotti. — Rua do Ferregial de Cima, 4.

COMPANHIAS DE SEGUROS MARITIMOS
E CONTRA VIDAS

Companhia *Fidelidade* — Maritimos e fogos. — Largo do Corpo Santo.

Companhia *Bonança* — Maritimos e fogos. — Rua do Ouro.

Companhia *Segurança do Porto* (agencia em Lisboa). — Rua da Magdalena.

Companhia *Garantia do Porto* (agencia em Lisboa). — Calçada de S. Francisco, 10.

Companhia *Indemnizadora do Porto* — contra fogos e vidas. — Largo do Corpo Santo.

Companhia *La Española de Madrid* — Maritimos e vidas. — Travessa das Pedras Negras, 1.

Companhia *Asseguradora* de Barcelona, seguros maritimos. — Travessa das Pedras Negras, 1.

Companhia *El Fenix Español* — contra fogos. — Largo de Santo Antonio da Sé, 3.

Companhia *La Atlantique du Havre*, seguros maritimos. — Largo de Santo Antonio da Sé, 3.

Companhia *La União de Madrid*, seguros maritimos, contra fogos e vidas. — Rua do Principe, 63.

Companhia *La Cataluña, Barcelona* — seguros maritimos. — Travessa da Palha.

Companhia *El Lloyd Andaluz*, seguros maritimos. — Rua da Emenda.

Companhia *London & Lancashire* seguros contra fogos. — Largo dos Torneiros.

Companhia *Queen*, seguros contra fogos. — Rua da Prata.

Companhia *Sun Fire*, seguros contra fogos. — Rua da Magdalena.

Companhia *Royal*, seguros contra fogos. — Rua da Prata.

Companhia *Liverpool, London & Globe*, seguros marítimos e contra fogos, — Rua do Alecrim.

Companhia *Norviche Union*, seguros contra fogos e vidas. — Rua do Crucifixo.

Companhia *La Baloise*, seguros marítimos. — Rua dos Capellistas.

É facil termos deixado de mencionar alguma companhia ou associação, com a brevidade que desejamos dar á publicação d'este Guia.



CLASSIFICADORES DE NAVIOS

Veritas austriaco, agencia em Lisboa e Porto. — Agente, Pedro Gomes da Silva. — Rua das Pedras Negras, 1. — Peritos; Antonio José Sampaio e Alexandre José da Costa — ambos no Boqueirão do Duro (á Boa-Vista) em Lisboa. Carlos Joaquim de Azevedo Vareta e Custodio Martins da Silva Santos — ambos no Trem do Ouro (Porto).

Veritas francez, agencia em Lisboa. — Agentes,

Torlades & Companhia.—Travessa do Sequeiro (ás Chagas), 1, — Porto, Francisco Urbano de Passos. — Rua dos Ferreiros (á Estrella), 63.



COMPANHIAS E ESTABELECIMENTOS DE CREDITO

Empreza de transportes fluviaes. — Calçada de S. Francisco, 10.

Compagnie des services maritimes des messageries maritimes. Carreiras entre o Brazil e Rio da Prata.—Travessa do Sequeiro (ás Chagas), 1.

Liverpool Brazil and River Plate Stean navigation company Limited.—Rua do Alecrim, 10.

Ligne peninsulaire — Entre Havre, Lisboa, Cadiz, Gibraltar e Malaga.—Largo do Pelourinho, 19.

Carreira regular e mensal dos vapores entre Liverpool, Pará, Maranhão e Ceará.—Rua do Alecrim, 10.

The Spanish á Portuguese Screw Steam Shipping Company. Vapores entre Londres e Cadiz. — Praça dos Romulares.

Empreza lusitana de navegação por vapor para Africa, Açores e Algarve. — Rua do Ferregial de Cima, 6.

Empreza insulana de navegação. — Vapores para os Açores, S. Miguel, Terceira, Graciosa, S. Jorge e Fayal. Agencia, Caes do Sodré, 84.

Clyde line of Steamers to Brazil & the River Plate. — Para Liverpool e Glasgow. Agencia, travessa do Athayde, 7.

Linha dos vapores hespanhoes — Agencia, rua do Alecrim, 108.

Royal Cross Line of Steamers. — Rua dos Capellistas, 120.

The Pacific Steam Navigation Company. — Rio de Janeiro, Montevideo, Boenos-Ayres, Valparaiso, Africa, Islay e Calláo, Caes Sodrê, 64.

The Spanish & Portuguese Screw Steam Shipping Company. — Linha de vapores entre Londres e Cadiz. Praça dos Romulares, 64.

Companhia insulana de navegação para Londres e Madeira. — Rua do Ferregial de Baixo, 3.

Liverpool and Maranhã Steam Ship Company. — Carreira mensal de vapores entre Liverpool e Maranhão, tocando em Lisboa. Rua dos Capellistas, 31.

Companhia Royal Mail Steam Packet. — Rua dos Capellistas, 31.

Compagnie des messageries maritimes. Paquebots poste française. Ligne du Brésil et de la Plata. — Travessa do Sequeiro das Chagas, 1.

AGENCIAS, ASSOCIAÇÕES E COMPANHIAS**Companhia de Carruagens Omnibus**

Rua do Crucifixo.

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro
Portuguezes**

A Santa Apollonia.

**Companhia de Lanifícios
do Campo Grande**

Rua dos Retrozeiros.

Agencia dos Vapores de Belem

No Aterro da Boa Vista.

Associação Commercial de Lisboa

Praça do commercio.

Associação dos Empregados do Estado

Rua Augusta.

Associação dos Empregados no Comercio e Industria

Rua dos Douradores, 72.

Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas

Largo de S. Domingos.

Companhia Perseverança

Largo do Conde Barão, 13.

Companhia do Gaz

Rua da Boa Vista.

Companhia Lisbonense de Tabacos

Em Santa Apolonia.

Companhia de Tabacos de Xabregas

Em Xabregas.

Caixa de Credito Industrial

Rua dos Douradores, 92.

Agencia Primitiva de Anuncios

Rua Augusta, 270.

**DESPACHANTES ENCARTADOS DA ALFANDEGA
DE LISBOA**

Antonio Rodrigues Tocha.
Guilherme dos Passos Peixoto.
Manuel José Baptista.
Carlos Augusto Chaves Nunes.
Antonio da Silva.
Augusto Radich.
Domingos José Marques.
Casimiro Covacich.
Joaquim Lourenço Freire.
Justiniano José Marques.
João Carlos Raposo.
José Maria Raposo.
Antonio Jacinto Martins Seromenho.
José Manuel do Valle.
Januario Seabra.
Chambica Gonçalves.
José Bernardino da Cunha Gomes.
Antonio Joaquim Leite Ribeiro.
Candido Antonio de Faria.
João Liborio da Cunha.

José Ribeiro Freire.
 João de Sampaio De Roure.
 Augusto Victo Veiga da Cunha.
 Duarte Braga.
 João Joaquim da Silva Negrão.
 Jorge Potier Alvares.
 Antonio Martins Fonseca Cardoso.
 Francisco José da Silva Granate.
 Raphael Archanjo de Carvalho.
 Francisco Roberto da Pena Monteiro.
 Caetano José Xavier de Sousa.



CORRECTORES DE NUMERO

DE CAMBIOS E FUNDOS PUBLICOS

Domingos Chiapori. — Rua dos Capellistas, 113,
João Eduardo da Silva. — Rua dos Capellistas,
 113.

Hermano Frederico Moser. — Rua do Ferregial
 de Baixo, 5.

DE MERCADORIAS E LEILÕES

Antonio Gonçalves Lamarão. — Escritorio na
 Praça do Commercio.

Antonio José de Abreu. — Escritorio na Praça do
 Commercio.

Antonio Joaquim Xavier de Sousa. — Escriptorio no edificio da alfandega de Lisboa.

Antonio Massa. — Escriptorio na Praça do Commercio.

Antonio de Oliveira Guimarães. — Rua nova da Trindade, 12, e na Praça do Commercio.

Antonio Victor Pereira Merello. — Escriptorio na Praça do Commercio.

DE NAVIOS E LEILÕES

Antonio José Gomes Netto. — Caes do Sodré, 1, e na Praça do Commercio.

Francisco de Paula Gavazzo. — Rua do Alecrim, 21.



POLICIA CIVIL DE LISBOA

COMMISSARIADO GERAL

(No edificio do governo civil.)

Commissario geral — D. Diogo de Sousa.

Ha tres divisões de policia.

Os commissariados acham-se abertos desde as nove horas da manhã até ás tres da tarde, e desde as oito até ás nove da noite; havendo sempre em todas as esquadras um empregado de gradua-

ção para receber e dar o devido andamento a todas as queixas, que se apresentam e digam respeito ao serviço policial.

**Freguezias respectivas a cada um dos bairros e divisões
de policia civil de Lisboa**

**BAIRRO ORIENTAL E PRIMEIRA DIVISÃO
DE POLICIA**

Anjos — S. Jorge (intra-muros) — Santo André — Santa Engracia — S. Vicente — S. Christovão — S. Lourenço — Pena — Soccorro — Santa Cruz do Castello — Santo Estevão — S. João da Praça — S. Miguel — Sé — S. Thiago.

**BAIRRO CENTRAL E SEGUNDA DIVISÃO
DE POLICIA**

Coração de Jesus — S. José — S. Julião — Santa Justa — Magdalena — S. Nicolau — Conceição Nova — Encarnação — Martyres — Sacramento — S. Sebastião da Pedreira (intra-muros).

**BAIRRO OCCIDENTAL E TERCEIRA DIVISÃO
DE POLICIA**

Santa Isabel (intra-muros) — S. Mamede — Santa Catharina — Mercês — S. Paulo — Alcantara (intra-muros) — Lapa — Santos o Velho.

ESTABELECIMENTOS FUNERARIOS

São quatro os mais notaveis da capital : o do Castro situado na rua de Santo Antão ; o do Borken, no fim da rua nova da Palma ; um no largo da Abegoaria, junto á rua da Trindade, que fornece carros funebres no gosto moderno, abertos, com columnas e muito luxuosos ; e um outro na rua do Arco de Jesus, ao pé da rua Formosa.

Estes dois ultimos estabelecimentos tambem agenciavam funeraes, desde baixos preços até quantias elevadas.



POSTOS MEDICOS

Estabelecidos nas principaes ruas da cidade, como rua Augusta, da Prata, dos Fanqueiros, de S. Bento, etc. São destinados a fornecer facultativos de dia e noite, aonde forem reclamados com urgencia, mediante uma retribuição estabelecida.

São de bastante alcance estes estabelecimentos, pois n'uma capital dão-se frequentes casos de doenças repentinas e mesmo desgraças, que requerem os promptos cuidados de um facultativo.

CORREIO

TABELLA DOS PORTES DAS CORRESPONDENCIAS

—

**Correspondencias do reino e ilhas adjacentes
e da posta interna**

Cartas

Franquia facultativa

Sendo franqueadas por meio de sêllos postaes :

Até 10 grammas inclusivamente.....	25 réis
» 20 » » 	50 »
» 30 » » 	75 »

E assim por diante, subindo 25 réis por cada 10 grammas ou fracção de 10 grammas que crescer.

Não sendo franqueadas por meio de sêllos postaes :

Até 10 grammas inclusivamente.....	50 réis
» 20 » » 	100 »
» 30 » » 	150 »

E assim por diante, subindo 50 réis por cada 10 grammas, ou fracção de 10 grammas que crescer.

Correspondencias estrangeiras

Recebidas avulsas por via de Hespanha, qualquer que seja a sua procedencia, não transmittidas em conformidade com as convenções postaes.

Cartas

Até 10 grammas inclusivamente.....	200 réis
» 20 » »	400 »
» 30 » »	600 »

E assim por diante, subindo 200 réis por cada 10 grammas, ou fracção de 10 grammas que acrescer.

Recebidas avulsas ou em malas por via maritima, não transmittidas em conformidade com as convenções postaes.

Cartas

Até 10 grammas inclusivamente.....	100 réis
» 20 » »	200 »
» 30 » »	300 »

E assim por diante, subindo 100 réis por cada 10 grammas, ou fracção de 10 grammas que acrescer.

Recebidas da America do sul, ou para alli expedidas por barcos de vapor não subsidiados por

governos estrangeiros, com os quaes esteja, ou venha a ser regulada por convenções ou ajustes a expedição e recepção das correspondencias.

Cartas

Até 10 grammas inclusivamente.....	80 réis
» 20 » »	160 »
» 30 » »	240 »

E assim por diante, subindo 80 réis por cada 10 grammas, ou fracção de 10 grammas que crescer.

Recebidas de Gibraltar, ou para alli expedidas por via de Hespanha.

Cartas

Até 10 grammas inclusivamente.....	60 réis
» 20 » »	120 »
» 30 » »	180 »

E assim por diante, subindo 60 réis por cada 10 grammas, ou fracção de 10 grammas que crescer.

**Correspondencias registadas para o reino
e ilhas adjacentes**

Franquia obrigatoria por meio de sellos do correio

Por cada carta ou maço :

Premio fixo do registo..... 100 réis

Porte, o correspondente ao peso segundo a classe das correspondencias.

**Correspondencias apartadas, nacionaes
ou estrangeiras**

Por cada carta, ou maço de impressos,
e amostras de fazendas 10 réis

Provincias ultramarinas

(Não tem franquia por meio de sêllos)

Cartas

Até 15 grammas, inclusivè	50 réis
» 22,5 » »	100 »
» 30 » »	150 »

E assim por diante, augmentando 50 réis por cada 7,5 grammas.

Impressos, lytographias ou gravuras (cintados)

Até 30 grammas, inclusivè	20 réis
» 60 » »	40 »
» 90 » »	60 »

E assim por diante, augmentando 20 réis cada 30 grammas.

Manuscriptos e amostras de fazendas (cintados)

Até 30 grammas, inclusivè	50 réis
» 60 » » 	100 »
» 90 » » 	150 »

E assim por diante, augmentando 50 réis por cada 30 grammas.

Jornaes cintados, cada folha de impressãõ	40 réis
Cartas registadas : premio fixo do registro de cada carta, além do porte	100 »

Tabella dos portes a que ficam sujeitas as correspondencias franqueadas originarias de Portugal, Madeira e Açores, com destino para Italia e para os paizes a que a Italia serve de intermedio nos termos da convenção postal de 2 de abril de 1870

CORRESPONDENCIAS ORIGINARIAS DE PORTUGAL, MADEIRA
E AÇORES, COM DESTINO PARA ITALIA

*Cartas ordinarias e amostras de fazendas
por via de Hespanha e França*

Franquia facultativa em sêllos

Até 10 grammas inclusivè	120 réis
------------------------------------	----------

E assim por diante, augmentando 120 réis por cada 10 grammas, ou fracção d'este peso.

*Cartas ordinarias e amostras de fazendas
por via maritima*

Franquia obrigatoria em sêllos

Até 15 grammas inclusivè 100 réis
E assim por diante, augmentando 100 réis por
cada 15 grammas, ou fracção d'este peso.

*Cartas e impressos registados por via de Hespanha
e França*

Serão sempre franquidados por meio de sêllos, e
aos portes respectivos se addicionará o premio in-
variavel de 100 réis em sêllos pelo registo.

N. B. Por via de mar não se expedem corres-
pondencias registadas.

CORRESPONDENCIAS ORIGINARIAS DE PORTUGAL
MADEIRA E AÇORES, EM TRANSITO POR ITALIA, COM DESTINO
PARA OS PAIZES ABAIXO ASSIGNADOS

Austria

Cartas ordinarias, franquia facultativa até ao des-
tino, 170 réis por cada fracção até 10 grammas.
Cartas registadas, idem obrigatoria, 290 idem.
Jornaes e outros impressos, idem, 35 idem.

Grecia

Cartas ordinarias, idem facultativa, 170 idem.

Cartas registadas, idem obrigatoria, 290 idem.
Jornaes e outros impressos, idem, 35 idem.

Egypto (excepto Alexandria)

Cartas ordinarias, idem até Alexandria, 170 idem.
Jornaes e outros impressos, idem, 30 idem.

Alexandria do Egypto e Tunes

Cartas ordinarias, idem facultativa até ao destino,
170 idem.

Cartas registadas, idem obrigatoria, 290 idem.
Jornaes e outros impressos, idem, 30 idem.

Tripoli da Berberia

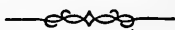
Cartas ordinarias, idem, 170 idem.
Jornaes e outros impressos, idem, 30 idem.

N. B. É expressamente prohibido incluir nas cartas que não forem registadas, dinheiro ou quaesquer outros objectos de valor. As cartas não registadas, contendo qualquer dos objectos mencionados, serão retiradas nas estações postaes, em que forem lançadas, e enviadas officialmente á direcção geral dos correios, que procederá á sua abertura, e fará entrar nos cofres da fazenda, á qual ficam pertencendo, os objectos n'ellas encontrados. No caso de perda ou descaminho de alguma carta registada, que contenha dinheiro, joias, ou quaesquer outros objectos de oiro ou prata, a

administração geral dos correios só pagará ao remetente a indemnisação de 5\$000 réis. As cartas que houverem de ser registadas, apresentar-se-hão fechadas com lacre, que deverá prender todas as dobras dos sobrescriptos.

Os maços de impressos, manuscritos ou amostras de fazendas, que contiverem cartas, serão porteados como cartas não franqueadas e remetidas ao seu destino. Os maços que contiverem juntamente impressos, manuscritos ou amostras, deverão ser franqueados pelo maior porte, que competir á classe das correspondencias n'elles encerradas; não se achando satisfeitas estas condições os ditos maços ficarão retidos, até lhe serem affixados pelos remetentes os sêllos que lhe faltarem.

Nenhum maço de impressos ou de amostras deverá exceder o peso de 1:000 grammas.



SERVIÇO TELEGRAPHICO NACIONAL

TAXA DOS TELEGRAMMAS TROCADOS ENTRE DUAS ESTAÇÕES
PORTUGUEZAS

Dentro do reino

Por cada despacho simples de uma a vinte palavras.....	200 réis
Por cada serie de 10 a mais das vinte	100 »

Dentro do recinto de Lisboa e Porto

Por cada despacho simples de uma a vinte palavras.....	50	»
Por cada serie de dez a mais das vinte	25	»

Fazem parte do recinto de Lisboa as estações de Belem, Ajuda e Bom Successo, e do Porto as da Foz do Douro, Mattosinhos e Devezas.

Por aviso que se pretenda de estar á vista qualquer navio de guerra ou paquete.	400	réis
--	-----	------

Para o que se dará parte previamente nas estações principaes de Lisboa ou Porto.

Por cada despacho trocado entre as estações telegraphicas e os navios no mar	600	réis
--	-----	------

Sendo só trocado entre a estação e o navio, sem que tenha de ser transmittido pelo telegrapho electrico	400	»
---	-----	---

**TABELLIÃES DE LISBOA**

Antonio de Abranches Coelho, rua dos Capellistas, 109, loja. — Cartorio n.º 6.

Antonio Joaquim Freire Cardoso, rua do Ouro, 26, loja. — Cartorio n.º 8.

Avelino Eduardo da Silva Mattos e Carvalho, rua do Ouro, 265, sobre-loja. — Cartorio n.º 16.

Camillo José dos Santos, rua do Arsenal, 1.º — Cartorio n.º 13.

João Antonio Godinho e Lima, praça de D. Pedro, 93, loja. — Cartorio n.º 14.

Francisco Guilherme de Brito, rua do Ouro, 165, sobre-loja. — Cartorio n.º 10.

Francisco Vieira da Silva Barradas, rua Augusta, 28, 1.º — Cartorio n.º 7.

João Baptista Ferreira, rua nova do Carmo, 102, sobre-loja. — Cartorio n.º 9.

João Baptista Scola, rua da Magdalena, 75, 1.º — Cartorio n.º 15.

Jorge Camelier, rua do Ouro, 50, 1.º — Cartorio n.º 4.

Jorge Filippe Cosmelli, rua do Crucifixo, 50, sobre-loja. — Cartorio n.º 18.

José Carlos Rodrigues Grillo, rua de S. Bento, 61, loja. — Cartorio n.º 12.

José Justino de Andrade e Silva, rua da Magdalena, 8, 1.º — Cartorio n.º 2.

José Maria Barcellog Junior, rua do Ouro, 265, sobre-loja. — Cartorio n.º 1.

Manuel Augusto de Moraes da Silva, rua Augusta, 141, 1.º — Cartorio n.º 3.

Manuel Bernardino Soares de Brito, rua de Santo Antão, 9, 1.º — Cartorio n.º 11.

Manuel Maria Mascarenhas Xavier de Brito, rua da Prata, 98, 2.º — Cartorio n.º 5.

Pedro Ricardo Cosmelli, rua de S. Paulo, 238, sobre-loja. — Cartorio n.º 17.



TABELLA PERMANENTE DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

ENTRE LISBOA E O ENTRONCAMENTO

Estações	Preço dos bilhetes por classes		
	1. ^a	2. ^a	3. ^a
LISBOA	—	—	—
Poço do Bispo	₤120	₤090	₤070
Olivaes	₤140	₤110	₤080
Sacavem	₤190	₤150	₤110
Povoa	₤350	₤270	₤190
Alverca	₤420	₤330	₤240
Alhandra	₤500	₤390	₤280
Villa Franca	₤590	₤460	₤330
Carregado	₤700	₤550	₤390
Azambuja	₤890	₤700	₤500
Ponte de Reguengo	1₤040	₤810	₤580
Sant'Anna	1₤160	₤900	₤650
Valle de Santarem	1₤420	1₤110	₤790
Santarem	1₤420	1₤110	₤790
Valle da Figueira	1₤590	1₤240	₤890
Matto de Miranda	1₤780	1₤390	₤990
Torres Novas	1₤950	1₤520	1₤090

ENTRE LISBOA E PORTO

Estações	Preços dos bilhetes por classes		
	1. ^a	2. ^a	3. ^a
LISBOA	—	—	—
Entroncam. { Chegada } { Partida }	2\$030	1\$580	1\$130
Thomar (Payalvo)	2\$290	1\$780	1\$280
Chão de Maçãs	2\$460	1\$920	1\$370
Caxarias	2\$650	2\$060	1\$470
Albergaria	2\$840	2\$210	1\$580
Vernhoil	3\$070	2\$390	1\$710
Pombal	3\$220	2\$500	1\$790
Soure	3\$520	2\$740	1\$960
Formoselha	3\$820	2\$970	2\$130
Taveiro	4\$010	3\$120	2\$230
Coimbra	4\$130	3\$210	2\$290
Souzella	4\$260	3\$310	2\$370
Mealhada	4\$480	3\$490	2\$490
Mogofores	4\$640	3\$610	2\$580
Oliveira do Bairro	4\$790	3\$720	2\$660
Aveiro	5\$160	4\$020	2\$870
Estarreja	5\$450	4\$240	3\$030
Ovar	5\$690	4\$430	3\$170
Esmoriz	5\$900	4\$590	3\$280
Espinho	6\$020	4\$680	3\$340
Granja	6\$070	4\$720	3\$380
Valladares	6\$200	4\$830	3\$450
Villa Nova de Gaya	6\$300	4\$900	3\$500

ENTRE LISBOA E BADAJOZ

LISBOA	—	—	—
Entroncam. { Chegada } { Partida }	2\$030	1\$580	1\$130
Barquinha	2\$100	1\$640	1\$170
Praia	2\$250	1\$750	1\$250

Estações	Preços dos bilhetes por classes		
	1. ^a	2. ^a	3. ^a
Tramagal	2\$460	1\$920	1\$370
Abrantes	2\$560	1\$990	1\$420
Bemposta	2\$780	2\$170	1\$550
Ponte de Sor	3\$100	2\$420	1\$730
Chança	3\$480	2\$710	1\$940
Crato	3\$780	2\$940	2\$100
Portalegre	4\$110	3\$190	2\$280
Assumar	4\$300	3\$340	2\$390
Santa Eulalia	4\$650	3\$620	2\$590
Elvas	5\$010	3\$900	2\$790
BADAJOS	5\$340	4\$150	2\$960

BILHETES ESPECIAES A PREÇOS REDUZIDOS

1.º Bilhetes de 3.^a classe de ida e volta, válidos desde os sabbados até ás segundas feiras, e desde as vespersas dos dias santificados até ao immediato a estes de Villa Nova de Gaya a todas as estações até Ovar.

2.º Bilhetes de todas as classes, diários de ida e volta, com abatimento de 20 por cento.

De Lisboa a todas as estações até Santarem, e vice-versa.

De Villa Nova de Gaya a todas as estações até Aveiro e vice-versa.

De Coimbra a todas as estações até Pombal, e vice-versa.

De Coimbra a todas as estações até Villa Nova de Gaya e vice-versa.

De Elvas a Badajoz, e vice-versa.

3.º Bilhetes collectivos de 3.^a classe a 6 réis por pessoa o kilometro, para grupos nunca inferiores a 20 passageiros das estações comprehendidas entre Villa Nova de Gaya e Some inclusivê para as comprehendidas :

1.º Entre Ponte de Sor e Elvas inclusivê ou vice-versa

2.º „ „ Entroncamento a Lisboa „ „ „

CAMINHO DE FERRO DO SUESTE

Estação principal, Praça do Commercio (ponte dos vapores), escriptorio da direcção. no edificio da secretaria das obras publicas

Serviço dos vapores

Estações	Preços de Lisboa		Estações	Preços do Seixal	
	Ré	Prôa		Ré	Prôa
Lisboa	—	—	Seixal	—	—
Barreiro	50	30	Cam.º de ferro.	50	30
Cam.º de ferro.	150	100	Barreiro	50	30
Seixal	150	100	Lisboa	150	100

SUL E SUESTE

Estações	Distancias — Kilom.	Preço dos bilhetes por classes		
		1. ^a	2. ^a	3. ^a
Barreiro	—	—	—	—
Lavradio	2	§170	§140	§100
Alhos Vedros	5	§170	§140	§100
Moita	8	§240	§190	§140
Pinhal Novo (Entroncamento)	15	§420	§320	§230
Palmella	23	§620	§480	§330
Setubal	28	§750	§570	§390
Poceirão	30	§800	§610	§420
Pegões	42	1§100	§830	§570
Vendas Novas	57	1§480	1§120	§760
Montemór	78	1§930	1§460	§990
Casa Branca (Entroncamento)	91	2§310	1§740	1§170
Alcaçovas	103	2§610	1§970	1§330

Estações	Distâncias — Kilom.	Preço dos bilhetes por classes		
		1. ^a	2. ^a	3. ^a
Vianna	111	2\$810	2\$120	1\$430
Evora	117	2\$960	2\$230	1\$500
Villa Nova.....	117	2\$990	2\$250	1\$510
Alvito	125	3\$190	2\$400	1\$620
Cuba	138	3\$490	2\$630	1\$770
Beja	154	3\$920	2\$950	1\$980
Baleisão	166	4\$220	3\$180	2\$130
Quintos.....	174	4\$420	3\$330	2\$230
Outeiro	170	4\$330	3\$360	2\$190
Figueirinha		4\$610	3\$460	2\$310
Carregueiro	191	4\$860	3\$650	2\$400
Casevel	200	5\$120	3\$840	2\$580
Azareja	136	3\$460	2\$610	1\$750
Val Pereira	141	3\$590	2\$710	1\$820

N. B. Todos os bilhetes comprados em Lisboa teem o augmento de 150 réis para o vapor na 1.^a e 2.^a classe, e 100 réis na 3.^a classe.

Para a linha de Quintos só ha comboyos ás terças, quintas, sabbados e domingos.

PREÇOS DA COMPANHIA DE CARRUAGENS LISBONENSES

ESTAÇÃO CENTRAL. — Largo de S. Roque. ESTAÇÃO FILIAL. — Rua direita d'Alcantara, 50 a 53. ESTAÇÕES TELEGRAPHICAS. — Travessa de Santa Justa, 85. — Rua de S. Bento, 25 (proximo á calçada da Estrella).

Tabella de preços

DEMARCAÇÃO PARA O SERVIÇO ORDINARIO DAS CARRUAGENS

Dá-Fundo, largo d'Ajuda, largo do Calhariz e igreja parochial de Bemfica, largo de Carnide, calçada de Carriche (Nova Cintra), Ameixoeira, largo da Charneca, alto da Portella, largo dos Oliveaes.

SERVIÇOS	PREÇOS		
	TREM	TREM	CHAR-Á-BANCS
	4 pessoas	2 pessoas	9 pessoas
Dentro da demarcação			
POR DIA			
Todo o dia, desde o romper do sol até á meia noite	4\$000	3\$500	6\$000
Manhã, desde o romper do sol até ao meio dia	2\$000	1\$800	3\$500
Tarde, desde o meio dia até á meia noite	3\$000	2\$500	4\$500
Cada hora de serviço, antes ou depois das horas supra	\$400	\$300	\$800
ÁS HORAS			
<i>Desde o romper do sol até á meia noite</i>			
2 horas	1\$300	1\$200	—\$—
Terceira e seguintes, não havendo interrupção	\$400	\$300	—\$—
Meias horas depois das 2	\$200	\$200	—\$—
Fóra da demarcação			
Além dos preços acima estipulados paga-se mais :			
Por cada legua fóra da demarcação	\$400	\$300	\$600
Por cada meia legua mais	\$200	\$200	\$300

SERVIÇOS	PREÇOS		
	TREM	TREM	CHAR-Á-BANCOS
	4 pessoas	2 pessoas	9 pessoas
Serviço especial			
CINTRA—Dia todo, levar e trazer, desde o romper do sol até a meia noite	6\$500	5\$200	10\$200
Ir levar ou buscar	4\$800	4\$000	7\$200
COLLARES — Dia todo, levar e trazer	8\$600	6\$600	13\$000
Levar ou buscar	6\$200	5\$000	9\$600
MAFRA—Dois dias, ir n'um dia e voltar no seguinte	12\$000	9\$000	18\$000
Um dia, ir levar ou buscar	8\$000	6\$400	12\$000
ERICEIRA —Dois dias, ir n'um dia e voltar no seguinte	14\$200	11\$000	22\$000
Ir levar ou buscar	10\$200	8\$400	16\$000
MAFRA, CINTRA, LISBOA — Tres dias, indo de Lisboa a Mafra, no dia seguinte a Cintra, e no terceiro para Lisboa	16\$800	13\$000	27\$000
ESTORIL E CASCAES — Dia todo, levar e trazer, desde o romper do sol até a meia noite	6\$000	5\$000	9\$000
Ir levar ou buscar	4\$500	4\$000	7\$000
QUELUZ OU BELLAS—Para qualquer d'estas localidades não augmentam os preços, por dia, dentro da demarcação, uma vez que os trens não fazem serviço em Lisboa.			
CAMINHO DE FERRO — levar ou buscar	1\$200	1\$000	—\$—
THEATRO — levar e buscar	1\$500	1\$200	—\$—
BAILE — levar e buscar	3\$000	2\$400	—\$—
BANHO — levar e trazer	1\$800	1\$500	—\$—

Aluguer aos mezes

SERVIÇOS	PREÇOS	
	TREM — 4 pessoas	TREM — 2 pessoas
Cada mez (30 dias).....	78\$000	70\$000



**ESTABELECIMENTO DE CARRUAGENS
DE CAMPOS JUNIOR**

Rua do Arco do Bandeira, n.º 187

Ha um variado sortimento de trens, como se fossem particulares, commodos e elegantes, sendo : caleches, coupés, victorias, phatons, char-a-bancs, etc., proprios para visitas, theatros, casamentos, baptisados, passeios ao campo, banhos, e todos os mais serviços.

Tambem se alugam trens aos mezes. Os preços são os mais rasoaveis, e não superiores aos dos outros estabelecimentos.

Tabella dos preços dos trens de aluguer

PREÇOS DOS TRENS DE PRAÇA

Designação do serviço	Preços de dia	Preços de noite	
		Até à 1 hora	Da 1 hora até ao romper da aurora
DENTRO DA CIDADE			
Corrida	300	320	620
Às horas :			
Cada hora	400	420	820
Cada 1/2 hora mais	200	210	410
Cada 1/4 de hora mais	100	105	205
FÓRA DA CIDADE			
N'uma área de 10 kilometros a contar do ponto de partida			
Às horas :			
Cada 1/4 de hora de ida	150	155	305
Cada 1/4 de hora de espera	100	100	100
De volta para a cidade	2/3 do que fôr contado pela ida		

OBSERVAÇÕES

Sempre que forem transportados mais de dois passageiros, augmenta o preço, por cada um que exceder, no equivalente a metade do que fica estabelecido para dentro da cidade, e para fóra com respeito a ida e volta.

Qualquer espaço de tempo, maior de cinco minutos, que exceda aquelle que se contar na fórmula da presente tabella, será tido como um quarto de hora, para ser pago n'essa conformidade.

O preço da passagem de noite só tem logar quando accesa a iluminação publica no ponto da partida.

COMPANHIA DE CARRUAGENS OMNIBUS

Largo do Pelourinho n.ºs 16 e 17

Tabella das viagens, horas e preços de diferentes carreiras, dependentes das alteraçõs que o serviço possa exigir

Carreira de Belem. — Verão — 25 viagens das 7 horas da manhã ás 10 da noite.

Inverno — 20 viagens das 7^{1/2} da manhã ás 7^{1/2} da noite.

Termo medio entre viagem é de ¹/₂ hora.

Preço 80 réis de dia, 120 á noite; estação em Alcantara, preço 50 réis.

Carreira de Bemfica. — Verão — 5 viagens das 7^{1/4} da manhã ás 7^{3/4} da noite.

Inverno — 3 viagens das 7^{1/4} da manhã ás 6^{1/2} da noite.

PREÇO — Dia 120 réis, noite 160 réis. Estações ás portas 60 réis dia, 80 réis noite.

Carreira do Lumiar. — Idem.

Carreira do Poço do Bispo. — Idem. Preço 80 réis dia e noite, estação a Xabregas 60 réis.

Carreira de Oeiras. — Verão e inverno — 1 viagem. Ida ás 3 horas da tarde, volta ás 7 da manhã, preço 240 réis. Estações : Alcantara 50 réis, Belem 80 réis, Pedroços 120 réis, Cruz Quebrada 160 réis.

Carreira de Cintra. — Extraordinarias. — Preço 600 réis por pessoa ida ou volta ; ida e volta 1\$000 réis.

Alugam carruagens para diferentes pontos — medio do preço, o completo da carruagem.

HOTELS E CASAS DE PASTO

Grande Hotel. — Rua do Chiado, 72. É sem contradicção a primeira casa de pasto de Lisboa, tanto pela boa sociedade que a frequenta, como pela perfeição de seus diversos e exquisitos manjares. É seu proprietario o bem conhecido Matta. Fornece jantares diplomaticos, ceias para bailes, etc.

Restaurant Central. — Rua do Oiro, entrada pela travessa da Assumpção, 99.

União. — Rua da Conceição (vulgò rua dos Retrezeiros), 149.

Irmãos Unidos. — Rua das Gallinheiras, 11; tambem tem entrada pela Praça de D. Pedro, 113.

Garcia. — Pasteleiro na rua da Prata, 267.

Estrella de Oiro. — Rua da Prata, 289.

Peixe assado. — Rua larga de S. Roque, 72.

Gallo. — Rua dos Algibebes, 91.

Antigo Cambalhota. — Rua Oriental do Passeio. 145, entrada pela escada.

Antigo Magina. — Pateo do Duque (atraz do theatro de D. Maria), tem tambem entrada pela rua de Santo Antão, 9.

Toboas. — Travessa de S. Domingos, 47.

Manuel Lourenço. — Rua da Prata, 100.

João do Gallo. — Rua da Prata, 54.

Chuva. — Rua da Prata, 53.

Antigo Penim. — Travessa do Regedor, 18; entrada pela escada.

Estrella de Prata. — Rua nova do Amparo, 7.

Romão. — Rua do Arco do Bandeira, 10. Afamado pelos bons pasteis e boas ostras.

Central. — Rua do Amparo, 28.

Martins. — Rua Augusta, 214.

Ha ainda outras casas de pasto em diversos pontos da capital que não vão aqui mencionadas.



BOTEQUINS OU CAFÉS

Café Central. — Rua do Chiado. Fornece almoços de garfo, ceias, etc. É frequentado pelos rapazes da melhor sociedade, os quaes alli se reúnem á noite até alta hora. Tem gabinetes reservados.

Aurea Peninsular. — Rua do Oiro; tem bilhares e diversos jogos.

Antigo Tavares. — Rua larga de S. Roque; tem bilhares.

Café Camões. — Largo de Camões.

Café Freitas. — Praça de D. Pedro.

Café Europeu. — Praça de D. Pedro. Tem bilhares.

Café Suisso. — Largo de Camões. Tem jogos.

Martinho. — Largo de Camões. Ponto de reunião dos litteratos e politicos.

Antigo Marcos Filippe. — Largo do Pelourinho.

Martinho da Neve. — Debaixo da arcada da Praça do Commercio, no fim da rua da Prata.

Marrare. — Travessa de Santa Justa; tem bilhares.

Antigo Barnabé. — Largo de Santa Justa; tem bilhar.

Café Electrico. — Rua de S. Julião (vulgo, rua dos Algibebes); tem bilhares.

Café Francez. — Rua do Alecrim; tem bilhares.

Café Montanha. — Travessa da Assumpção. É um magnifico café, elegante, muito frequentado, e tem seis bilhares no andar superior. Fornece comidas frias, etc.

Café do Commercio. — Praça dos Romulares, 6.

Antigo Bernardo. — Praça dos Romulares, 22.

Café Price (taberna ingleza). — Caes do Sodré, 76. Fornece almoços e mesmo jantares á ingleza; é notavel pelos seus bifés, e muito frequentada por estrangeiros e maritimos.

Café Gibraltar (Restaurant). — Caes do Sodré, 39. Tem bilhares, comidas frias, e bem decorados gabinetes para senhoras.

Café Oriental (Restaurant). — Rua dos Algibebes, 134.

Café Casino (antigo Café Concerto). — Estabelecido no mesmo Casino, largo da Abegoaria; é espaçoso, elegante, tem bilhares e diversos jogos. No andar superior dão-se bailes mascarados, concertos, etc.

Salão Britannico. — Praça de D. Pedro. Tem bilhares.

Brasserie de Vienna. — Rua do Principe, 47. Comidas frias, sorvetes, refrescos, vinhos, cerveja da Baviera, etc. Tem diversos jogos.

Deposito de cerveja da Baviera. — Rua do Principe, 72. É administrada pelo fabricante de cerveja Jansen, e fornece refrescos, cervejas, etc. É decorada com todo o aceio e elegancia. Tem bilhares.

Deposito de cerveja. — Rua do Thesouro Velho. Cerveja da Baviera da fabrica de Jansen, refrescos, etc. É um bello estabelecimento muito frequentado e tem diversos jogos.

Mayllard. — Deposito de cerveja. Rua de S. Bento.

Bolla de prata. — Calçada do Carmo, 106. Tem bella *soda Water*.

Ha mais outros botequins ou cafés menos importantes que aqui não mencionamos.



PHOTOGRAPHIAS

Sifca. — Photographo de suas magestades. Calçada das Necessidades.

Photographie Universelle. — Rua Oriental do Passeio, 52. Os trabalhos d'este estabelecimento são de muita perfeição.

Aux arts reunis. — Rua nova dos Martyres, 46.
Tira tambem retratos a oleo.

Rocha. — Praça da Alegria, 111.

Photographia Nacional. — Damião da Graça.
Praça da Alegria, 106.

Photographia Luso-Escoceza. — Rua do Arsenal,
108.

Schenk. — Rua do Teixeira, a S. Pedro de Alcantara.

Loureiro. — Calçada do Duque, 18.

Bastos. — Calçada do Duque, 25.

Gomes. — Travessa das Portas de Santa Catharina, 9.

Photographia Central. — Largo da Abegoaria
(junto à rua da Trindade), 4.

Rocchini. — Rua larga de S. Roque, entrada pela
travessa da Agua de Flôr, 1.

Henrique Nunes. — Rua das Chagas.

Gomes. — Rua nova da Palma.

Pardal. — Rua de S. Paulo.

Photographia Lusitana. — Rua do Moinho de
Vento, junto ao passeio de S. Pedro de Alcantara.

Marron. — Rua do Caldeira.

Lusitana. — Madeira & Lima. Rua do Thesouro
Velho, 24.

Serra. — Calçada do Combro, 29, defronte da
egreja dos Paulistas.

DIVERTIMENTOS PARTICULARES

Sob este titulo daremos noticias das principaes assembléas, academias philarmonicas e litterarias, onde o viajante pode ser apresentado por qualquer socio.

Club Lisbonense. — Estabelecido no largo do Carmo. Reunião ordinaria todos os dias, jogo, leitura de jornaes, chá, etc. No inverno, bailes, que são dos mais esplendidos da capital e onde concorre a mais escolhida sociedade.

Gremio Litterario. — É a reunião nocturna dos litteratos, cavalheiros distinctos e mocidade estudiosa. Possui uma bella bibliotheca, jornaes nacionaes e estrangeiros, scientificos e politicos, jogo, etc. Largo do Barão de Quintella; actualmente no palacio que pertenceu ao conde do Farrobo.

Club Portuguez. — Travessa de Santa Justa, 70.

Assembléa Lusitana. — Largo dos Torneiros, 2.

Assembléa Familiar. — Rua do Alecrim.

Recreação Phylarmonica. — Rua do Arco de Bandeira, 226.

Sociedade Alumnos de Minerva. — Rua da Atalaia.

Sociedade 8 de Junho. — Rua de Nossa Senhora da Conceição, 48.

Academia Lisbonense. — Rua da Atalaia, 138.

Academia Fenians. — Calçada dos Caldas, 166.

Ha na capital outras reuniões menos notaveis, philarmonicas e litterarias, que offerecem distracção aos seus socios e convidados.



BANHOS PUBLICOS

A cidade de Lisboa é tão pobre de estabelecimentos de banhos publicos, como Portugal é rico de aguas mineraes.

O Tejo offerece suas aguas aos banhistas da capital, que nas differentes *barcas* destinadas a banhos,ahi vão dar allivio a suas doenças, ou *diversão* ao espirito.

Estas *barcas*, que mais propriamente se podem denominar *banhos fluctuantes*, servem de utilidade a quem, por economia, ou outro qualquer motivo, não pode frequentar as bellas praias de Pedreiro, Paço d'Arcos, Cascaes, etc., e estacionam em geral em frente do caes das Columnas (na praça do Commercio) ou da praça dos Romulares. Algumas são decoradas com bastante aceio, tendo abordo todas as commodidades como : piano, bufete para almoços, etc., n'este numero cita-se com preferencia a que denominam *Deusa dos Mares*.

No sitio de Rilhafoles, proximo ao campo de Sant'Anna, existe o melhor estabelecimento de banhos da capital; é sem contradicção o primeiro em

atenção á diversidade de banhos que offerece, ao seu aceio, e boa ordem.

Aqui apresentamos uma tabella de preços, e a designação das diversas qualidades de banhos que alli existem.

PREÇOS DOS BANHOS

Tepidos

GERAES

Banho de immersão de agua simples.....	200
Compostos.....	{ Emolliente 300
	{ Aromatico..... 300
	{ Gelatinoso 600
	{ Sulphureo 480
Duche.....	400

LOCAES

Semicupio — pe- diluvio — com duche.....	{	Em agua immovel.....	200	
		Horisontal.....	400	
		Descendente.....	400	
		Ascendente	{ Vaginal	{ Simples..... 300
			{ Rectal	{ Composto ... 400
			{ Rectal	{ Simples 300
		{ Rectal	{ Composto ... 400	
Movel.....	300			

Frios

GERAES

Banho de immersão com duche.....	{	De chorro.	300
		De chuva.	300
Duche.....	{	Descendente em fórmula	{ De chorro. 300
			{ De chuva. 300
		Transversal em fórmula de onda....	400

LOCAES

Semicupio — pe- diluvio — com duche	}	Em agua immovel.....	200		
		Horisontal.....	200		
		Descendente.....	200		
	}	Ascendente	} Vaginal	Simples.....	200
				Composto ...	240
		} Rectal	Simples.....	200	
			Composto ...	240	

Vapor

SECCOS

Em estufa de ar quente com affusões de agua fria (Banho Russo).....	720
Em estufa de ar quente alternado com banho de im- mersão, ou duche de agua fria	800

HUMIDOS

Geral.....	}	Simples.....	500
		Composto .	Emolliente.....
			Aromatico.....
Local por meio de duche fixo ou movel....	}	Simples.....	500
		Composto .	Emolliente.....
			Aromatico.....

Fumigações

GERAES

Compostas	}	Emolliente.....	500
		Sulphuroso.....	500

LOCAES

Compostas	}	Emolliente.....	500
		Sulphuroso.....	500

*
* *

* *

O estabelecimento dos banhos sulfureos do Arsenal da Marinha sito junto ao largo de S. Paulo é dirigido pelo doutor Agostinho Vicente Loureiro, e pode-se affiançar que no seu genero é de bas-

tante importancia, pois reúne a todas as condições necessarias que a hygiene prescreve, a commodidade e a ordem que a boa sociedade requer.

Os doentes que soffrem do rheumatismo, gota, nevralgias e especialmente de enxaquecas pertinazes, doenças cutaneas, chlorose e diversos accidentes escrofulosos, podem recorrer com confiança á benefica influencia d'estas aguas superiores, não sómente a todas as aguas mineraes do reino, mas a quasi todas as aguas da Europa, no tratamento das mencionadas doenças. A experiencia de muitos annos tem demonstrado, que 13 a 24 banhos sulfureos do arsenal curam ou aliviam mais efficazmente as dores rheumaticas e nevralgicas, que longos, penosos e dispendiosos tratamentos. Todos os medicos, que tiveram occasião de os applicar, estão de accordo sobre a sua decidida superioridade.

Dão-se no mesmo estabelecimento, os banhos das aguas salino-muriaticas da fonte de S. Paulo, analogas, mais fortes que os banhos do Estoril, e muito efficazes contra as doenças cutaneas: assim como os banhos simples ou de limpeza por preços muito modicos.

PREÇOS

Banhos sulfureos do arsenal

Tina.....	400 réis
Jorro ou de chuva.....	500 »

Banhos salino-muriaticos

Tina, 1. ^a classe.....	240 réis
» 2. ^a dita	200 »
Jorro ou de chuva.....	300 »

Banhos simples

1. ^a classe	160 »
2. ^a dita.....	120 »
Jorro ou de chuva.....	200 »

Banhos em domicilio

Vinte e cinco litros de agua sulfurea .	100 »
De vinte e cinco a setenta e cinco....	300 »
Por cada vinte e cinco litros a mais..	100 »

O estabelecimento fornece roupa aos banhistas que a desejarem.

*
* *

O doutor José Romão Rodrigues Nilo tambem possui um bom estabelecimento de banhos na rua nova de S. Domingos n.º 22, proximo á Praça de D. Pedro ; eis aqui a tabella dos seus preços :

Banhos simples

Banho de tina simples, <i>avulso</i>	300 réis
--	----------

Assignatura de :

6 bilhetes (6 banhos).....	1\$440 réis
12 bilhetes (12 banhos).....	2\$500 »

Banhos compostos

Banhos aromaticos, tonicos, emolientes, sulphureos (caldas), <i>avulso</i>	450 »
Assignatura de 6 bilhetes	2\$250 »
Assignatura de 12 bilhetes.....	3\$750 »
<i>N. B.</i> Os banhos compostos encomendam-se de vespera.	
Banho de chuva ou irrigação, duche, <i>avulso</i>	200 »
Banho de bomba simples (duche horizontal)	700 »
Banho de bomba composto	800 »
Duche ascendente (para hemorroidas, descida ou prolapsus do utero e do recto).....	800 »
Banho de vapor simples.....	640 »
Banho de vapor composto	770 »
Banho de bomba de vapor (duche)...	1\$000 »
Fumigação sulphurosa	800 »
Fumigação de composição mercurial, etc.	1\$000 »
Banho de estufa secca	1\$000 »
Banho semicupio simples.....	200 »

Banho semicupio emoliente, calmante, e sedactivo	300 réis
Pediluvio, lavagem de pés.....	100 »

O estabelecimento tem cadeirinhas de aluguer.



A terceira casa de banhos é situada no largo do Poço do Borratem n.º 4; está montada com bastante aceio, e é muito frequentada. É dirigida pelo Doutor Brillhante.

A tabella dos preços é a que segue:

Banhos ..	}	Geraes.	De immersão	Frios	240
				Mornos	240
			Decadentes..	Duche	200
				De chuva	200
			De vapor ...	Simples	600
				Aromaticos.....	700
				Terebinthinaceos	700
			Locaes.	Russos	700
				Pediluvios	200
				Semicupios.....	200
Fumigações	200				

O estabelecimento offerece gratuitamente a roupa necessaria.

CASA DE BANHOS

No *Hotel Central*, caes do Sodré, esquina da Praça dos Romulares.

N'este estabelecimento ha banhos frios, quentes, de agua doce, salgada e mineral.

Os quartos são decorados com todo o aceio e o serviço excellente, offerecendo todas as commo-didades aos banhistas.

Preços regulares.

**BANHOS DAS ALÇAÇARIAS**

Rua do Terreiro do Trigo, n.º 80. É o estabelecimento mais antigo de Lisboa, e foi construido sobre as ruinas de uma casa de banhos arabe. São recommendaveis para molestia de pelle, dores rheumaticas, affecções nervosas, etc. Possui tres qualidades de agua mais ou menos saturadas de enxofre.

PALACIOS REAES

Paço e quinta das Necessidades

O terreno que occupa este palacio e quinta, foi comprado por D. João v, que reedificou a ermida que ahi existia, da invocação de Nossa Senhora das Necessidades, elevando-a á cathegoria de capella real e mandou construir junto d'ella o palacio que hoje existe. O edificio que fica ao lado da quinta foi dado para habitação dos padres da congregação do oratorio, depois do terremoto de 1755 : foi n'este convento que tiveram as suas sessões as côrtes constituintes de 1821. Actualmente tem havido importantes melhoramentos n'estes paços e o terreiro que se estende pela frente da fachada principal foi modernamente alindado ; tem uma fonte e um gracioso e elevado obelisco de uma só e excelente pedra. O palacio encerra muitas preciosidades, entre as quaes uma rica livraria, abundante de manuscriptos raros, codices estimados e edições não vulgares, bem como um museu importante.

A quinta tem espaçosas ruas, onde podem rodar carruagens ; copia de plantas exoticas e variedade de flores, cysnes, pavões, viveiros de passaros e estufas. A abundancia de aguas e arvoredos tornam este sitio aprasivel.

Palacio da Bemposta

Foi edificado por D. Catharina de Portugal, viuva de Carlos II, rei de Inglaterra, pelos fins do seculo XVII. Nada tem de notavel como obra d'arte, e a sua situação no principio da estrada d'Arroios, junto ao Campo de Sant'Anna é desagradavel. D. João VI alli costumava residir e alli morreu a 10 de março de 1826. Uma das fachadas do palacio deita sobre extensa quinta. Actualmente foi cedido para estabelecimento da escola do exercito.

Palacio e quinta de Belem

D. João V — o rei edificador — deu começo a este palacio, que seus successores continuaram, muito irregularmente; contém todavia bellos salões, aonde o imperante costuma dar seus bailes; um espaçoso jardim e uma vasta sala de manejo de cavallos. Antigamente havia uma collecção de feras nos pateos d'este palacio. Ao norte fica o jardim botanico e a *Quinta de cima* — outra habitação real, das que fundou D. João V. Do lado do sul fica o largo de D. Fernando e o bello caes de Belem.

É a residencia do Senhor D. Fernando, e de sua esposa.

Palacio da Ajuda

O real palacio da Ajuda é actualmente a residencia do chefe do estado, el-rei D. Luiz I, de sua esposa D. Maria Pia de Saboya, e do Senhor infante D. Augusto.

Foi D. João vi quem lançou a primeira pedra d'este edificio sobre as ruinas do *Paço velho*, que ardeu. Apenas um terço do palacio está concluido, mas essa parte é tão vasta que seria digna morada de qualquer monarcha. É todo de marmore e comprehende extensas galerias e salas mobiladas, muitos quadros, elegantes torreões e um vestibulo com muitas estatuas allegóricas, obra do celebre Machado de Castro, de Barros, Aguiar, Faustino José Rodrigues e outros esculptores nacionaes. As pinturas das salas são dos pinceis de Cyrillo Machado, Sequeira, Taborda e dizem que tambem do Vieira portuense. Os primeiros architectos foram José da Costa, os dois Fabri, Manuel Caetano, e o ultimo Antonio Francisco da Rosa. Tem uma magnifica bibliotheca pertencente a el-rei, confiada ao cuidado do sabio Alexandre Herculano; nos restos do *Paço velho*, que lhe fica ao sopé, se conserva ainda o theatro, aonde se representou pela primeira vez a opera italiana em Portugal.

Este paço, por occasião do consorcio de sua magestade soffreu notaveis melhoramentos, tanto em adorno de salas, como em muitas obras

praticadas no largo, em frente do real aposento.

Ha projecto de acabar a fachada que se acha por concluir, ficando d'este modo o palacio da Ajuda um dos mais notaveis da Europa.

N'este palacio ha actualmente uma notavel galleria de pintura, tendo muitos quadros dos melho- res auctores e de subido preço.

Palacio de Caxias

Nada tem de notavel esta residencia real. A quinta annexa tem uma magnifica cascata e um mirante d'onde se avista o Oceano, a grande distancia, e que serve de baliza aos praticos da barra.

Palacio de Queluz

Está situado em logar quasi deserto, duas leguas, dez kilometros, ao norte de Lisboa. Foi fundado por D. Pedro III e compõe-se de differentes corpos de edificio, obra de diversos architectos. É sobre- carregado de decorações de todos os estylos, adornado de estatuas, vasos e columnas em profusão e communica com uma espaçosa quinta e os mais bellos jardins de todo o reino. Na sua capella, tam- bem magnifica, ha uma formosa columna de aga- tha, presente do Papa Pio VII a D. João VI. É no- tavel uma sala do palacio toda forrada de gigantes- cos espelhos, e por todo elle se encontram optimas

pinturas e riquissimos adornos. Ahi nasceram D. João vi e seu filho D. Pedro iv, e falleceu este ultimo em uma camara que ainda hoje se conserva, adornada do mesmo modo que estava em 24 de setembro de 1834.

Ao sul do Tejo tem sua magestade o palacio e quinta do Alfeite, e em Cintra e Mafra outras residencias reaes.



CAMARAS LEGISLATIVAS

No vasto edificio do extincto convento de S. Bento, estão as salas das sessões e os archivos das duas camaras legislativas dos pares do reino e dos deputados da nação; foram construidos em 1834, sob a direcção do archivista João Vicente Pimentel Maldonado (distincto poeta lyrico). A sala dos deputados é espaçosa e bem ornada e ahi teem logar as sessões reaes. Tem galerias publicas e reservadas para ambos os sexos, corpo diplomatico e familia real. A sala dos pares, é de moderna construcção, e de bastante elegancia e até magnificencia.

Municipalidade

Antigamente no recanto occidental do Terreiro do Paço, entre a rua do Ouro e a do Arsenal. Actualmente o municipio está por emprestimo junto

ao estabelecimento do *ver-o-peso*, na Ribeira Velha, isto depois do incendio do Banco de Portugal, por que no local d'esse edificio se está edificando os novos paços do concelho.

Ministerios

Ha sete secretarias de estado, que todas estão collocadas em o Terreiro do Paço, nos vastos lanços do edificio que circundam a praça. No lado septentrional está o ministerio da justiça e no occidental as repartições dos negocios estrangeiros, secretaria do reino e o concelho de estado; obras publicas, fazenda, marinha e guerra.

Tribunaes

Supremo tribunal de justiça. — Primeiro tribunal do paiz. Recebe em revistas as causas que foram julgadas em 2.^a instancia pelas relações do reino. Reune-se no Terreiro do Paço entre a rua do Ouro e a Augusta.

Supremo conselho de justiça militar. — Compõe-se de duas secções, uma do exercito, outra de marinha, formada cada uma de seis officiaes generaes e um relator. O local das suas sessões é no Arsenal da Marinha.

Relação de Lisboa. — Tambem no Arsenal da Marinha, sobre a porta principal. Recebe por ap-

pellação as causas julgadas pelos juizes de direito ou correccionaes do seu districto.

Tribunaes do commercio de 1.^a e 2.^a instancia. — No torreão oriental do Terreiro do Paço, sobre a praça do Commercio ou *Bolsa*.

Juizes de direito de 1.^a instancia. — Ha seis em Lisboa e dão audiencia no extincto convento da Boa Hora, bem como os juizes de policia correcional e dos orfãos; ahi funcionam tambem os jurados.

Auditorio da marinha. — No Arsenal.

Relação ecclesiastica. — No palacio do Patriarcha a S. Vicente.

Tribunal de contas. — Largo do Pelourinho.



ESTABELECIMENTOS PUBLICOS DE EDUCAÇÃO

Ha em Lisboa muitas escolas de instrucção primaria e secundaria, pagas pelo estado, por associações piedosas e por particulares.

Escola Polytechnica

Este edificio, antigo collegio dos Jesuitas, transformado depois em collegio dos nobres e academia real de marinha, foi em 1836 destinado para a Escola Polytechnica, e em 1843 devorado pelas cham-

mas. Está reedificado e continua a servir para a referida escola. É situado na antiga rua do *Collegio dos Nobres*, hoje denominada rua direita da da Escola Polytechnica.

N'este edificio está hoje estabelecido o museu, vulgarmente chamado — a historia natural.

Escola Medico-Cirurgica

Edificio annexo ao Hospital de S. José. Esta escola, que tem tido tres reformas durante o presente seculo, — a 1.^a em 1825, a 2.^a em 1836, e a 3.^a em 1844, hoje rivalisa com as melhores da Europa. Tem um excellente amphitheatro anatomico, livraria medica, gabinete pathologico, horto botanico e herbario.

Escola de pharmacia

No mesmo edificio da antecedente. Os estudantes d'este curso lectivo frequentam as duas primeiras cadeiras do 3.^o anno da escola medico-cirurgica.

Instituto agricola e escola veterinaria

Na Cruz do Taboado.

É mantida por conta do estado. N'ella se aprende não só veterinaria, como agricultura pratica e tudo o que é necessario á vida rural.

Aula naval

No Arsenal da Marinha.

Escola de construcção naval

No mesmo edificio.

Escola do exercito

No palacio da Bemposta.

Aula do commercio

No Instituto Industrial á Boa Vista.

Conservatorio real de Lisboa

No extincto convento dos Caetanos.

Este conservatorio tem nove aulas de musica para ambos os sexos — aulas de mimica, dança, esgrima, recta-pronuncia, historia e declamação. Ensina tambem ali o latim, italiano e francez.

Aula do museu nacional

No edificio do convento de Jesus ha um curso de introducção á historia natural.

Instituto Industrial e Commercial de Lisboa

Este estabelecimento, um dos de maior utilidade que hoje existem em Portugal, foi creado em 30 de dezembro de 1852, e tem tido diversas reformas que progressivamente o tem desenvolvido. Ha n'elle onze cadeiras; nove industriaes, e duas do curso do commercio. É seu director o nosso primeiro chimico A. A. de Aguiar; secretario, Julio Cesar Machado; e lentes o conselheiro J. V. Damasio, F. de F. Benevides, Luiz de Almeida e Albuquerque, J. H. da Veiga, T. A. da Fonseca, M. J. Ribeiro, H. Midosi, R. J. Pequito, F. R. Garcia, J. de Castro; director da officina de instrumentos de precisão José Mauricio Vieira. É cursado o Instituto Industrial por grande numero de alumnos, havendo annos de chegar esse numero a quinhentos. O instituto tem tambem um museu importante. As aulas são nocturnas; de dia funciona apenas alli a secretaria e a officina.

Aula de geometria e mechanica applicada ás artes

Está estabelecida esta aula no mesmo edificio da aula do commercio, annexa ao Instituto Industrial de Lisboa.

Curso superior de letras

No edificio da academia real das sciencias.

Este curso foi instituido por el-rei D. Pedro v, e é frequentado por estudantes da melhor sociedade; n'elle se dão excellentes prelecções scientificas pelos homens mais competentes do paiz.

Collegio dos aprendizes do Arsenal

Compõe-se de 60 alumnos, sendo 20 filhos de militares, 20 filhos de operarios do arsenal do exercito, 10 expostos da Misericordia e 10 da Casa Pia.

Frequentam as aulas de primeiras letras, desenho linear e ornato, arithmetica, geometria e mechanica applicada ás artes, grammatica e francez. Aprendem no arsenal do exercito, á sua escolha, differentes officios mechanicos.

Este collegio admite pensionistas particulares.

Collegio militar

EM MAFRA

N'este collegio se educam a expensas do estado os filhos dos militares e dos que teem feito serviços relevantes ao paiz, tendo preferencia os filhos dos que falleceram em combate.

Academia das bellas-artes de Lisboa

No extincto convento de S. Francisco da Cidade, é o local desta academia, fundada em 1837 pelo ministro do reino, Manuel da Silva Passos.

Tem esta academia muitos quadros notaveis, de differentes escolas, sobre-saindo os seguintes :

Portuguezes — Sete quadros do *Grão Vasco*, em madeira, que são : Fugida para o Egypto, Baptista, Circumcisão, Adoração dos Reis, Menino Jesus, Apresentação no Templo, o Menino entre os Doutores : todos notaveis pelo desenho e colorido, mas que denotam pouco estudo de optica e perspectiva. Tres quadros do *Vieira Lusitano* : Santo Agostinho, Sagrada Familia, S. Bruno, — Quatro de Bento Coelho.

Um baptismo de Santo Agostinho por *Affonso Sanches Coelho*. S. Bruno em adoração, do grande *Sequeira*. O Senhor preso á columna, que uns attribuem a *Campello*, outros a *Gaspar Dias* ; e cinco quadros de *Pedro Alexandrino*.

Estrangeiros — Uma Virgem de *Raphael* (talvez o unico quadro d'este auctor que existe em Lisboa.) Um S. Jeronymo, que se julga ser de *Miguel Angelo* ; e um Jesus Christo descendo ao Limbo, do mesmo pincel. Descimento da Cruz, de *Julio Romano*. Crucificação de *Vandyck*, Calvario e Jesus crucificado, de *Gresbante*. Espirito Santo, de *Trivisani*, Anunciação, de *Guersini*. Outra de

Massuche. A cabeça do Salvador, de *Alberto Durer*. Paisagens de *Salvador Rosa* e de *Breughel*, Senhora da Conceição, de *Sebastião Conca*; e uma coroação de espinhos, da escola holandesa.

Na aula de esculptura ha alguns bustos collosaes notaveis, de auctores portuguezes: um Camões (de *Assiz*) Affonso de Albuquerque, e Infante D. Henrique (de *Aragão*) D. João de Castro e Vasco da Gama (de *Schiappa*) Albergaria (de *Cesarino*). O viajante que quer visitar a academia deve procurar qualquer dos empregados, que lhe facultará a entrada e lhe dará de bom grado os esclarecimentos que desejar.

Está aberta das 9 da manhã ás 2 da tarde, e de verão até ás 3.

Sociedade promotora das bellas artes

No mesmo edificio da Academia das Bellas Artes. É o seu presidente o marquez de Sousa. Faz exposições de bellas pinturas as quaes obteem boas vendas.

GUARNIÇÃO MILITAR DA CAPITAL DO REINO EM TEMPOS NORMAIS

Armas	Corpos	Quarteis
Engenharia.....	Batalhão de engenharia,.....	Cruz dos Quatro Caminhos Belem
Artilheria.....	Regimento n.º 1	Belem
Cavallaria	Regimento n.º 2, lanceiros da rainha ..	Campolide
	Regimento n.º 4.....	Valle de Pereiro
	Batalhão de caçadores n.º 2	Graga
	Regimento de infantaria n.º 10.....	Campo de Ourique
	Regimento de infantaria n.º 16.....	Castello de S. Jorge
Infanteria ..	Batalhão de caçadores n.º 5	Belem
	Regimento de infantaria n.º 1	S. João de Deus
	Regimento de infantaria n.º 2.....	Torre da Polvora
	Regimento de infantaria n.º 7.....	

Os corpos acima designados comprehendem a força de 8:065 homens, 774 cavallos, 268 muares, e 36 bocas de fogo.

É Lisboa a capital da 1.ª divisão militar (territorial) que tem por commandante um general de divisão; e cada uma das brigadas de infantaria é commandada por um general de brigada.

A policia da capital é feita por um corpo de *guarda municipal*, com organização militar, e tres divisões de *policia civil*.

FAMILIA REAL PORTUGUEZA

S. M. F. El-Rei o Senhor D. Luiz I, 31.º rei de Portugal, nasceu a 31 de outubro de 1838, casou (por procuração) em Turim a 27 de setembro de 1862, e pessoalmente em Lisboa a 6 de outubro do mesmo anno com

S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia de Saboya, princeza italiana, nasceu a 16 de outubro de 1847.

S. M. El-Rei o Senhor D. Fernando, pae de El-Rei o Senhor D. Luiz, nasceu a 29 de outubro de 1816.

O Serenissimo Senhor Infante D. Augusto, irmão de El-Rei o Senhor D. Luiz, nasceu a 4 de novembro de 1847.

A Senhora Infanta D. Maria Anna, irmã de El-Rei, nasceu a 21 de julho de 1843.

A Senhora Infanta D. Antonia, irmã de El-Rei, nasceu a 17 de fevereiro de 1845.

(Ambas as Serenissimas Infantas estão casadas.)

S. M. I. a Senhora D. Amelia Augusta, de Baviera, avó de El-Rei, viuva do Imperador o Senhor D. Pedro IV, Duque de Bragança, nasceu a 31 de julho de 1812.

FILHOS DE EL-REI O SENHOR D. LUIZ I E DA RAINHA

S. A. o Principe Real o Senhor D. Carlos Fernando, herdeiro e successor á corôa, nasceu a 28 de setembro de 1863.

S. A. o Senhor Infante D. Affonso Henriques, nasceu a 31 de julho de 1865.



BAIRROS DE LISBOA

ADMINISTRAÇÕES

Bairro oriental. — Rua do Bemformoso n.º 163 — Compõe-se das freguezias dos Anjos; S. Jorge (intra-muros) Santa Engracia; S. Vicente; Santo André e Santa Marinha; S. Christovão; S. Thomé e Salvador; S. Lourenço; Socorro; Pena; Santo Estevão; Santa Cruz do Castello; S. João da Praça; Sé; S. Thiago e S. Martinho; e S. Miguel.

Bairro central — Rua do Principe n.º 51 — Compõe-se das freguezias da Encarnação; Martyres; Sacramento; S. Julião; Magdalena; S. Nicolau; Santa Justa; S. José; Coração de Jesus; Conceição Nova; e S. Sebastião da Pedreira (intra-muros).

Bairro occidental — Calçada da Estrella n.º 47 — Compõe-se das freguezias de Santa Isabel (intra-muros) S. Mamede; Mercês; Santa Catharina; S. Paulo; Santos; Alcantara (intra-muros) e Lapa.

JORNALISMO DE LISBOA

Diario do Governo. — É a folha official do governo portuguez. Não tem politica e n'ella se encontram sómente documentos officiaes, noticias estrangeiras e annuncios.

Jornal do Commercio. — Como o seu titulo indica é destinado ao commercio do paiz, occupando-se todavia de politica; é noticioso, e publica longos folhetins. N'este jornal tem escripto e ainda escrevem auctores de boa nota, taes como Latino Coelho, Ribeiro Guimarães, Pinheiro Chagas, etc.

Revolução de Setembro. É o orgão que ha mais antigo do partido progressista. O seu redactor constante tem sido o conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, caracter firme em seus principios, bom escriptor, e actual ministro do reino. O seu folhetinista é o chistoso escriptor Julio Cesar Machado, digno successor do chorado Lopes de Mendonça.

Diario de Noticias. — Jornal o mais popular, o mais lido e o mais noticioso que em Portugal existe. Não tem côr politica e só se occupa dos acontecimentos do dia que narra detalhadamente. Publica sempre grande numero de annuncios que n'esta folha obteem muita publicidade, e os seus folhetins são variados e alguns de notaveis escriptores.

Diario Popular. — É quasi da indole do antecedente, porém occupa-se de politica. Os seus fo-

lhetins dos domingos são do talentoso escriptor Eduardo Augusto Vidal, poeta, escriptor de theatro, e folhetinista de muito mimo.

A Nação. — Antiga folha do partido realista; tem tido bons escriptores que defendem as suas idéas, as quaes, em geral, só fazem echo nas provincias. Occupa-se tambem de assumptos religiosos.

Diario Illustrado. — É um diario popular, noticioso e com gravuras; está ainda na infancia e pode vir a ser de muita importancia no jornalismo da capital. Publica folhetins de bons escriptores.

Jornal da Noite. — É noticioso, e publica de tarde os acontecimentos do dia. Occupa-se de politica e offerece folhetins interessantes. O seu redactor é o antigo escriptor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, bem conhecido nas lettras do nosso paiz.

O Partido Constituinte, a Gazeta do Povo, e a Crença Liberal, são jornaes politicos e noticiosos, os quaes tambem publicam folhetins.

*

* *

O jornalismo litterario de Lisboa é actualmente bastante pobre. Compõe-se apenas de tres jornaes, que são os seguintes :

Jornal das Damas. — Redactor Barboza Nogueira. É uma revista de litteratura e modas, a qual, além de escolhidos artigos de litteratura, publica todos

os mezes bellos figurinos gravados e illuminados em Paris, e lindos debuxos e moldes para cortar fato de senhora. Collaboram para esta elegante publicação, além de outros, os escriptores queridos das bellas : Julio Cesar Machado e Luiz de Araujo.

Lettras e Artes. — Redactor Rangel de Lima. Jornal litterario redigido por distinctos escriptores, e illustrado com bellas gravuras e excellentes lythographias.

É um jornal que pôde competir com as melhores publicações estrangeiras.

Boletim do Clero e do Professorado. — Redactor Moreira de Sá. Jornal dedicado ao clero e aos professores, noticioso e litterario.

Existe ha bastantes annos e na sua especialidade tem prestado serviços.



TYPOGRAPHIAS

Não nos esquecemos das typographias que ha em Lisboa, e por isso, dando o primeiro logar á Imprensa Nacional, collocaremos em seguida o elegante e bem montado estabelecimento typographico de Castro & Irmãos, onde as impressões são bem acabadas, e o serviço é feito com toda a regularidade.

Este estabelecimento está situado na rua da Cruz de Pau, proximo ao alto de Santa Catharina.

A typographia e fundição de typos de *Lallemant frères*, na rua do Thesouro Velho, é tambem um estabelecimento de primeira ordem, bem montado e apto para impressões de luxo. A sua especialidade são cartazes elegantes e variados, e impressões a côres, a oiro, prata, etc., executados com toda a nitidez.

A typographia Universal é egualmente um bom e vasto estabelecimento, com boas machinas e onde as impressões são feitas com aceio e brevidade.

Tem capacidade para imprimir jornaes de grande formato, os preços são commodos, e todas as reclamações bem attendidas.

É n'esta officina que se imprime o *Diario de Noticias*, jornal muito lido, e do qual já nos occupamos.



BIBLIOTHECAS E ARCHIVOS

Bibliotheca publica. — No convento de S. Francisco. O local é pessimo para um estabelecimento d'esta ordem, mas está votada a quantia necessaria para edificação de uma outra casa. Contém mais de 110:000 volumes impressos, e 10:000 manuscritos, além de 140:000 volumes das livrarias dos

extinctos conventos e uma collecção de mais de 25:000 medalhas antigas. De entre os manuscritos, 300 são da celebre livraria de Alcobaça. Possee hoje mais a rica livraria de D. Francisco de Mello da Camara (vulgo do Cabrinha) que o governo comprou por vinte e cinco mil cruzados, onde ha edições de livros portuguezes de primeira raridade. Entre os livros mais celebres que se encontram n'esta bibliotheca, nota-se a edição dos *Lusiadas* de 1572; as cartas familiares de Cicero, edição de Spira, em pergaminho, 1469; *Forus judicum* (Fuero jusgo) dos visigodos, primeira traducção em lingua castelhana e codice rarissimo; uma biblia manuscripta em hebraico, illuminada, obra do seculo XIII; a primeira edição da biblia, impressa pelo proprio Guttemberg em Moguncia-1454, e muitas outras biblias em pergaminho, de grande valia; a vida de Vespasiano, exemplar unico, impresso em Lisboa, 1496; *Vita Christi*, idem; Plotinio de Florença, monumento admiravel de Lourenço de Medicis; o livro do Tosão de oiro e muitos manuscriptos raros. As salas de leitura estão abertas todos os dias, não feriados, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde; e na sala dos manuscritos vê-se uma bella estatua de marmore da rainha D. Maria I fundadora d'este estabelecimento, obra do celebrè Machado de Castro, auctor da estatua equestre de D. José I.

Bibliotheca da Ajuda. — Já d'ella fallámos, quando

tratamos do palacio a que está annexa. É particular, mas o seu digno bibliothecario facillitará sem duvida a entrada a qualquer estrangeiro ou nacional, que a deseje visitar.

Possue codices de grande valor. El-rei D. Fernando a nada se tem poupado para a enriquecer, e segundo a opinião geral é a mais rica das bibliothecas de Portugal.

Além d'esta livraria real, ha outras particulares em Lisboa, algumas das quaes possuem mais de dez mil volumes.

Archivo da Torre do Tombo. — No extincto convento de S. Bento. Entrada pela calçada da Estrella. — Foi para ali transferido o archivo real da torre do Castello, onde estava e que caiu pelo terremoto de 1755. É aonde estão depositadas as chancellarias dos reis, authographos das leis, mercês e tratados, desde o principio da monarchia. Ha ahi curiosidades que o antiquario se não deve dispensar de ver, visitando Lisboa.

Archivo militar. — No principio da calçada de S. Francisco. Ha ali preciosos documentos relativos á arte de guerra, e ás nossas gloriosas campanhas de outras eras e muitos mais haveria, se o espirito de rapina que tem invadido todos os cantos de Portugal, não tivesse tambem vasculhado este inoffensivo deposito de memorias honrosas.

Archivos das duas camaras legislativas. — Em S. Bento, no palacio das côrtes. Ahi se depositam os au-

thographos das leis das mesmas côrtes e tem egualmente uma pequena bibliotheca.



SOCIEDADES SCIENTIFICAS

Academia real das sciencias. — Fundada em 1778 pelo duque de Lafões, debaixo da protecção da rainha D. Maria I. Foi reformada a sua instituição no anno de 1852. Tem ás suas disposições o convento de Jesus, e a sua bibliotheca, bem como o museu real.

Sociedade das sciencias medicas. — O titulo d'esta associação indica bem o objecto de que se occupa, e assim tambem a *Sociedade pharmaceutica lusitana*.

Associação juridica, ou dos advogados. — Praça de D. Pedro n.º 36.



MUSEU REAL

O museu, ou gabinete de historia natural, foi transferido do palacio da Ajuda para o convento de Jesus, e está actualmente no edificio da escola polytechnica. No ramo mineralogico possui algumas raridades, bellos marmores, pinturas antigas, ricas conchas, muitas aves e algumas curiosidades de recordações historicas.

MUSEU ARCHEOLOGICO

No edificio (em ruínas) do Carmo.

**IMPRESA NACIONAL**

Na travessa do Pombal, ao collegio dos Nobres. Pertence ao estado e ahí se imprimem todas as peças officiaes. Tem uma fundição de typos, lythographia e fabrica de cartas de jogar ; prensa hydraulica, etc. É um estabelecimento unico no seu genero em Portugal.

**TEMPLOS**

A enumeração de todos os templos de Lisboa seria um trabalho fatigante e de nenhuma utilidade para o forasteiro que visita esta capital ; limitar-nos-hemos pois a dar breve idéa das principaes egrejas que adornam Lisboa e Belem, aquellas que o viajante deve de preferencia examinar.

Sé de Lisboa. — Em logar elevado, mas inferior ao castello de S. Jorge e não distante d'elle, está situada esta cathedral, cuja origem se perde na noite dos tempos, o que tem dado logar a exten-

sas controversias. Monumento de varios seculos, ella apresenta incontestaveis signaes da sua vetustidade, e mostra claramente que tem passado por successivas transformações, sem perder comtudo alguns dos caracteres primitivos. O primeiro bispo de Lisboa foi D. Gilberto, um inglez dos que auxiliaram Affonso Henriques na conquista d'esta cidade, e o seu cabido estabeleceu-se em 1150. Foi esta igreja suffraganea em Braga até ao reinado de D. João I, que a elevou a jerarchia de metropolitana; e D. João V lhe mudou o titulo de cathedral em Basilica de Santa Maria Maior, creando a dignidade patriarchal. Em 1344 soffreu muito este templo, por occasião de um horrivel terremoto, sendo então reedificada a capella mór por el-rei D. Affonso IV, cujo cadaverahi jaz, bem como o de sua esposa. D. Fernando I lhe alterou depois a frente principal, ficando quasi como ainda hoje se vê; e passado pouco tempo foi lançado de uma das torres abaixo o bispo D. Martinho, castelhano de nação, pelo povo indignado, que começava a clamar pela sua liberdade e se dispunha para o grande dia de Aljubarrota. O incendio que succedeu ao terremoto de 1755 devorou grande parte d'este edificio, que foi reedificado ainda em tempo do marquez de Pombal, porém em menor escala. Ainda hoje se veem na sacristia fragmentos das columnas do primitivo templo, que era outr'ora o maior de Lisboa.

Em uma das suas capellas estão os ossos de S. Vicente, padroeiro de Lisboa e do Algarve, em outra, de remota antiguidade, vê-se o tumulo de um Bartholomeu Johanes, cuja effige, grosseiramente trabalhada, descança n'um velho e tambem grosseiro mausuleu. No claustro conserva-se um corvo, em memoria d'aquelles que guardaram e respeitaram no promontorio sacro o corpo do martyr S. Vicente; e é por isso que nas armas da cidade de Lisboa se vê um corvo á prôa e o outro á pôpa do navio que occupa o escudo. Em outro claustro, o das capellas chamadas affonsinas, existe uma cadeira de pedra com a data de 1629, epocha talvez em que foi reparada, por que segundo as melhores conjecturas deve ella alli existir desde o principio da monarchia, quando os nossos reis administravam justiça em publico, e ouviam os requerentes nas cathedraes. O aspecto severo d'este templo, incute sentimentos religiosos; é dos muitos poucos que ainda hoje, em Lisboa, não parecem mais uma sala de divertimentos profanos do que um logar de oração.

Basilica do Coração de Jesus (vulgo *Estrella*). O mais sumptuoso templo da capital, mandado construir por D. Maria I, em 1779, e concluido em dez annos, pelo risco de S. Pedro em Roma. Tem um elegante zimborio que se avista fóra da barra, o qual remata por um enorme globo de metal e uma cruz de ferro, que mais de uma vez tem sido da-

mnificada pelo raio. Hoje tem conductores, bem como as torres, egualmente garbosas e elevadas. Ha no interior da basilica uma pasmosa variedade de requissimos marmores de varias côres e o soberbo mausoleu da real fundadora, na capella mór. No convento annexo existem freiras bernardas.

S. Vicente de Fóra. — Jazigo da familia de Bragança. Affonso Henriques lançou a primeira pedra a este edificio, em commemoração da tomada de Lisboa e por ser em sitio extra-muros da cidade se dominou de *Fóra*, como aindo hoje se chama. Achando-se bastante damnificada em tempo de Philippe II, mandou este abater a velha fabrica, e no mesmo local alçar o grandioso templo, que ainda existe, apezar do violento abalo que lhe deu o terremoto de 1755. A igreja serve de parochia e o convento é residencia do patriarcha. Já ahi esteve a patriarchal por alguns annos, mas os seus legitimos possuidores eram os conegos regulares de Santo Agostinho.

Mosteiro de Belem. — (vulgo *Jeronymos*, por haver sido occupado por frades de S. Jeronymo.) Fóra de Lisboa, no seu antigo termo de Belem, está situado este maravilhoso templo, que é, sem contradicção, o mais formoso edificio monumental da velha cidade e suas visinhanças. Tambem, como as precedentes egrejas, serve de freguezia sob a invocação de Santa Maria de Belem. — Foi mandado construir por el-rei D. Manuel, no lugar em que

embarcára Vasco da Gama, em agradecimento a Deus pela descoberta da India, mas não logrou vê-lo concluído o seu fundador. Os seguintes reis continuaram a obra, mas já não proseguiu o mesmo primor nos ornatos, nem se deu á fabrica o desenvolvimento que talhara D. Manuel; a capella-mór é de um genero de architectura inteiramente differente do corpo da igreja; quanto ás columnas da nave, não vimos obra tão primorosa e arrojada em nenhuma das afamadas cathedraes da Europa que temos visitado. Os estreitos limites de um *Guia*, mal pôdem comportar a descripção circumstanciada de tantas bellezas de architectura, pinturas, riqueza de marmores, ornatos de prata e de madeira, que encerra o famoso mosteiro. Por detraz do altar mór está o caixão que encerra o cadaver do infeliz D. Affonso vi e outros dois com os corpos do principe D. Theodosio e de sua irmã filhas tambem de D. João iv, que não sabemos por que não estão unidos aos outros principes da casa de Bragança; em duas capellas lateraes estão os tumulos dos filhos de D. João iii em numero de oito e um cenotaphio contendo ossos, que um dos Filippes quiz fazer crêr aos portuguezes serem de D. Sebastião. Em sepultura raza jaz o arcebispo de Braga D. Duarte, tambem filho, mas natural de D. João; está depositada ahi a rainha D. Catharina, portugueza mulher de Carlos ii de Inglaterra, e em ricos tumulos o cardeal rei e varios

infantes de Portugal. Na capella-mór os reis D. Manuel e D. João III, e suas respectivas mulheres as rainhas D. Maria e D. Catharina, ambas castelhanas. O exterior da egreja é irregular, mas assaz formoso; o portal, sobre tudo, é digno de admirar-se. Em o convento que fica unido ao templo, está hoje a *Casa Pia*, estabelecimento de caridade onde se sustentam e educam creanças desvalidas e a escola de surdos mudos.

Este magestoso edificio está tendo valiosos melhoramentos, e dentro em breve a sua sumptuosa fabrica ficará completa, segundo o risco primitivo e com todas as bellezas da arte.

S. Domingos. — É a mais vasta egreja de Lisboa, situada ao lado da praça de D. Pedro. Pertenceu á ordem dos pregadores, e hoje serve de parochia de S. Justa e Rufina.

S. Roque. — Egreja que pertenceu aos jesuitas, celebrada unicamente pela *capella de S. João Baptista*.

Esta riquissima capella, mandada construir em Roma por D. João V, e obra dos melhores artifices da epoca, é adornada de preciosidades, taes como granito oriental, porphyro, alabastro, amethysta, coralina, etc. Tem tres quadros em mozaico representando o baptismo do Redemptor, a Anunciação e a descida do Espirito Santo, considerados como obras primas dos melhores artistas italianos. Veiu toda a capella desmantelada e encai-

xotada, de Roma, depois de n'ella ter officiado o Papa; foi patenteada ao publico em 1751. Este capricho real custou quatorze milhões de cruzados! Vale a pena admirar essas columnas de lapis lazuli, esse pavimento de marmore e porphyro, esses tocheiros gigantes de prata doirada, esse altar de apurado trabalho e as outras riquezas d'este singular monumento.

Junto a esta igreja de S. Roque, no edificio que foi antigamente collegio dos jesuitas, está o recolhimento dos engeitados, que só se patenteia ao publico uma vez por anno, no dia dos Santos Innocentes, a 28 de dezembro.

Santo Antonio. — Proximo á igreja da Sé, no local onde nasceu Santo Antonio de Padua. É capella da camara municipal, e está conservada com bastante aceio.

Martyres. — Como S. Vicente, esta igreja foi fundada pelo primeiro rei portuguez, em memoria da conquista de Lisboa e para servir de jazigo a guerreiros estrangeiros, mortos n'essa empresa. É a mais antiga parochia de Lisboa.

Encarnação. — Proximo dos Martyres está este elegante templo, é espaçoso e tem objectos de arte dignos da contemplação do viajante.

Loreto. — Defronte da Encarnação; freguezia dos italianos residentes em Lisboa. Ardeu duas vezes, em 1651, e 1755, e posto que reedificada sumptuosamente, com o auxilio do Papa e do rei Por-

tuguez, não possui perfeições artisticas iguaes ás que perdeu.

Graça. — Antigo convento de eremitas de Santo Agostinho, está situado em logar delectoso sobre um dos grandes montes de Lisboa. A igreja é vasta e tem alguns quadros de valor, porém o que encerra de mais precioso são os ossos do inclito Affonso de Albuquerque, o maior capitão do seu seculo, um dos maiores de todas as edades. É na sacristia que está o tumulo d'este governador da India, a cuja sombra ainda hoje pedem justiça os malabares.

Monte. — De todos os logares elevados da cidade, e do Tejo tambem, se notam para o oriente de Lisboa tres montanhas muito salientes, no cimo de cada uma das quaes se enxerga um templo: é a *Graça*, de que já fallámos, a *Penha*, de que trataremos adiante, e o *Monte*, de que nos occupámos agora; de todos elles se disfructa uma perspectiva magnifica da cidade e do rio, em dias claros se descobrem perfeitamente as ameias e torres dos castellos de Cintra. O que se avista de qualquer d'estes cabeços, pode considerar-se como o reverso da medalha, a respeito do que se observa em S. Pedro de Alcantara. Quanto á igreja da Senhora do Monte, foi ella edificada em 1243, porém caiu pelo terremoto e ergueu-se de novo. Pertencia, como a Graça, aos eremitas agostinianos. Conserva-se ahi a cadeira de S. Gens, onde elle prégava

ao povo, sendo bispo de Lisboa, segundo a tradição.

Penha de França. — Também antigo convento de agostinhos. É muito concorrida esta igreja pelos navegantes que, em ocasião de perigo, fazem votos a Nossa Senhora da Penha de França, grande protectora dos homens do mar.

Santa Cruz do Castello. — Dentro do castello de S. Jorge. É uma das mais antigas freguezias de Lisboa, que já existia como igreja no anno de 1168. Ficou muito damnificada pelo grande terremoto de 1755.

Conceição velha. — Antiga synagoga de judeus em Villa Nova de Gibraltar, transformou-se em igreja christã, quando a villa foi sequestrada pela cidade de Lisboa, e o bairro da judearia acabou. Passou a ser collegiada da ordem de Christo. Está situada na rua da Ribeira velha. Os delicados labores em pedra da portada d'este templo são dignos de contemplação do artista e do antiquario; é o mesmo genero do mosteiro de Belem, fundação do mesmo rei venturoso que mandou descobrir a India.

Magdalena. — Antiquissima parochia de Lisboa, situada no largo do seu nome, ao cabo da rua da Conceição ou dos Retrozeiros, apesar dos incendios por que tem passado, ainda conserva um portal que denuncia grande vetustidade e também é digno de ser contemplado pelo viajante.

S. Nicolau. — Esta igreja parochial que foi fun-

dada em 1720, está situada em um pequeno largo entre a rua da Prata e a dos Douradores; foi completamente destruída pelo terremoto de 1755, e reedificada em 1776. Tem optimas pinturas, de artistas portuguezes contemporaneos, porém apresenta um aspecto tão garrido, que só conduz a pensamentos profanos. Esta freguezia possui ricos paramentos, assim como uma custodia de grande preço e estima.

S. Julião. — Já em 1200 era parochia, e ahi foi baptisado, segundo a fama, o pontifice portuguez João xx ou xxi. Destruída pelo terremoto e de prompto reedificada pelas esmolas dos fieis, tornou a arder no dia 4 de outubro de 1816, por occasião das exequias da rainha D. Maria I. Acha-se concluída a nova fabrica, em que ha grande profusão de marmores variadissimos, duas ricas columnas na capella mór, e preciosos labores em pedra.

Santa Engracia. — Proximo de S. Vicente. É de fórma obicular e gigantesca; nunca se completou, apesar das enormes sommas n'ella despendidas, o que deu lugar ao porverbio: — É como as obras de Santa Engracia — applicado a qualquer cousa que parece interminavel. Ha uma lenda ácerca d'esta construcção, que justifica o porverbio. Diz-se que um Simão Perez Solis, condemnado á morte, innocentemente, por um desacato perpetrado na antiga igreja, dissera sobre o patibulo — que em memoria da sua innocencia, nunca aquella obra se aca-

baria. A profecia foi feita ha mais de dois seculos !

Ruinas do Carmo. — Ainda é bello ir contemplar as formosas ruinas d'esse antigo templo da *Senhora do Vencimento*, que o condestavel D. Nuno Alvares Pereira fundou para os religiosos carmelitas e para seu ultimo repouso. A portada, as columnas que dividem as naves e outros restos do gothico monumento, ainda satisfazem a curiosidade do artista e do homem de bom gosto. No antigo convento, unido á egreja, está o quartel da guarda municipal de Lisboa.

Dos antigos conventos de Lisboa alguns servem de parochias, n'outros estão repartições publicas e quartéis de tropa, outros finalmente venderam-se a particulares. O convento do *Espirito Santo*, ao Chiado, é hoje palacio dos barões de Barcelinhos; o dos *Paulistas* tem uma companhia da guarda municipal, e teve uma de sapadores, porém a sua egreja serve para o culto Divino como parochia; o de *Jesus* tem a academia das sciencias, todavia a egreja tambem serve de parochia; no de *S. Francisco* está a Bibliotheca publica e a academia das bellas artes; no de *S. Bento* as côrtes e o archivo; no de *Xabregas* uma fabrica de algodões. O que ainda se conserva é o da *Madre de Deus*, de freiras, em cuja sacristia ha dois quadros attribuidos ao Grão-Vasco, e a historia de José no Egypto por André Gonçalves. Tambem alguns foram damolidos e n'este numero entra a

Trindade, sobre sujas ruínas se assentou parte da casaria da rua do mesmo nome, abaixo de S. Roque.

Além das freguezias já mencionadas existem em Lisboa outras muitas, assim como grande numero de igrejas, hospícios, capellas, ermidas e conventos de freiras, que fôra ocioso enumerar.

Os francezes têm uma igreja nacional em Lisboa, a de S. *Luiz* na rua de Santo Antão; e os inglezes catholicos as do *Corpo Santo*, e *Inglezinhos*, e S. *Patricio*; e os protestantes uma capella e cemiterio em separado, proximo ao passeio da Estrella.



OUTROS EDIFICIOS PUBLICOS

Aqueducto das aguas livres

Esse bello monumento de publica utilidade, a que vulgarmente chamamos — arco das aguas livres — foi concluido em vinte annos, sob a direcção do engenheiro Manuel Maio, e resistiu ao grande choque do terremoto de 1755. O aqueducto começa a tres leguas de distancia da cidade e em toda a sua extensão tem 127 arcos de excellente pedra, porém os 35 que formam uma ponte sobre Alcantara, a mais comprida de todas as pontes do mundo, mas sobre um rio quasi sem agua, esses 35 arcos, alguns dos quaes têm uma altura prodigiosa, são o assombro dos estrangeiros, que não encontram

entre as obras dos romanos, uma construcção tão atrevida como esta. O aqueducto entranha-se na cidade pelo lado do noroeste, e ahi toma o nome de *Amoreiras*, de um largo contiguo em que ha plantações d'esse genero, e junto ao qual ha uma especie de arco de triumpho, de architectura dorica, com uma inscripção lapidar que refere a historia da construcção do aqueducto, e é datada de 1738. Ao sair do largo das amoreiras para o sul, existe uma vasta *mãe de agua*, que apresenta exteriormente a apparencia de uma grande torre quadrangular: é toda construida de optima cantaria e concluiu-se em 1834. É esta uma das visitas que recommendamos, especialmente ao curioso turista, e se no verão der um passeio pelo interior do extenso aqueducto encontrará tal fresco, passará alguns minutos tão agradavelmente, que por certos nos agradecerá a lembrança.

Arsenal do exercito

O arsenal do exercito em Lisboa, situado na parte mais oriental da cidade, e á beira do Tejo é um edificio de agradável apparencia, e vulgarmente conhecido pelo nome de *Fundição*, para o distinguir do arsenal da marinha, tambem á beira do rio, mas a meio comprimento da cidade, e a que se chama sómente o *arsenal*. O estabelecimento de que trata este artigo divide-se em varios corpos

de edificio ; a *fundição de cima* chamada, onde se fundem as peças de artilheria, é contigua ao palacio do inspector e fica situada no campo de Santa Clara ; no mesmo campo estão as ferrarias, e o deposito dos reparos e petrexos concernentes á artilheria ; e mais distante, a Santa Apollonia, o laboratorio de fogos de artificio. A entrada principal do edificio junto ao rio tem uma bella fachada, com columnas da ordem corinthia, e tropheus militares, tudo de bem lavrada pedra. Esta construcção data de 1760 ; é uma das obras do grande Pombal. No pavimento inferior da casa são os vastos armazens de deposito e no superior encontram-se grandes, salas, com muita claridade, onde estão dispostas em tropheus marciaes armas de todos os tempos, brancas e de fogo, o que é assaz curioso para o antiquario ; e ahi se encontra tambem a celebrada *peça de Diu*, que tem de comprimento 27 palmos e 3 pollegadas, e de circumferencia na culatra 9 palmos e 9 pollegadas, e na bocca 7 palmos e 7 pollegadas. Este canhão foi achado pelos portuguezes em Diu, quando se apossaram da cidade pela morte do Sultão Badur ; pertencera ao sultão de Babilonia, e Rumecan a trouxe comsigo quando veiu pôr cerco a Diu. Todas as dependencias d'este arsenal pôdem ser examinadas pelo viajante, apenas com o encommodo de pedir licença ao inspector ou ao official de dia.

Arsenal da marinha

À beira do Tejo e com porta principal para o largo do Pelourinho. Occupa parte do local onde estava o palacio dos nossos reis antes do terremoto, e ainda muita gente lhe chama a *Ribeira das naus*, em lembrança dos passos da Ribeira, e do estabelecimento naval que ahi estava contiguo, e que tinha aquella denominação. É uma elegante construcção, obra do marquez de Pombal, como tudo que se admira solido e grandioso na Lisboa moderna. Tem um famoso dique, todo forrado de cantaria; dois estaleiros, optimos armazens, a extensa *sala do risco* onde estão as escolas naval e de construcção, e onde se fez a grande exposição da industria nacional em 1849. Ha ahi uma corveta para ensino dos guarda-marinhas, que merece vêr-se. Ao fim d'essa sala, para o sul, está o telegrapho central do reino, e é ahi que se fazem os signaes dos navios que entram ou saem do Tejo, e que estão á vista das fortalezas da barra; este arsenal communica com os edificios da parte occidental do Terreiro do Paço. Ahi estão a contadoria e pagadoria de marinha, a repartição do major general da armada e a superintendencia do mesmo arsenal.

Este importante estabelecimento do estado tem soffrido notaveis melhoramentos taes como : uma longa e espaçosa ponte de ferro, um solido guin-

daste a vapor, um bom ramal de caminhos de ferro americanos, etc., etc.

Como complemento a esta noticia, daremos aqui a nota dos navios da nossa armada.

Navios armados e desarmados

Nau Vasco da Gama. — Desarmada.

Fragata D. Fernando. — Servindo de escola de artilheria, no Tejo.

Corveta Bartholomeu Dias. — No Tejo.

Corveta Estephania. — No Tejo.

Corveta Duque da Terceira. — Em Angola.

Corveta Duque de Palmella. — Em Macau.

Corveta Infante D. João. — Em Gôa.

Corveta Infante D. Henrique. — Em Angola.

Corveta D. João 1.º — No Fayal.

Corveta Marianna. — Em Moçambique.

Corveta Sagres. — No Tejo.

Corveta Sá da Bandeira. — Desarmada.

Canhoneira Rio Minho. — Em Cabo Verde.

Canhoneira Tejo. — Em Cabo Verde.

Canhoneira Guadiana. — Desarmada.

Canhoneira Zarco. — No Tejo.

Canhoneira Douro. — Em construcção no arsenal.

Vapor India. — No Tejo.

Vapor Mindello. — No Tejo.

Vapor Lynce. — No Tejo.

Vapor Argus. — No Algarve.

Vapor Tete. — Na Africa.

Vapor Sena. — Na Africa.

Barca Martinho de Mello. — No Tejo.

Escuna Conde Penha Firme. — Na Africa.

Escuna Napier. — Na Africa.

Brigue Pedro Nunes. — Desarmado.

Ha mais outras embarcações de pequeno lote que não se mencionam aqui, por brevidade.

Alfandega de Lisboa

Do lado opposto do arsenal da marinha e communicando tambem com o Terreiro do Paço, mas pelo lado oriental, está o grandioso edificio da alfandega, construcção do grande homem, muito digna de ser visitada pelo forasteiro, que não tenha mesmo de entrar lá por causa de negocios, mas tão sómente para a revista da sua bagagem. Famosos armazens e salas occupam os dois pavimentos de uma ampla quadra, fresca sempre pelas aguas de um tanque com seu pequeno repuxo e por formosos salgueiros que sombreiam commodos assentos. Tem logo ao desembarque esta alfandega, dois telheiros de ferro com columnas do mesmo metal de agradavel apparencia. A entrada é sempre franca pela arcada da Praça do Commercio.

Esta alfandega tem actualmente um ramal de

caminhos de ferro americano; e está mais augmentada com varias casas e armazens que pertenceram ao ministerio do reino.

Proximo ao Terreiro, no chamado *Jardim do Tabaco*, possui esta alfandega excellentes armazens de deposito, para os generos que não podem estacionar na alfandega grande.

Alfandega municipal

Caminhando para leste pela chamada *rua da Alfandega* e não mui distante do seu termo, encontra-se o largo do *Terreiro do Trigo*, no centro do qual está um vasto, elegante e solido edificio, construido, ainda por Pombal, para deposito de trigos, depois transformado em alfandega de cereaes e que ultimamente pela reunião d'esta casa fiscal com a alfandega denominada das *Sete Casas*, tomou o nome de Alfandega Municipal. É ahi que se despacham todos os objectos de consumo do municipio, menos o peixe que tem uma administração separada, no caes da Ribeira Nova, mas cujo edificio nada tem de notavel.

Cordoaria

Singelo mas assaz extenso edificio, mandado construir pela rainha D. Maria 1, á margem do Tejo, entre a Junqueira e Belem. É ahi a fabrica

de cabos e lonas para fornecimento da armada e tem uma officina de instrumentos mathematicos.

Casa da moeda

Adiante do largo de S. Paulo, caminho de oeste. Tem uma excellente machina de cunhar, a vapor, e existiam ahi guardadas algumas preciosidades dos extinctos conventos e egrejas profanadas; taes eram — uma cruz de oiro de 12 marcos e 4 onças, que D. Sancho I deu a Santa Cruz de Coimbra em 1212; uma cruz grande antiquissima, outra de oiro com pedras preciosas e uma grande pyxide com pedraria, tudo do convento de Alcobaça; um grande cofre de prata para a semana santa, no gosto gothico, que pertencia aos freires de Thomar. A custodia da Patriarchal, que custou um milhão e duzentos mil cruzados; a da Bemposta, que tem dezeseite contos de réis no pezo de metal, fóra os diamantes e mais pedraria; a de Belem, mandada fazer por D. Manuel, do primeiro oiro que veio do Quilôa; o precioso calix de Thomar, dois de Coimbra, o sceptro real de oiro do Tejo, etc.

Palacio da justiça

No extincto convento da Boa Hora, acima da Conceição Nova. Nada tem de notavel. Ahi estão todos os julgados da primeira instancia em Lisboa, menos o commercial e os militares.

Quarteis de tropas

Os mais notaveis são: dois na calçada da Ajuda — Lanceiros da rainha, e infantaria n.º 1 — o de Campo de Ourique, de infantaria 16; o de Val de Pereiro, caçadores 2; o de Alcantara, construido para o batalhão naval, hoje extincto; está occupado pelos invalidos da marinha; e o do castello de S. Jorge, onde está caçadores 5. Os demais corpos da guarnição de Lisboa, e varias companhias da guarda municipal de pé e de cavallo, estão alojados em edificios dos extinctos conventos.

Está quasi concluido em Campolide um espaçoso quartel para artilheria, com todas as commodidades necessarias.

Prisões

Limoeiro. — Antigo palacio da moeda, dos infantes, ou de S. Martinho. Ali residiu o rei D. Fernando o famoso, e ali diante dos olhos da feiticeira Leonor Telles de Menezes, matou o Mestre de Aviz, depois D. João I, o impudico gallego João Fernandes Andeiro, conde de Ourem. Hoje é a prisão publica de Lisboa.

Aljube. — Logo abaixo do Limoeiro. Foi antiga prisão de ecclesiasticos e depois serviu successivamente para reclusão dos condemnados a trabalhos publicos, e das mulheres. É pequeno edificio, mas conserva-se em bom estado.

Castello de S. Jorge. — Prisão dos militares.

Galé. — No Arsenal da Marinha; era o presidio dos condemnados a trabalhos forçados.

Cova da Moira. — Servia para detensão dos presos sentenciados a degredo, enquanto não partiam para os seus destinos.

Torre de Belem. — Tambem prisão militar, quando ha grande numero de presos. Tem uma formosa sala para detensão dos officiaes generaes. Das outras bellezas da torre fallaremos na *defeza de Lisboa*.

S. Julião da Barra. — Prisão de estado com horriveis calabouços, onde ás vezes cumprem sentenças de prisão temporaria os officiaes militares.

Caes

Tem Lisboa oito grandes caes de embarque e desembarque, que são os de Belem, Ribeira Nova, Caes do Sodré, Arsenal; Caes das Columnas, (Terreiro da Paço), Alfandega, Caes de Santarem, e Fundição; e quatro menores — o da Cordoaria, de Alcantara, de José Antonio Pereira, e do Terreiro.

Aterro da Boa Vista

Este aterro começa no Caes do Sodré e chega já quasi até Alcantara. Está ainda em construcção

e logo que se ultime, será um dos melhores passeios da capital.

É uma longa e bella planice arborisada, com assentos de madeira, bem illuminada, á margem do Tejo e decorada com bellos predios e muitos estabelecimentos importantes, como: serralharias, officinas de fundição, serragens a vapor, estaleiros, vaccaria, (onde se vende leite fresco, sorvetes etc.) O estabelecimento do gaz, a abegoaria da cidade etc. Armazens de bebidas, depositos de madeiras, fabricas de tumulos etc., etc.

Este sitio é muito frequentado por carroagens e *omnibus* que transitam para Alcantara, Belem, Ajuda, Pedroços, Oeiras e Cascaes.

Ha o projecto de estabelecer aqui uma linha ferrea até Cintra.

Caldeiras

Em construcção ha duas caldeiras ou dokas, junto ao Caes de Santarem, assim como no Arsenal da Marinha ha outras duas para as embarcações do estado; posto que meio atulhadas de lodo ainda servem de grande refugio contra os rigores do inverno.

Jardim botanico

Contiguo á casa que serviu até 1836 de museu de historia natural, palacio velho ao lado da Ajuda. Foi fundado em tempo de D. Maria I, para instruc-

ção dos principes, e teve por primeiro director o celebre doutor Vandelli, lente jubilado da universidade de Coimbra ; depois, em 1810, o doutor Felix d'Avellar Brotero, um dos melhores botanicos do mundo. É logar agradavel e ameno, e tem sido enriquecido com uma collecção selecta de plantas exoticas. Na entrada da parte do sul estão duas curiosas estatuas de cantaria, já muito arruinadas, attribuidas aos fenicios e desenterradas em 1785 nas visinhanças de Portalegre; bem como uma enorme estatua de Hercules. Tem este jardim bellos repuchos e bacias de agua, duas magnificas estufas e varias obras em marmore, dignas de ver-se.

Telegraphia eletrica

Estabelecida na Praça do Commercio, no mesmo local da repartição das obras publicas.

É do serviço do estado, porem tambem recebe communicacões para particulares, pelo preço que mostra uma tabella existente no mesmo estabelecimento. Tem estações em diversos pontos da capital onde recebe e expede telegrammas.

Fontes e chafarizes

São muitas as fontes e chafarizes que abastecem d'agua a cidade ; trata-se de a encanar para as habitacões, mas entretanto são mais de tres mil gal-

legos que a fornecem aos moradores ; em caso de incendio, cujo local é annuciado por um certo numero de badaladas nas torres das egrejas, correm os aguadeiros com os barris a accudir, enquanto outros gallegos das companhias dos bombeiros arrastam os carros das bombas e escadas. Ha um inspector dos incendios para dirigir superiormente esses trabalhos.

Os chafarizes e fontes mais notaveis de Lisboa, são :

A samaritana. — É um monumento dos velhos tempos, d'uma architectura grosseira, mas que atráe pela sua vetustidade e singeleza a attenção de curiosos. Vê-se ali em relevo na pedra aquella piedosa historia da Samaritana, de que fallam os livros santos. Está situada no caminho da Madre de Deos.

Chafariz d'El-rei. — Tem nove bicas, e é d'onde se toma a melhor agua para embarque. É situado ao Terreiro.

No largo de S. Paulo. — Um obelisco demasiadamente grande para o tamanho da praça em que está collocado ; tem quatro bicas, e é de moderna construcção.

Janellas Verdes. — Um dos mais bem acabados chafarizes de Lisboa, ornado d'uma bella estatua, em frente do palacio do marquez de Pombal.

Alcantara — Defronte do quartel dos invalidos de marinha ha um chafariz recentemente construido e que o mau gosto fez coroar d'um Neptuno.

Necessidades — Tem este largo uma fonte com grande tanque e gracioso obelisco, a que já nos referimos no artigo *Palacios reaes*.

Belem. — Proximo ao mosteiro dos Jeronymos está um outro chafariz, de fôrma piramidal, que é dos mais engraçados em architectura que possui Lisboa e seus suburbios. Foi construido modernamente.

Pedroiços. — N'este encantador logar ha um outro chafariz igualmente esbelto e de gosto não vulgar, ainda de mais moderna data.

Esperança — Retrocedendo para o interior da cidade, cuja orla seguimos até aqui, encontramos o chafariz do Largo da Esperança, adornado de columnas e ampla escadaria.

Thesouro Velho. — De moderna data foi feito para substituir o chafariz do Loreto.

Carmo. — É d'uma estrutura original e embelezza muito a praça que lhe deu o nome.

Rua Formosa. — No centro d'um largo. É espaçoso e abundante em agua.

Chafariz da rua d'Alegria. — De aspecto acanhado, porém abundante d'agua.

Rato. — No largo d'este nome ; é de soffrivel apparencia.

Rua do Arco — Pequeno e sem prespectiva.

Praça das Flores — É do mesmo gosto. Foi construido para substituir um outro que havia junto ao arco do rua de S. Bento.

Das Amoreiras. — Construido no centro do largo d'esta denominação, é elegante e possui boa agua.

Da Estrella. — Construido junto ao convento assim chamado. Nada tem de notavel.

De S. Pedro de Alcantara. — Construido modernamente no fim da calçada da gloria, em substituição d'um outro que havia junto da alameda.

Em toda a cidade e seus arrebalde ha outros mais, pouco dignos de nota, assim como varios marcos fontenarios nos passeios e nos logares mais publicos da cidade.



ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE LESTE

Esta elegante e espaçosa estação está situada proximo a Santa Apollonia, e pouco distante do largo do Terreiro. Não obstante ter um largo na sua frente, a rua que lhe fica paralella é pouco larga, e se esta linha ferrea tivesse o desinvolvimento desejavel, por certo aquella arteria seria insufficiente para o transito publico.

Tem esta estação uma magestosa *gare*, e todas as dependencias necessarias são edificadas com elegancia e solidez. Dizem as pessoas entendidas que não é inferior a outras estações de paizes muito mais adiantados que nós.

D'ali partem os comboys para leste e sueste,

tendo um espaçoso *entroncamento*, solidas pontes de ferro e cantaria, tuneis, etc.

Houve projecto de fazer na frente d'esta estação um formoso aterro roubando á margem do Tejo o necessario espaço para uma bella rua que chegasse a entroncar com o denominado *Aterro da Boa Vista*; porém uma tal obra foi julgada superior ás forças do nosso municipio, e assim ficou aquelle terreno acanhado e pouco elegante.



DEPOSITO DA COMPANHIA DAS AGUAS

É no logar onde existiu o chafariz da praia, e que agora é substituido por uma *bica* de pouca importancia, que se edificou junto a este deposito d'aguas, o qual é de perfeito machinismo, solido e bastante espaçoso. É uma obra importante e a unica que n'este genero existe em Portugal e por isso muito digna de ser visitada por qualquer estrangeiro.

As duas obras hydraulicas mais notaveis de Lisboa é esta e o deposito das Amoreiras. *Os arcos das aguas livres*, fóra da circumvalação de Lisboa, igualmente é uma obra arrojada e perfeita, e da qual se falla mais largamente n'esta guia.

A chamada companhia das aguas já fornece esse necessario liquido a muitas casas e estabelecimen-

tos, por um preço muito rasoavel, prestando assim um bom serviço á economia e á hygiene.



MERCADOS

Praça da Figueira. — Bello mercado coberto, sobre os quatro lados de uma extensa praça, que fica a par do Rocio, no topo da rua da Prata. Tem arvores pelo centro. Ahi se vendem aves de toda a qualidade, fructas, hortaliças, ovos, leite e flôres. É fechado todas as noites, com as portas de ferro, á similhança do passeio publico.

Nas vesperas de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, é esta praça illuminada e n'ella se vendem fructas, bolos, flôres, bebidas e quinquilherias, como n'um arraial.

Ribeira Nova. — Mercado de peixe, mas onde se encontram tambem fructas e hortaliças. Está situado em uma boa praça junto ao caes de Sodré; tem logares cobertos como a Praça da Figueira. Na frente do mercado, junto ao rio, está a casa fiscal da administração do pescado.

Ribeira Velha. — Mercado de carnes de porco e fructas seccas do Algarve. É muito regular e aceiado, constituindo um dos lados da rua entre o *Ver-o-Peso* (antigo local da alfandega das Sete Casas) e o Terreiro do Trigo.

Praça do peixe.— Ao Terreiro do Trigo. É um pequeno mercado com mesas de pedra, destinado exclusivamente á venda do peixe.

Vêr-o-Peso.— Assim se chama ao mercado de azeite e vinho, por grosso, estabelecido á Ribeira Velha.

Praça de peixe.— Em Belem. É local mais vasto. Foi concluido ha poucos annos com bastante gosto.



MATADOURO

Era antigamente no Campo de Santa Anna. Agora acha-se edificado com toda a vastidão no sitio denominado Cruz do Taboado.

É um estabelecimento notavel e no seu genero pôde competir com os melhores que existem nos outros paizes.

As rezes são alli desmanchadas com todo o aceio, havendo um cirurgião veterinario destinado a examinar o estado de saude dos animaes que, para consumo da capital, se votam á morte.



ESTABELECEMENTOS UTEIS

Hospital nacional e real de S. José.— Estabelecido no prolongamento da rua do Arco da Graça.

Este hospital é destinado aos doentes pobres, posto que também possui quartos particulares por preços rasoáveis.

É de bella apparencia, tem um largo na sua frente, todavia possui poucas condições hygienicas. Ultimamente soffreu notaveis melhoramentos. Tem uma escola medico-cirurgica, sendo seus professores as melhores reputações da capital.

Hospital da Marinha.— Junto ao campo de Santa Clara. É destinado aos doentes pertencentes á armada real.

Hospital da estrellinha.— Este hospital militar está situado ao pé do largo da Estrella, e é destinado aos militares doentes.

Hospital de S. Lazaro.— Passado o largo do Socorro. É destinado aos doentes pobres que padecem molestia de pelle.

Hospital veterinario.— Annexo ao Instituto Agricola. É do estado, todavia também recebe para tratamento animaes doentes, pagando seus donos toda a despeza.

Real casa pia

É estabelecida no edificio do convento dos Jeronymos em Belem. Antigamente dava educação aos orphãos e desamparados de ambos os sexos, hoje admite sómente rapazes e em menor numero, onde lhes ensinam instrução primaria, officios mechanicos, etc.

No primeiro domingo de cada mez é patente este Asylo ao publico.

Asylo da Mendicidade

No extincto convento de Santo Antonio dos Capuchos ao campo de Santa Anna.

Recolhe um determinado numero de pobres de ambos os sexos que alli são mantidos por caridade.

Asylo de Maria Pia

Vasto edificio situado a Santa Apollonia, no qual se abrigam indigentes velhos, cegos e aleijados de ambos os sexos.

Actualmente o numero de asylados é de 597.

Asylo de Santa Catharina

Estabelecido no antigo edificio de S. João Nepomoceno.

Foi instituido para recolher os orphãos das victimas da febre amarèlla.

Asylo dos filhos dos soldados

No edificio de Mafra.

Asylo dos invalidos do trabalho

Sito na Fonte Santa.

Santa Casa da Misericordia

No largo de S. Roque.

Este estabelecimento de caridade, educa orphãos de ambos os sexos, e recebia os infelizes engeitados por seus paes.

Tem uma boa administração e um hospital para os seus orphãos.

N'este edificio é que se fazem as loterias, em favor dos estabelecimentos de caridade.

Asylos da Infancia Desvalida

Ha em Lisboa quasi um d'estes asylos por cada freguezia, ensinando os filhos de pessoas pobres. São mantidos por uma commissão de pessoas caridosas.

Instituto Vaccinico

Rua do Crucifixo n.º 100.

Concelho de Saude Publica do Reino

Annexo á Secretaria do Reino.

Lyceu Nacional de Lisboa

Na rua de S. José, proximo ao Quartel General.

Quartel general

Na rua de S. José, proximo á rua das Pretas.

Correio Geral

Administração central do correio de Lisboa, calçada do Combro (aos Paulistas).

O correio tem uma estação postal na praça do Commercio, no lado oriental, assim como muitas caixas em diversas ruas da cidade.

As estampilhas de franquia vendem-se nas lojas que teem caixas, assim como na estação postal e no correio geral, onde se seguram as que vão para fora do reino e se recebe dinheiro e encommendas.

Procuradoria Geral da Corôa

Junto ao arco da rua Augusta.

Monte-Pio Geral

Rua do Ouro.

Observatorio astronomico

Na Ajuda. É rico de instrumentos mathematicos e administrado por capacidades scientificas de primeira ordem.

LOCALIDADES DAS REPARTIÇÕES PUBLICAS

RECAPITULAÇÃO

Academia real das sciencias. — Rua do Arco.

Academia das bellas artes. — Extincto convento de S. Francisco.

Administração geral dos correios. — Calçada do Combro.

Administração economica das cadeias civis de Lisboa. — Limoeiro.

Administração geral da casa da moeda e papel sellado. — Rua da Moeda.

Administração da real casa de Bragança. — Necessidades, ou na rua do Duque de Bragança.

Administração geral da imprensa nacional. — Travessa do Pombal.

Alfandega grande de Lisboa. — Terreiro do Paço.

Alfandega municipal. — Largo do Terreiro.

Archivo da torre do Tombo. — Calçada da Estrella.

Archivo militar. — Calçada nova de S. Francisco.

Arsenal da marinha. — Largo do Pelourinho.

Arsenal do exercito. — Largo da Fundação.

Bibliotheca nacional. — Ex-primeiro convento de S. Francisco,

Banco de Portugal. — Rua dos Capellistas.

Camara municipal. — No Ver-o-pezo.

Commissão permanente das pautas. — Na Alfandega de Lisboa.

Commissão administrativa da casa pia. — Extincto convento dos Jeronymos.

Conselho de estado — Necessidades, (as secções no Terreiro do Paço).

Conselho de suade naval e do Ultramar. — Hospital da marinha.

Conselho de saude publica. — No ministerio do reino.

Conselho de administração da marinha. — Terreiro do Paço.

Conservatorio real. — Rua dos Caetanos.

Escola polytechnica. — Rua Direita da Escola Polytechnica.

Escola do exercito. — Bemposta.

Escola naval. — Rua do Arsenal.

Escola de commercio. — No Instituto Industrial.

Escola medico-cirurgica. — Hospital de S. José.

Estação de saude. — Belem.

Estado maior general. — Terreiro do Paço.

Governo civil. — Travessa da Parreirinha.

Governo diocesano do Patriarchado. — S. Vicente.

Hospital nacional e real de S. José. — Calçada do collegio de Santo Antão.

Hospital da marinha. — Campo de Santa Clara.

Hospital militar. — Estrellinha.

Hospital de alienados. — Rilhafolles.

Hospital de lazarus. — Rua de S. Lazaro.

Inspecção geral dos theatros. — Rua dos Caetanos.

Intendencia das obras publicas. — Terreiro do Paço.

Juizes de direito e orfanologico. — Extincto convento da Boa Hora.

Junta do credito publico. — Terreiro do Paço.

Junta geral do districto. — Rua da Parreirinha.

Junta do deposito publico. — Calçada nova de S. Francisco.

Lyceu nacional. — Rua de S. José.

Majoria general. — Arsenal da Marinha.

Policia correccional. — Extincto convento da Boa Hora.

Policia do Porto. — Na alfandega.

Praça dos leilões. — Calçada nova de S. Francisco.

Procuradoria geral da fazenda. — Terreiro do Paço.

Quartel general da 1.^a divisão militar. — Rua de S. José.

Santa casa da misericordia. — Largo de S. Roque.

DEFESA DE LISBOA**Castello de S. Jorge**

Cidadella de Lisboa, em um alto que domina parte da cidade, e onde se encontra a celebre porta de Mem Moniz, na qual, segundo a tradição, se atravessou um valente guerreiro d'aquelle nome, para facilitar ás hostes de Affonso Henriques a entrada da cidade. A parte militar do castello, com presidio, quartel de tropa, e baterias, está conservada com o maior aceio e bom gosto; o antigo bairro que ainda se conserva de pé, quasi todo anterior ao terremoto, e que fica fechado pelas muralhas e porta do castello, é de mesquinha apparencia, mas digno de ser contemplado pelo antiquario.

Torre de S. Vicente de Belem

Uma legua distante do Terreiro do Paço para o occidente; a sua construcção foi projectada por D. João II e seu plano incumbido a Garcia de Rezendes, pagem da escrevaninha, porém coube a D. Manuel a gloria de a concluir na mesma epoca e gosto em que edificou o convento de Belem, que não lhe fica distante. Foi construida no meio das ondas, mas hoje está na ponta de uma lingua de areia, que as aguas para alli tem empurrado. É digno de visitar-

se este precioso monumento pela belleza da sua architectura, os relevos e bastiões, as guaritas de pedra com differentes lavôres nos angulos, as cruces de Christo que por toda a parte se mostrãm em relevo recordando o monarcha venturoso, que foi grande mestre d'essa milicia antes de ser rei, os seus mil ornatos graciosos, e as ondas beijando-lhe a base, e a brisa susurrando por entre as ameias, e a linda vista do Tejo, da cidade, das montanhas de além e do oceano. Como ponto militar não é de grande importancia esta torre, porém soccorre-se com a bateria addicional do *Bom Successo*. Uma das curiosidades mais dignas de ver-se na torre de Belem é a *Sala Regia*, cujo tecto é eliptico, e aonde dois visitantes collocados nos fôcos, que ficam nos angulos oppostos da casa, pôdem conversar em voz baixa e communicar mutuamente as suas idéas, sem que outra pessoa collocada no meio da casa, e por conseguinte mais perto de ambos, possa ouvir uma só palavra.

Torre Velha. — Do outro lado do Tejo, fortificação arruinada, aonde está estabelecido o *Lazareto*, e que nada tem a observar nem pela architectura nem pela importancia militar.

Torre de S. Julião ou S. Gião da Barra. — Castello situado na foz do Tejo, com uma povoação adjacente, e prisões medonhas, que já por largos annos estiveram cheias de martyres politicos. Constitue

a defeza de Lisboa pelo lado do mar, cruzando os fôgos com a Torre do Bugio.

Torre de S. Lourenço do Bugio. — Ilhote isolado entre as vagas, como uma vedeta de Lisboa. Entre estas duas torres estão os cachopos que formam as duas barras de Lisboa; a do sul ou *barra grande*, e a do norte ou *corredor*. É uma bonita construção, que tem como S. Julião, um bom pharol, o qual serve de marca, combinado com outros fóra da barra, para se poder de noite tentar a entrada do Tejo.

Fóra da barra ha a fortaleza de Cascaes, que pouco ou nada poderá valer para salvar Lisboa de uma invasão pelo lado do mar.

À margem do Tejo ainda ha do lado do sul o castello de Almada, fronteiro a Lisboa, e outras fortificações arruinadas de um e outro lado, que não têm importancia alguma militar, nem são objectos dignos de attrahirem as vistas do forasteiro.

As linhas destinadas a defender Lisboa pelo lado da terra, occupam a extensão de duas leguas em semi-circulo, apoiando as extremidades no Tejo sobre a Madre de Deus e Alcantara; estão porém em grande parte arruinadas, e despidas da guarnição e artilheria. Mais longe defendem Lisboa as formidaveis linhas de Torres Vedras, ante as quaes recuou Massena com um poderoso exercito de soldados de Napoleão; estas linhas apoiam a direita no Tejo e a esquerda na praça de Peniche sobre

o oceano, cortando a passagem para a capital n'uma cordilheira de montanhas.

Para não demorar a impressão d'este Guia demos já um mappa da força militar de Lisboa.

População

Lisboa, considerada só da linha de circumvalação para dentro, como a reduziu um decreto do governo, não conta mais de duzentos mil habitantes; incluindo Belem, e o demais termo da cidade orça por 260,000 a 300,000 pessoas. A linha de circumvalação, quando estiver concluída, ha de ser um bonito passeio para rivalisar com as Barreiras de Paris.

Cemiterios

Prazeres. — Chama-se assim o principal cemiterio de Lisboa, por ter sido aproveitado para este destino o campo de Nossa Senhora dos Prazeres, onde havia uma ermida em que se venerava a Virgem d'esta invocação, tornada hoje n'uma bella capella do mesmo cemiterio. Tem ruas orladas de cyprestes, e preciosos monumentos funerarios d-riquissimos marmores e de custoso trabalho; notavel entre todos se torna o jazigo pertencente à familia Palmella, onde repousa o cadaver do primeiro duque d'este titulo, um dos maiores di-

plomáticos da Europa. Alli sepultam-se os finados da metade occidental da cidade.

Alto de S. João. — Cemiterio da parte oriental de Lisboa. Menos rico em monumentos funebres, mas notavel pela capella aonde se depositam os finados antes de passarem ao ultimo jazigo, porque é adornada de primorosos marmores, obra moderna que se deve á municipalidade.

Ajuda. — Terceiro cemiterio catholico de Lisboa, onde se enterram as pêssoas fallecidas do concelho de Belem. Nada tem de notavel em comparação com os precedentes.

S. Luiz. — Cemiterio privativo dos francezes, junto á igreja do mesmo nome.

Os Cyprestes. — Nome vulgar que se dá ao cemiterio dos Inglezes, junto ao passeio da Estrella. Annexo a elle está a igreja do culto protestante.

Cemiterio dos Judeus. — Ao Colleginho.

Cemiterio dos Allemães. — Rua do Patrocinio, á Boa-morte.

Val Escuro. — Cemiterio de irracionaes.

PASSEIOS E JARDINS PUBLICOS**Passeio Publico**

Entre o largo de Camões e a praça da Alegria está situado o principal passeio de Lisboa, que não tem outra denominação particular. Contém alguns jardins que cortam ruas sombreadas por arvoredos e duas bellas estatuas representando o Tejo e o Douro, de cujas marmoreas urnas gotejam limphas sobre os lagos. A rua principal é interceptada, logo ao principio, por uma enorme bacia de pedra que serve para receptaculo das aguas.

No lado opposto á entrada principal ha um outro lago, com uma cascata, tendo aos lados duas escadas que conduzem a um terraço, que fica superior á cascata. Este passeio é frequentado pela melhor sociedade da capital, que nos dias aprasiaveis da primavera e do estio ahi vae gosar o balsamico aroma das flores e os melodiosos sons de uma musica marcial. Nas noites de verão é illuminado a gaz; dão-se alli fogos de artificio, concertos, e tem um café.

Jardim de S. Pedro de Alcantara

Este passeio de muito menores dimensões do que o antecedente, avantaja-se-lhe comtudo na belleza do local e graça de accessorios. D'alli se disfructa

um dos mais variados panoramas da cidade, terminando por uma nesga do Tejo. Sobranceiro ao jardim, propriamente dito, que tem uma bonita cascata, um pequeno repucho, e alguns bustos de romanos notaveis, ha um passeio bem assombreado de arvoredo, cercado de grades de ferro do lado da rua e de solidas muralhas no declive da montanha em que está assente. É delicioso, por uma noite de luar, ir alli respirar os halitos da briza, perfumados das mil flores do jardim, e ver a baixa e as montanhas circumvisinhas illuminadas por myriades de luzes das suas habitações. O jardim debaixo está fechado depois do pôr do sol, porém a allameda superior é publica toda a noite.

Jardim de S. Roque

Foi construido no largo da mesma denominação e tem no centro um modesto monumento que os italianos residentes em Lisboa fizeram alli erigir, afim de commemorar o enlace da rainha D. Maria Pia com o nosso rei.

Este jardim é pouco frequentado, e apenas á poetica hora do fim da tarde alli se encontra alguma *ama secca* ou *criadinha sopeira* que disfarçadamente *derrica* o *policia civil* alli estacionado, enquanto as crianças, confiadas ao seu cuidado, rebolando na relva, esmagam os narizes muito á sua vontade.

Jardim da Praça do Príncipe Real

Situado n'um dos pontos mais elevados da cidade, gosa perfeitos ares, é desafrontado, e á noite alli se respiram no estio gratas aragens. Tem no centro um espaçoso lago, com um jogo de agua de bello effeito. No verão de manhã e mesmo de tarde é pouco frequentado, por causa de ser muito exposto ao sol, todavia no inverno, e mesmo no verão pela noite n'elle passeiam muitas familias moradoras n'aquella localidade.

Jardim da Praça das Flores

Na praça d'esta denominação ha um pequeno jardim com um acanhado lago. Este vergel é frequentado apenas pelas creanças dos moradores d'aquelle sitio, as quaes passam alli as suas horas de folgança.

Passeio da Estrella

Este passeio é de certo o mais elegante da capital : uma montanha erguida pela mão do homem, d'onde se devassa uma parte da cidade e do Tejo ; uma gruta cavada tambem pela mão do homem, nas entranhas da terra ; um pavilhão chinez, aonde estaciona aos domingos uma banda de musica militar ; tableiros de verdura e de flores, ruas de bello

arvoredo, lagos e assentos — eis ahi o passeio da Estrella, que toma esta denominação da formosa basilica que lhe fica defronte e que ainda será ornado com a estatua da fundadora d'aquelle magnifico templo, a rainha D. Maria I, obra do fallecido João José d'Aguiar, que foi lente de esculptura na extincta escola da Ajuda.

Passeio da Junqueira

Situado á margem do Tejo, e muito mais extenso do que o antecedente, entre Alcantara e Belem, avulta o copado arvoredo d'este passeio, orlado de palacios e casas elegantes; termina no poente pelo vasto edificio da Cordoaria.

Jardins do Aterro

No aterro da Boa Vista ha dois bonitos jardins, com frondoso arvoredo, bellas flores e commodos assentos, os quaes são muito frequentados em as noites de verão.

THEATROS

D. Maria II. — *Declamação portugueza*

Este theatro foi levantado no mesmo local onde existiu o palacio dos *Estaus*, depois a inquisição, a regencia, e ultimamente o thesouro publico, edificio que foi destruido pelas chammas, em 1836. O theatro foi concluido em 1847, e bem que inferior ao de S. Carlos em grandeza e solidez, excede-o comtudo em elegancia e luxo de ornatos. A fachada principal que embelleza a praça de D. Pedro tem seis formosas columnas, coroadas por uma empena onde se vê um alto relevo representando Apolo e sete das Musas, desenho de Fonseca, executado por Aragão, Cezarino, Lata, e Caggiani; as duas Musas que faltam n'aquelle grupo — Melpomene e Thalia — estão aos lados da esttua central que representa o poeta Gil Vicente; esta foi modelada por Assiz, e executada por Cesarino; aquellas são dos cinzeis de Caggiani e Lata, Pedro de Alcantara, e Eça. Esta fachada principal do edificio tem entrada para o camarote real; a do largo de Camões para as platéas e camarotes; a do Pateo do Regedor para as varandas e palco; e a do largo de S. Domingos tambem communica com a caixa do theatro. O salão ao nivel da primeira ordem de camarotes, tem varandas que communicam com a segunda e terceira ordens,

e portas para o terraço superior do vestibulo do largo de Camões. Tem frizas, camarotes de primeira, segunda e terceira ordem, e uma sumptuosa tribuna real.

S. Carlos. — *Opera italiana*

Um dos melhores theatros de segunda ordem na Europa, e onde se encontram decorações como em nenhum outro. Foi construido em seis mezes pelo architecto portuguez José da Costa e Silva, sob a inspecção de Sebastião Antonio da Cruz Sobral, e a expensas de uma companhia de opulentos negociantes, a cuja frente se achava o barão de Quintela (pae do fallecido conde do Farrobo), Antonio José da Cruz Sobral, Bandeira, e Machado. A primeira representação n'este theatro teve logar no dia 29 de abril de 1793, para festejar o nascimento da princeza da Beira, D. Maria Thérèza, primeira filha de D. João vi. — No tecto do salão de entrada ha a notar um bello quadro, representando o *precipicio de Faetonte*, obra do delicado pincel de Cyryllo Wolkmar Machado; o pavimento é de marmore branco e azulado, disposto em xadrez. A sala do spectaculo é eliptica; tem 120 camarotes distribuidos em cinco ordens, e uma tribuna grandiosa para o Soberano nos dias de grande gala. Este edificio é construido de cantaria á prova de fogo; os seus corredores são todos de abobada, as escada-

rias de pedra, e em tão grande numero, que no caso de sinistro dariam prompta saída a todos os expectadores dos camarotes. Está situado em uma praça quadrada e bastante larga para o livre transito de carruagens e pessoas a pé.

Theatro da Trindade

Elegante edificio modernamente construido na rua da Trindade. Tem um bom salão para bailes de mascarar, é muito concorrido, e sempre mimosseia o publico com espectaculos variados e deslumbrantes.

Destina-se em geral a comedias, farças e operas comicas.

Theatro do Gymnasio

Este theatro é destinado á comedia e á farça lyrica. De pequena dimensão, é porém construido elegantemente e tem alcançado até hoje o favor do publico.

A companhia é limitada, e possui alguns artistas de merecimento.

Foi n'este theatro que debutou o actor Taborda, no tempo em que alli se reuniu um grupo de actores apreciaveis. Era então muito frequentado pelo publico que gostoso assistia ás representações de chistosas comedias.

Theatro da Rua dos Condes

Este theatro velho e de triste apparencia, é destinado aos espectaculos que se dão no *Theatro de Variedades*, e como elle é frequentado por igual classe de espectadores.

Os nossos principaes actores aprenderam n'este theatro, como: Emilia das Neves, Tasso, Rosa, Theodorico etc. Hoje não conta nenhum artista de notavel merecimento.

Theatro de Variedades

O antigo theatro do Salitre acha-se actualmente crismado com este titulo, todavia é sempre o mesmo theatro, frequentado por espectadores de baixa classe, promptos a promover rixas e continuadas troças. Varias sociedades teem administrado aquella empresa, porém o mau fado constantemente as persegue.

O genero d'este theatro é comedias, farças e magicas.

Theatro do Principe Real

Estabelecido no fim da Rua Nova da Palma. É destinado a comedias e dramas. As companhias que tem tido são pouco notaveis, e em geral é frequentado pela classe pouco elevada da sociedade.

Casino Lisbonense

No largo da Abegoaria (á Trindade). É um espaçoso salão proprio para bailes mascarados, bem decorado, e no qual se teem dado representações de zarzuelas e concertos vocaes e instrumentaes.



CIRCOS

Praça do Campo de Sant'Anna

É o unico monumento do tempo do governo de D. Miguel. Ha ali corridas de touros no gosto peninsular, quasi todos os domingos de verão. Começou a servir em 1832. O seu rendimento reverte a favor da casa pia.

Circo de Price

Rua do Salitre, em frente do *Theatro de Variedades*.

Uma companhia equestre trabalha n'este elegante circo todos os invernos, e é frequentado pela melhor sociedade de Lisboa; os espectaculos são á noite. Tambem dá bailes mascarados na epoca do Carnaval, e algumas vezes espectaculos dramaticos pela companhia do theatro da rua dos Condes.

PRAÇAS E RUAS MAIS NOTAVEIS, MONUMENTOS,
PALACIOS E QUINTAS

A cidade baixa ou nova, edificada por ordem do marquez de Pombal, sobre as ruínas deixadas pelo terremoto, é um parallelogramo regularissimo de ruas cortadas em angulos rectos, e terminadas ao sul pela praça do commercio, e ao norte pelas praças de D. Pedro e da Figueira. As ruas transversaes de leste a oeste, começando na praça do Commercio denominam-se: *Rua Nova de El-Rei* (vulgo dos *Capellistas*, por ser especialmente dedicada ás lojas de sedas, bijouterias e modas). — *Rua de S. Julião* (vulgo dos *Algibebes*, porque quasi todas as suas lojas são occupadas por vendedores de fato feito). — *Rua da Conceição* (vulgo dos *Retrozeiros*, pelo motivo que a denominação indica. — *Travessa de S. Nicolau* — *Travessa da Victoria* — *Travessa da Assumpção* — *Travessa de Santa Justa*, que termina em um largo da mesma denominação, e finalmente a *Rua da Bitesga*, e a *Travessa do Amparo*, communica o *Rocio* com a *Praça da Figueira*. As ruas do sul a norte são, começando de oeste: — *Rua Aurea*, ou do Ouro, *Rua Augusta* ou dos Mercadores, e *Rua Bella da Rainha* (vulgo da *Prata*) que partem da *Praça do Commercio* (vulgo *Terreiro do Paço*) as duas primeiras a entestar com a *Praça de D. Pedro* (vulgo *Rocio*) e a ultima com a *Praça da Figueira* (mercado publico).

Ainda mais a leste está a *Rua Nova da Princeza* (vulgo dos *Fanqueiros*) onde se vendem chitas, algodões e linhos), que vae passar ao lado da praça da Figueira, e terminar no largo de S. Domingos. Além d'estas quatro ruas principaes, ha ainda outras quatro alternadas com aquellas, que começam sómente na rua dos Retrozeiros, e vão terminar na linha norte do parallelogramo. Entre a rua dos Fanqueiros e a da Prata, está lançada a rua dos *Douradores*; entre a da Prata e a Augusta, a dos *Correeiros* (vulgo *Travessa da Palha*); entre a rua Augusta e a do Ouro, está a *Rua dos Sapateiros* que termina por um arco communicando com o Rocio, cuja denominação *Arco do Bandeira* é vulgarmente dada a toda a rua. Além da rua do Ouro fica a rua do *Crucifixo*, que fecha o parallelogramo por oeste. D'ahi a cidade sóbe por um lado para o Chiado e bairro Alto, por outro para a Magdalena e Sé, por um terceiro para os montes de Sant'Anna e da Cotovia, e pelo quarto desce para o Tejo. Imagine-mos o desembarque no Terreiro do Paço, e percorrámos a cidade baixa.

Praça do Commercio (vulgo **Terreiro do Paço**)

É uma praça regular e grandiosa, como não vimos ainda outra na Europa, cercada de tres lados por soberbas arcadas, que sustentam os edificios

onde estão collocadas as principaes repartições do estado, como já indicámos n'outro logar, a leste e oeste terminam estes grandes corpos por dois formosos torreões, local da *Bolça* (praça do commercio propriamente dita). Qualquer d'elles tem optimas columnas sustendo os pavimentos superiores. Entre os dois lançcs que formam o lado septentrional da praça, na entrada da rua Augusta, estão feixes de primorosas columnas, sustentando uma arcaria de bem lavrada pedra, sobre a qual se levanta a bella plata-fórma da torre que hade receber o relógio e sino da cidade. Do lado opposto está o rio e um amplo caes, terminado por duas columnas de marmore inteiriças.

Tem esta praça 585 pés de comprimento de nascente a poente, sobre 536 de largura. Está arborizada e bem illuminada.

O mais bello ornamento d'esta vastissima praça é a

Estatua equestre de D. José I

Monumento erguido pelo povo de Lisboa ao rei sabio, que mandou reedificar a cidade destruida pelo horrivel terremoto de 1755. Bem no centro da praça está collocado o formoso pedestal que sustenta a estatua, cujo cavallo e cavalleiro, em bronze, pezam 80.640 arrateis! e tem de altura 31 e meio palmos; o pedestal, de marmore, tem de altura 32 palmos, de comprimento 27, e de largura

18. É em tudo superior á famigerada estatua equestre de lord Wellington. O desenho e esculptura da nossa *memoria* (como lhe chama vulgarmente o povo) é do celebre Joaquim Machado de Castro, e a fundição da estatua foi feita no arsenal do exercito, sob a inspecção do tenente general Bartholomeu da Costa; foi inaugurada em 1773, vinte annos depois do terremoto, e ainda em vida do rei a quem era dedicada. Por seis degraus de pedra se sóbe á plata-fórma que sustenta o pedestal, entre dois grupos allegoricos ao nascente e ao poente, representam estes, de um lado um mancebo, tendo em uma das mãos a palma do triumpho, e com a outra dirigindo o cavallo que piza aos pés os inimigos, tudo cercado de tropheos de guerra; do outro lado a fama embocando a tuba, cercado tambem de tropheos, e com um elefante ao pé, e um homem prostrado, alusão esta que ainda ninguem soube explicar rasoavelmente.

As faces do pedestal adjacentes aos grupos são lizas; a que olha para o interior da cidade tem um baixo relevo, cuja allegoria o auctor explica assim:— E o objecto principal a *generosidade regia*, virtude personalisada na figura de uma donzela com as vestes e insignias reaes na attitude de descer do solio, como para acudir e remediar a lamentavel catastrophe da capital destruida pelo terremoto; ao lado tem um leão, symbolo da mesma virtude. Outra figura feminina, a *cidade de Lisboa*, é facilmente conhecida

pelo escudo de suas armas, isto é, o navio com dois corvos á popa e á prôa ; vê-se caída e em deliquo, para significar o desastre que soffrera : o *governo da republica*, trajando como os guerreiros antigos, a está amparando com a dextra ; a este trava do braço esquerdo o *Amor da Virtude*, representado n'um menino aligero cercado de grinaldas de louro, que o guia perante o throno para expor os intentos e sollicitar os meios de progredir na reparação da cidade, ao que a generosidade regia benignamente defere. O *commercio* abrindo os seus cofres franqueia as suas riquezas. Posteriores a esta figura, que tem aos lados a cegonha e duas mós, que são seus symbolos, vemos mais duas figuras, representando a *architectura*, que mostra a planta da cidade e a *Providencia humana*, que se distingue pela corôa de espigas de trigo e pelo leme, e umas chaves na mão esquerda : vem ambas concorrer com sua pericia e direcção a levantar Lisboa do meio das ruinas em que jazia sepultada.

A outra face do pedestal, que olha para o Tejo, e que é convexa como a que lhe fica opposta e acabamos de descrever, tem esculpidas as armas reaes, e abaixo d'ellas uma moldura oval, onde o grande ministro restaurador da cidade mandou collocar a sua effigie em bronze, a qual foi arrancada em 1777 para lhe substituirem outra lamina com as armas do senado da camara de Lisboa. D. Pe-

dro iv, mandou restituir ao seu logar o retrato do marquez de Pombal, o que se effectuou a 12 de outubro de 1833.

Praça de D. Pedro (Rocio)

Tambem formosa e regular, e da forma de um parallellogramo; tem o centro empedrado de preto e branco, o que faz muito bom effeito, apezar das censuras dos criticos; o seu comprimento e largura lá está escripto tambem em pedra, por braças e por metros. No meio da praça está o monumento de D. Pedro iv erecto em 1870 o qual consiste n'um amplo e elegante pedestal com uma imponente columna de fino marmore que termina com a estatua do imperador fundida em bronze.

Na base d'este monumento estão quatro collosaes estatuas allegoricas, representando a prudencia, a justiça, fortaleza e a temperança. A segunda parte é decorada com dezeseis escudos das principaes cidades de Portugal. O pedestal que é quadrado contem quatro inscrições com letra de bronze.

O terço inferior d'esta columna, circumdado por uma corôa de louro está decorado com grinaldas e corôas, e quatro figuras da fama em baixo relevo, ligadas com festões pendentés das mãos. As quatro partes do capitel teem os brazões das armas de Portugal. Em cima se eleva um pequeno pedestal terminando por um hemispherio sobre o

qual assenta a estatua do imperador coroado de louro, com o uniforme de general e manto, tendo na mão direita a carta constitucional, e apoiando a esquerda na espada.

Os lados do nascente e poente da praça tem bella casaria simetrica ; ao sul está o arco do Bandeira, tambem ladeado de moradas, e ao norte o rico theatro de D. Maria II, de que já tratámos em logar competente. A leste d'este edificio fica o largo e egreja de S. Domingos, e a oeste o *largo de Camões*, com lindos predios, que seguem pela *rua de Camões* ao passeio publico. Sobranceiro ao Rocio vê-se, em uma eminencia, o convento do Carmo e as formosas ruinas da egreja que lhe era annexa.

Esta praça perfeitamente arborizada e illuminada, contém grande numero de commodos bancos de madeira.

Praça de Luiz de Camões

Esta moderna praça está situada no fim da rua do Chiado, sendo fechada por uma gradaria de bom gosto. No centro foi inaugurado em 1867 um monumento ao grande poeta, executado pelo esculptor Victor Bastos. Consta de uma estatua ingente de Luiz de Camões, avultando no seu pedestal, esculpidos em marmore, as estatuas dos mais notaveis poetas e prosadores já fallecidos, que são :

Fernão Lopes, Pedro Nunes, Gomes Eannes de Azurara, João de Barros, Fernão Lopes de Cantanheda, Vasco Mousinho de Quevedo, Jeronymo Corte Real e Francisco de Sá de Menezes.

Esta praça é uma das mais elegantes, pois é guarnecida de bellos edificios, e está bem illuminada, arborisada, e com grande numero de bancos para commodidade do publico.

Praça da Alegria

Na parte superior do Passeio Publico, não é tão regular como as já nomeadas, mas tem bellas habitações de particulares, é arborisada e tem assentos.

Praça do Principe Real

Acima da antecedente, e em logar bem arejado. Ahi esteve a antiga basilica de Lisboa, incendiada e réduzida a cinzas no seculo passado. Depois começou-se a erguer no mesmo logar o *Erario novo*, que nunca passou dos solidos alicerces; ultimamente destinaram-n'a para a construcção de um mercado publico, mas o que subsiste por agora é um bello e espaçoso lago, pertencente á companhia das aguas que alli tem um abundante deposito. Esta praça é bellamente arborisada e guarnecida de bancos de madeira.

Largo do Pelourinho

Menor que o Rocio, e quadrado. Tem de um lado o vasto edificio do Arsenal da Marinha, e da Camara Municipal ainda em construcção; no centro tem uma singular columna de marmore de uma só pedra, em forma de rosca e ôca, coroada por uma esphera armilar de metal. Era ahi que se executavam as sentenças de morte proferidas contra os nobres, porém ha alguns annos que lhe tiraram os ferros que indicavam essa ominosa serventia.

Praça da Figueira

(Vide *Mercados.*)

Praça dos Romulares

(Vulgò *Caes do Sodré.*) Empedrada similhantemente ao Rocio, e arborisada; é muito frequentada pelos negociantes e homens do mar, em consequencia da sua posição á margem do Tejo, e porque ha ahi mais de um escriptorio de agencia commercial e maritima. Tem dois bons *cafés, hoteis, bilhares*, etc.

Largo de S. Paulo

Tambem empedrado em mosaico e com um obelisco no meio (vide *Fontes e chafarizes*). É muito

regular, porém menor que o Rocio. Em um dos lados tem a igreja parochial de S. Paulo; nos outros tres, boa casaria. É arborisado.

Largo do Rato

Em continuação do caminho para o norte. É espaçoso : tem um chafariz ordinario, e o grande palacio dos marquezes de Vianna, onde se encontram algumas salas das mais bem mobiladas de Lisboa.

Largo das Amoreiras

Largo adiante do *Rato*. É sítio muito ameno, plantado de arvores do seu nome, e ornado com assentos de pedra. Ahi se sente o murmurio das aguas livres que se precipitam pela *mãe d'agua*.

É costume antigo fazer-se n'este largo uma feira annual.

Campo de Sant'Anna

Largo bem arborisado, com boa casaria, e a praça de toiros, de quê fallámos no artigo *Circos*. Fizeram-lhe ultimamente consideraveis melhoramentos. Ahi tem lugar todas as terças-feiras a venda de trastes usados, livros truncados, ferragens, etc. É conhecida esta reunião semanal pelo nome de *feira da ladra*.

Largo do Carmo

No centro da cidade, muito alegre e arborizado; com um bonito chafariz, as ruínas da igreja, e um palácio em que está o *Club Lisbonense*. A associação dos architectos está nas ruínas da igreja.

Praça da Ribeira Nova

(Vide *Mercados*.)

Largo das Necessidades

Defronte do palácio real; tem um chafariz com uma bella agulha de marmore que dizem ser de muito valor.

Largo do Barão de Quintella

Só notavel pelo palácio que foi do conde do Farrobo, que é na realidade elegante, e que entesta com a igreja da Encarnação. Entre esta e o Loreto fica o *Largo das duas Igrejas*, e um bom palacete, que lhe fica ao sopê, onde esteve algum tempo a assembléa da Península, hoje extincta.

A *Praça das Flores*, o *Largo da Graça*, o do *Corpo Santo*, o de *S. Roque*, e outros muitos de Lisboa, mais ou menos regulares, nada tem que prenda a attenção do viajante. No largo do Calha-

riz ha a notar o palacio e jardim dos duques de Palmella.

Entre os palacios particulares de Lisboa e seus suburbios, merece a preferencia, quanto a nós, o dos condes da Ribeira, á *Junqueira*, e depois o dos condes da Povia, hoje casa de Palmella, ao *Rato*. Ahi perto tambem o que pertenceu aos condes de Cêa. São notaveis os dois do marquez de Pombal, ás *Janellas Verdes* (actual residencia de sua magestade imperial a duqueza de Bragança), e na *rua Formosa*; o do Bandeira (conde de Porto Covo), á *Lapa*, acompanhado do bello jardim, cuja entrada é franca; o do marquez de Castello Melhor; o do marquez de Borba, a *Santa Martha*, onde tambem já residiu a imperatriz do Brazil, viuva; o do marquez de Abrantes, a *Santos*, que já foi igualmente habitado por aquella excellente princeza; e o de *Xabregas*, dos marquezes de Niza, fundado pela rainha D. Luiza, mulher de D. João II.

Entre as casas de mais magestosa apparencia em Lisboa, sobresaee a do *Braganza Hotel*, na rua do Ferregial de Cima, que se enxerga desde longe no Tejo; algumas casas modernas na *rua da Trindade*, onde existiu antigamente o convento, e por outros sitios da cidade, isoladas, atraem tambem a attenção do forasteiro, sobre tudo no sitio da *Junqueira*, em que ha lindas habitações, distinguindo-se entre ellas o palacete, jardim e torreões do visconde da *Junqueira*. A nova *rua do Duque de*

Bragança, aberta por entre as ruínas do thesouro velho, e dos paços dos duques de Bragança, esta nova rua orlada por modernas arvores, tem do outro lado uma successão de casas regulares e da mais bella apparencia semelhantes ao hotel de Bragança. Esta rua termina no picadeiro de S. Carlos, onde está a porta para o tablado do theatro.

Além d'esta rua, e das tres principaes da baixa — *Augusta, Aurea, e da Prata*, que já mencionamos, são muitas as ruas de Lisboa, as que se distinguem por sua regularidade ou successão de edificios elegantes. O *Chiado*, é dos logares mais frequentados pelo *bom tom* da capital; ha ahí boas casas, mas nada de especial a mencionar; e ou se suba pela *rua larga de S. Roque* para os apraziveis sitios de S. Pedro de Alcantara, Collegio dos Nobres, e Rato, ou se prosiga para o occidente pelo Calhariz, Paulistas e Poço Novo, encontra-se aqui e alli um palacio, uma casa nobre, um jardim, templos ou de pé ou em ruínas, ou funcionando ou profanados, porém tudo entermeado com casas de modesta apparencia.

É digno de nota o lindo palacio do visconde da Gandarinha, situado na rua do Sacramento, á Lapa. Elegante, commodo, com um bello jardim na frente, no gosto inglez, é uma vivenda modello que talvez não tenha segunda em Lisboa.

Lapa — Buenos-Ayres

São sitios muito da paixão dos estrangeiros, principalmente dos inglezes : o ar é ali mais saudavel do que na baixa, ha mais quintaes, e pouco susurro de povo e rodar de carruagens.

Os montes ao oriente são pouco povoados, e mesmo a *Graca* é um bairro pouco frequentado pela gente dos outros sitios da cidade. Se sois admirador de antigualhas, amigo viajante, embrenhae-vos pelos beccos de *Alfama*; é um labyrintho inestrincavel de vielas escuras, mas dar-vos-ha uma idéa da cidade antiga, porque essa parte não caiu com o terremoto. Lá achareis a portada de uma capella de outros seculos, o troço de fuste antigo, um pedaço de cornija encrustado no frontão de uma bodega, e a escada exterior, e a gelozia patriarchal, e a estreita adufa, finalmente uma cidade á parte; porém, se não tendes queda para antiquario, então contentae-vos em mirar do largo do Terreiro a entrada d'esse labyrintho, porque a lama dura abi todo o anno, e o sol apenas por momentos penetra nas miseraveis habitações da pobre gente que lá vive. Voltae depressa ao bairro aristocratico, tendes a *rua do Alecrim*, com duas lançadas sobre as ruas do *Arco Grande* e do *Arco Pequeno*; a *rua do Arsenal*, que passando pelo *largo do Corpo Santo* une o arsenal ao caes do Sodrè, as ruas das *Flores*, da *Emenda*, de *S. Francisco*, que mostram

Arco

edifícios modernos ; e para oeste, pela beira-mar, a *Boa-Vista*, que é como uma grande arteria da cidade, e a *rua de S. Bento*, que tem uma milha de extensão.

Das quintas, palacios e monumentos que ficam extra-muros da cidade, trataremos quando dirigirmos o viajante para Cintra, Collares, Mafra, etc., etc.

Agora conduziremos o curioso viajante a fazer em nossa companhia alguns passeios, dando-nos o gosto de sermos o seu *cicerone*, e antes d'isso, será conveniente que elle faça uma idéa da perspectiva da cidade.



ENTRADA EM LISBOA

É de um apreciador estrangeiro a rapida descripção que em seguida aqui damos, e por isso pode-se julgar imparcial. A impressão agradável que elle diz ter sentido, já nós a tivemos quando pela primeira vez entrámos a magnifica barra de Lisboa, presenciando o magico e bello espectaculo que se apresentava a nossos olhos.

Era ao declinar de uma bella tarde de maio, uma pequena trovoada havia produzido alguma chuva que refrescando a atmospherica caía brandamente como fios de prata que se destacavam atraz das escuras nuvens que bordavam o horisonte.

A belleza e a poesia d'este final da tarde, as saudades da patria e o nosso genio observador, tornaram este quadro para nós de tal encanto e magia, que difficil será esquecel-o.

*

Nada ha mais grato, nada ha mais pittoresco e delicioso aos olhos do que pela primeira vez contempla tal espectaculo, que o magnifico panorama que representa a cidade de Lisboa, magestosamente recostada proximo das ondas que a sorriem meigamente, em qualquer ponto de onde se chegue ao seu excellente porto, que affirmam ser um dos melhores do mundo. O viajante apreciador não pôde deixar de ficar agradavelmente surprehendido ao estender as vistas sobre as bellezas que se offerecem ao seu olhar observador ; nem pôde extremar nenhuma com especialidade, pois que são tantas que apenas a imaginação as pôde conceber.

Se ao aproximar-se da cidade se entra pela barra que forma o caudeloso Tejo, o deslumbrante mar, a rica e variada paizagem que o panorama da barra apresenta, faz recordar as formosas bahias de Napoles e Constantinopla. Deixando a barra e passando á margem do Sul o pontal de Cacilhas, dominado pelo *Castello de Almada*, á esquerda as longiquas serras de Cintra com as altas torres do seu magestoso palacio real, se antevem por entre

as torres do *Bugio* e de *S. João da Barra*, apresentando-se á vista um novo e magnifico espectáculo que consta de grande numero de pequenas e pittorescas povoações que esmaltam graciosamente as campinas desde a *Cruz dos Arrepellidos*, situada ao lado de *S. Julião*, até á mourisca torre de *S. Vicente* em Belem, um dos mais bellos monumentos que de seu genero se conserva.

Infinidade de quintas de recreio, cujos frondosos arvoredos, bellos jardins e elegantes edificios, patenteiam a nobresa e o gosto dos seus possuidores, destacando entre elles o palacio da *Ajuda* que, posto ainda não esteja concluido, revela a grandeza e o animo de seu edificador.

São tambem notaveis por sua belleza os sitios de *Caxias*, *S. José de Ribamar*, *Boa Viagem*, *Pedroços*, *Oeiras*, *Paço de Arcos*, e finalmente a povoação inteira de Lisboa, formando montanhas de casas, cujos limites se perdem no horisonte.

Á medida que o viajante se adianta, tendo já passado a barra e a torre de Belem, vae descobrindo a parte baixa da cidade, o magnifico *Terreiro do Paço* (Praça do Commercio) uma das mais espaçosas e regulares da Europa, com o seu grandioso monumento que parece querer aproximar-se do Tejo para saudar o viajante curioso, servindo-lhe de pomposo cortejo o resto dos edificios que se estendem pela margem do rio até Alcantara.

Além da citada torre de Belem e do zimbório

da egreja da Estrella (convento do Coração de Jesus) outros dois objectos notaveis captivam ainda a attenção do viajante ao sulcar as aguas de Belem; é o convento dos Jeronymos (Santa Maria de Belem) monumento gothico do melhor gosto possible, e o aqueduto das aguas livres, obra atrevida e colossal, e tão apreciada no seu genero como a que os romanos legaram á posteridade.

A aridez das praias e das montanhas do lado do sul (Outra Banda) apenas interrompida por pequenas casas e povoações de pouca importancia, contrasta notavelmente com as bellezas que ficam ditas, contribuindo a dar mais realce ao quadro que descrevemos.

Se em vez de entrar pela barra o viajante corta diagonalmente o rio, embarcando em *Aldeia Gallega* ou em *Valle do Zebro*, depois de haver atravessado os areas do *Além-Tejo*, não deixa de ser por isso menos encantador o aspecto que apresenta a elegante cidade, cuja magnificencia se ostenta de uma vez e em toda a sua extensão, por esta parte, sem que jámais os olhos se saciem de admirar tanta e tanta belleza aglomerada no recinto d'aquella gigantesca matrona, assentada magestosamente á borda do caudaloso rio que brandamente lhe beija os pés, dormindo ao murmurio de suas correntes crystalinas, e por ultimo, se ávido de emmoções o estrangeiro quizer embarcar na *Azambuja* ou em *Villa Nova da Rainha*, situada ao norte, des-

cendo pelo Tejo n'um pequeno barco, ainda poderá experimentar uma agradável surpresa, porque a capital, semelhante a um aváro em vez de mostrar as suas riquezas de uma só vez, as vae apresentando uma a uma, dando-lhe o necessario tempo para se admirar detalhadamente as suas perfeições.

Uma vez chegado a Lisboa por qualquer dos pontos mencionados, e depois de ter desembarcado no Terreiro do Paço, a admiração do viajante sobe de ponto ao ver na magnifica praça o sumptuoso monumento que a decora, isto é, a estatua equestre do rei D. José I, os edificios que a circundam, e o magestoso arco da rua Augusta, digna do nome que tem pela sua extensão, formosura e regularidade.

Passeios dentro da cidade

Para commodidade do viajante, que não possa demorar-se muitos dias em Lisboa vamos apresentar-lhe aqui o itinerario de quatro passeios que comecem e acabam no Terreiro do Paço, dentro dos quaes encontrará tudo que ha de notavel a ver inter-muros da cidade, buscando informações sobre os logares ahi apontados nos respectivos artigos d'este GUIA. Tendo vagar póde duplicar o numero dos passeios, dividindo cada um d'elles em dois no logar que vae marcado com este signal *

PRIMEIRO PASSEIO

Terreiro do Paço. — Secretarias, Camara Municipal, Thesouro, Telegraphia electrica, Obras publicas—onde se podem ver alguns modelos, e a planta do palacio d’Ajuda — Praça do Commercio. Estatua equestre, Caes das columnas, e dos vapores, Alfandega, Rua Augusta, Rocio, Theatro de D. Maria, Passeio Publico, Theatro da rua dos Condes, Circo de Price, Theatro das Variedades, Largo do Rato, Palacio do Marquez de Vianna, Largo das Amoreiras, e Mãe d’agua.

* Campo d’Ourique e o quartel d’infanteria n.º 16, Egreja de Santa Isabel, Largo do Rato — Palacio do duque de Palmella — Imprensa nacional, Palacio que foi do conde de Cea, Escola Polytechnica, Praça do Principe Real, Asylo das donzellas orphãs, Passeio e jardim de S. Pedro d’Alcantara, Misericordia — Egreja de S. Roque, casa da loteria e roda dos expostos — Rua de S. Roque, Egrejas da Encarnação e do Loreto, Martyres, Theatro do Gymnasio, Largo do Carmo, com o chafariz e as ruinas da antiga egreja, Theatro da Trindade, Casino Lisbonense, Bibliotheca publica, Academia das Bellas-Artes, Theatro de S. Carlos, Hotel Bragança, Calçada de S. Francisco, Egreja da Conceição Nova — *Terreiro do Paço.*

SEGUNDO PASSEIO

Terreiro do Paço, Largo do Pelourinho, Arsenal, Largo do Corpo Santo, Caes do Sodré, Rua do Alecrim, Palacio que foi do conde do Farrobo, Palacios do duque de Palmella, ao Calhariz, do conde Sobral, Correio, Conservatorio, Museu, Academia das Sciencias, Convento de Jesus, Igreja dos Paulistas, Côrtes, Torre do Tombo, Convento das Francezinhas, Hospital militar, Largo da Estrella, Passeio da Estrella, Convento do Coração de Jesus, Cemiterio e Capella protestante, Cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres.

* Palacio e quinta das Necessidades, Ponte d'Alcantara, Quartel dos invalidos da Marinha, Igreja de S. Francisco de Paula, Quartel de Infanteria n.º 2, Chafariz das Janellas-verdes, Palacio do Marquez de Pombal, Igreja de Santos o Velho, Calçada do Marquez d'Abrantes, Aterro da Boa Vista, Chafariz e convento da Esperança, Fabricas de fundição, Gazometro, Abogaria, Casa da moeda, Praça de S. Paulo, Rua do Arsenal, Pelourinho, Igreja de S. Julião, *Terreiro do Paço*.

TERCEIRO PASSEIO

Terreiro do Paço, Rua da Prata, Igreja de S. Nicoláo, Praça da Figueira, Igreja de S. Domingos, Hospital de S. José, Escola medico-cirurgica, Asylo

do Amparo, Hospital dos Lazaros, Campo de Santa Anna, Praça de Touros, Palacio da Bemposta, com a Escola militar, Asylo da mendicidade, Hospital de alienados, Convento d'Arroios, Cemiterio do alto de S. João.

* Convento das Commendadeiras de Santos, Collegio dos aprendizes do Arsenal, Caldeiras, Caes do Tojo, Santa Apollonia, Estação dos caminhos de ferro de leste, Arsenal do exercito, Fabrica a vapor para moer trigo, Deposito d'agua, Banhos thermaes das Alcaçarias, Alfandega municipal e suas dependencias, Egreja da Conceição-velha, *Terreiro do Paço*.

QUARTO PASSEIO

Terreiro do Paço, Rua dos Fanquiros, Egreja da Magdalena, e uma inscrição romana na esquina da travessa do Almada, Egreja de Santo Antonio, Sé cathedral, Aljube, Limoeiro, Castello de S. Jorge, Recolhimento do Menino Deus, Egreja da Graça, Quartel de Infantaria n.º 10, Egreja do Monte, Rua da Cruz dos Quatro Caminhos, Egreja da Penha de França.

* Largo da Graça, Convento das Monicas, Egreja de S. Vicente, Campo de Santa Clara, Palacios do Conde de Barbacena, do Marquez de Lavradio, e do Cordes, Fundição de Cima, Obras de Santa Engracia, Hospital da Marinha, Rua do Paraiso, Portas da Cruz, Rua do Vigario, Egreja de S. Miguel, de

Santo Estevão, e S. João da Praça, Palacio do Duque da Terceira, Cruzes da Sé, Rua das Canastras, Rua dos Bacalhoeiros, Casa dos Bicos, Rua dos Capellistas, *Terreiro do Paço*.

Tendo dado noticia de todos os objectos que podem intressar o viajante dentro dos muros de Lisboa, passamos a tratar dos seus arredores, como complemento que são da mesma cidade, e que não devem deixar de ser visitados pelo curioso. Começemos por atravessar o Tejo, e passeiar por esses bellos plainos da

Outra-Banda

Saindo do Terreiro do Paço em um vapor, chega-se com poucos minutos de viagem ao caes de *Cacilhas*, do outro lado do Tejo; ahi inumeros rapazes vos offerecerão burrinhos, que é a viatura ordinaria d'este sitio, e são seguros, fortes e tão bons como os do Egypto; montareis, e deixando pelas costas o magnifico Tejo e o soberbo panorama da cidade que orla a outra margem, o caes de Cacilhas onde foi assassinado o general Telles Jordão em 1833, e o pequeno fortim adjuncto, ireis por entre casas de mais ou menos formosa apparencia, lindos jardins e valiosas quintas, disfructar a optima vista do castello de *Almada*, ou a *Fonte da Fipa*, d'onde se fornecem de agua muitos navios, e tambem dos preciosos vinhos encerrados nos armazens contiguos;

ahi perto é a fabrica da *Margueira*, bello estabelecimento fabril, e mais longe fica o *Pragal*, e o *Caramujo*, e a *Cova da Piedade*, tudo logares pittorescos, de ares salubres e abundantes comestiveis. A morada e quinta real do *Alfeite* é de todos o mais agradavel, e depois a quinta da princeza, na *Amora*. Quem do alto do castello de Almada, lança a vista para o outro lado do rio, e abraça n'um relancear toda a senhoril Lisboa, desde Xabregas até Belem, e até á barra, pôde dizer que viu um dos mais grandiosos quadros que a Europa apresenta no seu genero. E se alongando a vista pelo Tejo abaixo, transpозer com os olhos a torre do Bogio, enxergará lá fora o Oceano em toda a sua magestade e inumeros barcos de varios tamanhos e estruturas, que se confundem no horisonte, como uma pequena mancha do firmamento ou do mar. Saindo de Cacilhas e Almada pela margem sul do Tejo, encontram-se algumas insignificantes povoações para o Occidente, encravadas em areiaes, *Porto-Brandão*, a *Trafaria*, *Caparica*, e outras ainda menos importantes; para leste do pontal de Cacilhas ha as povoações de pescadores do *Barreiro*, *Seixal* e *Arrentela*, o paiz vinhateiro do *Lavradio*, *Valle de Zebro*, e muitos outros logares até *Alhos Vedros* e *Aldeagallega*. Nos dias das festas particulares de cada uma d'estas terras o seu aspecto é risonho, as suas galas brilham á luz do sol; no resto do anno é miseravel a apparencia das pobres villas e aldeias, não

pagam em graças ao forasteiro o trabalho da jornada.

Cercanias de Lisboa

AO ORIENTE

Se partindo do *Terreiro do Paço*, pela beira do rio, o viajante se dirigir ao nascente, ou vá n'um pequeno bote, em omnibus, em carro, ou nas modernas carruagens ou mesmo a pé, disfructará sempre uma agradável vista, bellos edificios, hortas verdejantes, aguas mansas e puras, e uma agradável temperatura. Passando os edificios das duas alfandegas — de Lisboa e Municipal, — e vendo do largo do Terreiro começarem-se a emaranhar os beccos da velha Alfama, sobre os quaes campêam as torres de Santo Estevão, sêgue-se o bello sitio do Jardim do Tabaco até Santa Apolonia, rastejando pelo Arsenal do Exercito, e vendo no alto a Fundação e o Hospital da Marinha, e mais longe as ruinas de Santa Engracia, e as torres de S. Vicente. Comtemplareis n'este transito os restos de vastos palacios, que pertenceram á antiga nobreza de Portugal; a monumental fonte da Samaritana, de que já fallámos; conventos magestosos de Freiras e Comendadeiras, como o de *Santos* e o da *Madre de Deus*, collocados em sitios deleitosos, e que encerram em si preciosidades artisticas; *Beato Antonio*, *Xabregas*, o *Poço do Bispo*, os *Olivaes*, *Braço de*

Prata, agradaveis vivendas de estio, onde se encontram ricas quintas, com valiosas vinhas, pomares e olivedos, e as decantadas *horta de Chellas*, por onde espairose aos domingos a população miuda da capital. O que por ahi não ha, como nos boulevards e barreiras de Paris, é divertimentos publicos de funambulos, musicas, jogos, etc. apenas o classico *chinquilho* para passatempo do homem de trabalho; nem tão pouco um *restaurant*, por ordinario que seja, apenas em modesta bodéga na porta de cada quinta, encontrareis quando a fome ou a sede vos apertar, um pouco de peixe frito, sallada e vinho ordinario; nenhum refresco, nenhum comestivel mais, mas um ar tão puro e suave, que aduba essas mesquinhas iguarias.

AO OCCIDENTE

Se, em vez de seguirdes a direcção do nascente, inclinardes, ao contrario, para oeste, assegurovos que não achareis menos poesia n'esse passeio desde o Terreiro do Paço até Belem, estrada a mais concorrida das que partem de Lisboa, adornada de magestosos edificios, lindos jardins, palacios sumptuosos de mais recente data, templos, fabricas, fortificações, e alamedas. Começaes no Arsenal da Marinha; a praça e arvoredado do *Caes de Sodré*, estendendo-se a vista pela ponte, Rua do Alecrim até S. Roque; o caes da *Ribeira Nova*,

em que ha tanto movimento, e lá em cima os altos de *Santa Catharina* e das *Chagas*, no ultimo dos quaes está situada a freguezia dos maritimos. A *Boa Vista*, as *Janellas Verdes*, abrindo ruas para o bairro da Lapa; a *Pampulha*, e a ponte de *Alcantara*; o *Calvario*, onde foi o jardim mythologico, com suas cocheiras reaes; e o passeio da *Junqueira*, e a *Cordoaria*, e o largo de *Belem*, hoje de *D. Fernando II*, ladeado de viçosas arvores, regular e com um optimo caes, tendo em uma extremidade as cavallariças reaes; fronteiras ao rio as calçadas que sobem para a *memoria*, igreja engraçada que fizeram erguer no logar onde el-rei *D. José* recebeu um tiro, e para a *Ajuda* e *Jardim Botanico*. Entre essas duas estradas fica o palacio real, chamado *de Baixo*. Proseguindo com a excursão ainda para oeste, e sempre á beira mar, passaes pelo mercado do peixe, o gothico mosteiro dos *Jeronymos*, e a torre de *Belem*, já sobre a agradável praia de *Pedroços*, onde as senhoras tomam banhos de agua salgada todos os annos; ahi perto se encontra a soberba quinta do duque de *Cadaval*. Depois a ponte *d'Algés*, lá em cima os pittorescos logares de *Linda a velha*, *Linda a Pastora*, e *Carnaxide* todos esses sitios apraziveis que o viajante contempla logo ao entrar no Tejo; e já e fóra da barra *Oeiras* e *Carcavellos*. Ahi não ha a solidão melancolicamente suave do arrebalde oriental, o ar é mais cortante, as vagas vem com ruido quebrar-se

nos cachopos, o oceano estende-se ao longe na sua frente, e tudo concorre a marcar estes logares com o sello de uma imponente grandeza. As quintas do Marquez de Pombal, em Oeiras, são d'aquelles logares que nenhum viajante que chega a estas praias deve deixar de visitar. A estrada divide em duas esta propriedade, legada a seus netos pelo grande ministro, que, grande como era, não se esqueceu de si e dos seus. Entre muitas bellezas ha ahí notavel, na parte meridional, a chamada gruta dos poetas, que tem os bustos de Homero, Virgilio, Camões e Tasso; o palacio em cujo pavimento inferior ha estatuas do celebre Machado de Castro, e alguns objectos de uso do marquez no andar superior; a grandiosa adega, em cujos toneis gigantes o povo crê que pena a alma do Richelieu portuguez; na parte septentrional ha a decantada cascata de Taveira, com muito verso insosso e prosa torpe, e tanto em uma como em outra das quintas, graciosos jardins, selvas, lagos, estatuas, regatos, pontes, e grutas. D'ahi á torre de S. Julião da Barra é um pequeno passeio.

Já que n'este passeio nos achamos no aprazivel e hoje muito frequentado bairro de Belem, citaremos aqui ao cançado viajante o *Club Hotel*, magnifico estabelecimento com saida e caes sobre a magnifica praia de banhos do Bom Successo, torna-se muito recommendavel não só pela sua posição excepcional e salubre como pelos commodos que

offerece ás pessoas ou familias que desejarem tomar os banhos de mar ou permanecer no campo, reunindo assim, todas as vantagens para aquelles que preferirem viver confortavel e economicamente no campo, perto da cidade, n'um estabelecimento que lhes offerece a independencia domestica sem os encommodos e maiores despezas que fariam em casa sua.

A sua collocação topographica e a salubridade d'aquelles sitios dão toda a garantia para se poder aconselhar ás pessoas que precisarem restaurar a saude a sua residencia n'aquella localidade, como o attestam os medicos mais conhecedores d'ella.

Meza redonda e jantares particulares.

Pastelaria aonde se acceitam encomendas para todas as qualidades de iguarias.

Salão commum circumdado de terraços com soberba vista sobre o Tejo, casa de leitura e café, jardim, casa de banhos, cavallariça, e cocheira.

Communicações diarias por terra e por mar com Lisboa por preços diminutissimos, todas as meias horas.

Serviço telegraphico permanente com Lisboa e

os paizes estrangeiros na estação proxima ao estabelecimento.

Estabelecimentos de carruagens, cavallos e jumentos de aluguer muito proximos.

No caes de Belem e na praia da Torre, existem embarcações para passeios e pescarias, podendo-se embarcar no caes do mesmo hotel.

Annexo a este hotel ha um grande deposito de vinhos nacionaes e estrangeiros das casas mais acreditadas.

Fallam-se varios idiomas.

Preços rasoaveis e por convenção.

AO SEPTENTRIÃO

É por este lado que se dirige a maior chusma de passageiros. Do largo de S. Sebastião da Pedreira partem duas estradas, sempre concorridas, que se dirigem — a da direita (estrada do Rego) pelo *Campo Pequeno*, ao *Campo Grande*, ao *Lumiar*, e a *Odivellas*; a da esquerda (estrada de Palhavã) pelas *Laranjeiras* a *Bemfica*, *Alo da Porcalhota*, e estrada de *Cintra* e *Bellas*. Tambem pelas *Amoreiras* se pôde ir pelo delicioso sitio de *Campolide* (campo

de lide) e *Sete-Rios* encontrar *Bemfica*, e por *Arroios* (de outro lado) sair ao *Campo Pequeno*; maus caminos transversaes unem entre si todos estes pontos. Daremos uma breve idéa do mais notavel que ha a observar em todos elles, porque os sens principaes edificios e paisagens não foram ainda mencionados, como succedeu a quasi todos os monumentos de Belem e de Xabregas, que sob diversos titulos figuraram no corpo d'esta obra.

Campo Pequeno. — Terreno irregular que é todavia muitas vezes para o exercicio de tropas, orlado de palacios e quintas, e onde vem desembocar as estradas de Arroios, do Rego, e do Campo Grande. Ahi se vê, ao cabo da primeira das estradas mencionadas, um tosco monumento da paz feita n'este logar entre el-rei D. Diniz e seu filho, depois Afonso iv, por intervenção da esposa de um e mãe de outro — a rainha Santa Izabel.

Campo Grande. — Vasto Passeio murado, muito regular, com ruas de arvoredos, jardim, chafariz e campo cultivado. Pertence á camara municipal de Lisboa, mas o seu transito é livre. Ahi se faz annualmente uma feira, no mez de outubro, a qual, se está bom tempo, torna este sitio por alguns dias o *rendez-vous* da gente da capital, ao domingo principalmente para os que não podem ir em outro dia. De um e outro lado do campo ha bellas casas, quintas, jardins e vivendas campestres, como na estrada que ahi conduz do Campo Pequeno.

A melhor casa de pasto que ali ha é a *Flor do Campo*.

Lumiar. — Esta aprazivel povoação, de pouco mais de dois mil visinhos, tem muito risonhas quintas, entre as quaes destaca a do duque de Palmella, que possui uma extença collecção de plantas exóticas, e um bem mobilado palacete annexo. Descendo a

Calçada de Carriche, encontra-se uma formosa quinta, baptisada com o nome de *Nova Cintra*, e a melhor casa de pasto extra-muros de Lisboa. Ruas de bem copado arvoredos, solitarios carramanchéis, uma serra com bello caminho praticavel por entre canaviaes, no alto d'ella um mirante para descançar no fim d'aquella ascensão, agua purissima e sempre fresca rebentando em abundancia ao lado de optimos fructos e flores variegadas — eis ahi a *Nova Cintra*, que bem merece o seu atrevido nome. A mesa é bem servida em pequenas salas de uma habitação unida á quinta, ou em algum dos kioskos, ou mesmo nas ruas de arvoredos.

Dirigindo-se d'este logar para Odivellas, encontra-se no caminho um tosco monumento e a sua historia escripta e figurada em azulejo ; é a memoria de um desacato e roubo perpetrado no convento de Odivellas, e do supplicio atroz do delinquente.

Odivellas. — N'este logar só ha de notavel o convento de freiras, afamado pela optima marmelada que ahi se fabrica, pela recordação de antigos ou-

teiros e da *galanteria* de D. João v—rei edificador e freirático. Do antigo edificio só resta hoje a igreja, onde repousam as cinzas do monarcha D. Diniz, fundador do mosteiro. A capella que contém o seu tumulo é um vão escuro, onde apenas cabe o monumento, cujos labores, que parecem obra de subtil artifice, hoje mal se podem ver, por que estão cobertos de estuque! O atrio da entrada é de architectura gothica, e n'uma parede do mesmo se vê embebida uma bala de pedra de mais de cinco palmos de circumferencia, por baixo da qual se lê a seguinte inscripção:—*Este pelouro mandou aqui offerecer a San Bernardo dom Alvaro de Noronha por sua devoçam, que he dos quom que lhe os turcos combateram a fortaleza Durumuz sendo ele capitam dela, na era de 1557.*— Junto ao convento está um outeiro do lado de Lisboa, sobre o qual se vem estendendo a povoação de Odivellas, e ahi um arco de pedraria, que a tradiçãõ popular denomina *Monumento de D. Diniz*, cuja origem se ignora, e ha mesmo fortes conjecturas de que seja posterior a D. João I a sua construcção.

Aqui termina toda a curiosidade para o pas-seante que sae de Lisboa n'esta direcção; volta-remos pois a S. Sebastião da Pedreira, e ahi tomando a estrada de Palhavã, onde se vê o palacio que serviu de habitaçãõ aos *meninos de Palhavã*—príncipes que envelheceram e morreram com esse epitheto pouco honroso, em razãõ do seu *far*

niente, — dirigiremos os passos para a melhor e mais elegante estrada de Portugal, caminho de Bemfica e Cintra.

Laranjeiras. — Quinta que foi do conde de Farrobo, na estrada real; sitio muito ameno. Tem palacio, um theatro sumptuoso, lagos, pontes, grutas, cascatas, kioskos, pavilhões chinezes, jaula de feras, baloiços, abundante arvoredo, flores, prados, torreões, lindas ruas, bella gradaria sobre a estrada, portões elegantes, estufas, em fim um composto aprazível. Ha pessoas difficeis de contentar, que nada d'isto acham bonito, poetico, pittoresco; não somos d'esses, e temos fé que o visitante desapaixonado será da nossa opinião.

O escriptor Gomes de Amorim fallando d'esta bella quinta, descreve a sua decadencia da seguinte maneira :

«Quem não a conheceu nos seus tempos felizes?! Era a primeira maravilha dos arredores de Lisboa; já tinha um gazometro e ainda a cidade não sabia o que era gaz! tanques e lagos, em que podiam fazer-se pequenas naumachias; um canal; uma ponte pensil atravessando o lago maior; jaulas de feras; viveiros de aves raras; estufas onde se viam primorosamente cultivadas plantas de todas as zonas; jardins magnificos; mattas excelsas; caramanchões e pavilhões chinezes; *chalets* mysteriosos; labyrinthos encantados — delicia das Ariadnes, e dos Theseos que as acompanhavam sem fio guiador; —

theatro admiravel ; palacio soberbo... tudo possuia aquella vivenda digna de principes, que pertencia a um dos homens de mais gosto e de maior genio artistico que tem tido Portugal ! Alli se deram muitas vezes tão esplendidas festas, que assombraram, pela sua sumptuosidade, os embaixadores das nações mais opulentas e poderosas da Europa ! As rainhas, os reis, os principes, os homens illustres nas letras, nas artes e nas sciencias, todas as celebridades contemporaneas, que residiam no paiz ou vinham visital-o, iam alli pagar o tributo da sua admiração, receber uma homenagem ou um cumprimento.

Todo o povo de Lisboa conhecia a quinta das Laranjeiras, e nenhum viajante, por mais humilde e obscuro que fosse, deixava de ir vel-a, uma vez ao menos.

Facilitava-se a entrada a todos, pobres ou ricos ; a um rancho de dez pessoas do mesmo modo que a um só visitante. Em tudo ostentava a sua bizzaria e magnificencia o creador de tantas maravilhas ! Lisboa amava-o ; sabia que elle acudira á causa liberal em perigo com os milhões dos seus cofres ; vira-o dar-lhe expectaculos scenicos, no theatro de S. Carlos, com pompa digna dos imperadores romanos ; no conservatorio de musica, na inspecção dos theatros, em toda a parte onde fosse necessario fazer serviços ás artes, estava costumada a enconral-o ; e, diga-se a verdade toda, deslumbrava-

va-a com o esplendor das festas que dava nas Laranjeiras, é a fama d'ellas, retinindo dentro e fóra do paiz, lisonjeava o amor proprio e a vaidade nacional.

Os que não iam aos seus bailes grandiosos, contentavam-se com ouvir, nas noites caladas e serenas, rugir ao longe *os leões do Quintella*. Havia amadores que todos os dias iam ver as jaulas, contender com os bichos e tirar-lhes ás vezes um olho, com a ponteira da bengala ou do chapéo de sol, para divertir a familia; outros, cortavam ramos das plantas raras para fazer bengalinhas aos meninos que levavam, e todos depenavam as flores, como se aquillo fosse *nosso*! Mas ninguem era expulso, como aliás mereciam alguns; nem se fechavam as portas — como hoje se faz em diferentes quintas — para punir uns pelas faltas dos outros. A ultima fêra que existiu nas jaulas era um leão, cego pela brutalidade de um visitante, que não ficou sem o outro olho foi porque depois da perda do primeiro nunca mais se chegou ás grades!

Um dia o vento da adversidade soprou furioso sobre o homem que creára aquelle paraíso. A orchestra, composta de creados seus, a quem elle mandava ensinar musica, emmudeceu; as gondolas em que passearam rainhas, afundaram-se nos lagos; rompeu-se o gazometro, deixando o theatro em trevas; entupiu-se a canalisação que alimentava os jogos de aguas; morreram as aves e

os animaes ferozes ; cairam as jaulas e nas estufas sem vidros pereceram todas as plantas ! As multidões, que tinham assistido ás festas portentosas, olhavam de longe, consternadas, para o desabar de tamanha grandeza.

O *chalet* mysterioso da matta, surdamiente accusado, não se sabe por quem, de ter sido testemunha e confidente de insolitos excessos, incendiou-se uma noite por si mesmo ! E houve quem affirmasse ter sido o fogo do céu quem abrasou aquelle fragmento de Sodoma ! — Era quasi todo de ferro, e o artifice francez ou belga, que viera collocar-o no seu logar, recebera pelo seu trabalho seis contos de réis ! — Todos se compadeciam de tantos e tão repetidos desastres ; só o principal interessado assistia, com estoica indifferença, ao esboroamento das suas maravilhas ! Após o *chalet*, foi-se o *theatro* — outra obra prima ! — Elle estava á mesa, no Farrobo, quando lhe entregaram um telegramma. Leu-o, dobrou placidamente o papel, metteu-o no bolso e continuou a jantar. Nenhum musculo se lhe contrahiu, nenhum signal exterior denunciou a natureza da noticia que recebera. Depois do café, disse friamente, acendendo um charuto :

— Ardeu o *theatro* das Laranjeiras.

De volta a Lisboa, tentou restaural-o ; apesar de ver afundados os seus haveres por successivos infortunios, gastou ainda dez ou doze contos de réis,

erguendo as paredes do novo edificio. Vão esforço ! Os tempos de prosperidade tinham passado ; e das festas e banquetes opulentos restava apenas por memoria a ingratitude dos que os tinham comido. Vieram os achaques da velhice, enfermidade grave, e a morte por fim privou o paiz de um cidadão distincto, que lhe fora util por differentes modos, e uma vez em circumstancias bem graves !»

Quinta do Lodi. — Na mesma estrada, mas do lado opposto. Entrada franca ; logar aprazivel, mas com menos trabalho de arte que a precedente, é comtudo assaz digna de ser visitada pelo viajante curioso.

Sete rios. — Posição deliciosa, onde se apartam as duas estradas de Campolide e Bemfica. Antes de seguirmos a ultima que nos hade conduzir a Cintra, Collares e Mafra, derradeiros marcos d'esta peregrinação, vamos fazer um pequeno desvio para

Campolide. — Bem arejada altura, para onde os medicos mandam mudar de ar os que padecem do peito em Lisboa. D'ahi gosa-se uma vista encantadora. Campos bem cultivados, pelo meio dos quaes nascem espontaneamente diversas boninas, quintas engraçadas e casas bem construidas a par de pobres tugurios de pastores, e do fundo do quadro o soberbo aqueducto das aguas livres, com seus arcos atrevidos sobre o valle e o pobre ribeiro de Alcantara, dando um aspecto magestoso a este pittoresco logar.

N'este sitio está quasi edificado um bello quartel para artilheria.

Bemfica. — O mais engraçado de todos os arrabaldes da capital, com mais de tres mil habitantes. É todo cheio de palacios, entre os quaes destacam os da infanta D. Isabel, e do marquez de Fronteira, encravados em formosas quintas, que o forasteiro pôde visitar sem difficuldade; ha egualmente ahi boas quintas de outros proprietarios, e jardins de utilidade e recreio. Bellas casas de campo orlam os lados da estrada, ricos pomares e alegretes exalam a fragancia de suaves aromas, formosos pontos de vista, deleitosas avenidas, o ar, o céu, tudo contribue a tornar este logar excepcional. Afastado da estrada está o convento de S. Domingos de Bemfica, tão poeticamente descripto pelo nosso Frei Luiz de Sousa, onde elle viveu largos annos, e foi sepultado, bem como o foram João das Regras, D. João de Castro e seu filho D. Alvaro. Foi convento de dominicanos, hoje é propriedade particular de um estrangeiro.

Luz. — Foi n'este logar que se estabeleceu o collegio militar, que está em Mafra. Ainda ahi se vêem as ruinas da igreja e convento que foi dos cavalleiros de Christo, e depois das freiras da Conceição; caiu pelo terremoto, menos a capella mór.

Queluz. — Palacio e quinta real, de que fallámos no artigo competente. Fica fóra da estrada de Cin-

tra, em logar ermo e desagradavel. Ha aqui um bello e commodo hotel.

Bellas. — Tambem fóra da dita estrada, para a direita, e a duas leguas de Lisboa, como Queluz. Tem uma preciosa quinta pertencente ao conde de Pombeiro, herdeiro do ultimo marquez de Bellas, onde annualmente se festeja o Senhor Jesus da Serra, com arraial, bôdo, e todo o genero de folia popular.

Ramalhão. — Deixando os caminhos de Queluz e Bellas, e tornando a enfiar pela estrada real, descança-se na estalagem do *Cacem*: e seguindo por entre logares mais ou menos apraziveis, mas bem lavados de ares, chega-se á quinta e palacio do Ramalhão, que era propriedade da Imperatriz rainha D. Carlota Joaquina, mulher de D. João vi, e que ultimamente foi posta em praça, a quem mais desse. Ahi esteve reclusa a mesma senhora, por não querer jurar as bases da constituição, em 1822; e no mesmo logar, em 1832, habitou D. Carlos, o pretendente de Hespanha, datando do Ramalhão o protesto que fez contra o direito de sua sobrinha, Izabel II. O sitio é muito ameno, arborisado, e abundante de aguas crystalinas.

Perto do muro da quinta, mesmo sobre a estrada, se vê um tumulo de pedra, com uma cruz, que a tradição diz ser o jazigo de dois irmãos, que mutuamente se assassinaram, porém só um cadaver se encontrou lá dentro, quando ha annos, se quiz apurar este ponto.

CINTRA

É bello este gigante de rochas, reclinado á beira do mar, que parece ameaçar o céu com os dois punhos cerrados — o castello mourisco, e o castello christão. Se o nevoeiro encobre uma parte da montanha, como succede muitas vezes, então o aproximar da villa é mais romantico ainda; as bellezas meio occultas de paizagem desafiam mais o desejo, semelhante á formosa Dione do nosso immortal Camões, que

Nem tudo deixa ver, nem tudo esconde:

Quando mais tarde derretendo-se o nevoeiro, um sol puro começa a doirar tantas maravilhas, quando se arranca a mascara boreal a essa formosura do dia, apparece aos olhos do viajero o mais lindo, sumptuoso e poetico quadro, que nunca olhos mortaes contemplaram.

Oh Cintra! Oh! saudosissimo retiro
 Onde se esquecem magoas, onde folga
 De se olvidar no seio a natureza
 Pensamento que embala adormecido
 O susurro das folhas, co'o murmurio
 Das despenhadas lymphas misturado!
 Quem descançado á fresca sombra tua
 Sonhou senão venturas? Quem, sentado
 No musgo de tuas rocas escarpadas,

Espairecendo os olhos satisfeitos
 Por ceos, por mares, por montânhas, prados,
 Por quanto ha ahi mais bello no universo,
 Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
 Poisar-lhe o coração suavemente
 Sobre esquecidas penas, amarguras,
 Ancias, lavor da vida?

(GARRET)

É assim; parece que todos os males esquecem n'este Eden de Portugal, o prozaismo da vida commum não penetra entre as bellezas naturaes d'este encantador lugar! Porem o viajante não quer ouvir declamações entusiasticas, quer uma *Guia* para o conduzir pela mão a contemplar cada uma das maravilhas de Cintra, e o nosso dever é satisfazermos o seu desejo; vamos pois visitar sucessivamente todos os sitios notaveis da villa e seus contornos.

Cintra está situada a cinco pequenas leguas de Lisboa; ainda antes de ahi penetrar, vindo da capital, encontra-se a magnifica *quinta dos marqueses de Vianna*, que prepara o viajante para o painel que vae contemplar: é como a sala de espera de um palacio de fadas, diz logo ao visitante: Estás ás portas de um paraíso. Descrever a amenidade do sitio, a abundancia de aguas purissimas, a pasmosa vegetação, o luxo dos ornatos, é cousa difficil, se não impossivel, e teriamos que repetir identicas palavras ao chegar a cada uma das quintas de Cintra;

deixando esta recomendada ao forasteiro, demos a nossa entrada na villa.

Está ella situada na falda de uma serra, que outr'ora se chamou *Montanhas da Lua*, e que termina no cabo da Roca, ao noroeste de Lisboa ; tem 4,500 habitantes. Do lado do sul o solo é arido e requeimado ; penedos de lava e pincaros esburgados e acastellados dão ao todo uma apparencia sombria e de pavorosa belleza. Com tudo, como debaixo d'esse céu tudo prospera até sem assíduos desvellos, ahi se encontram prados de animada vegetação, searas de trigo e milho, mas poucas arvores, que pela maior parte são oliveiras e sobreiros ; piteiras gigantescas acompanham a orla da estrada. Para o lado da villa veem-se bellos jardins, abundante relva, frondoso arvoredado, crescendo por entre massas informes de fragmentos graniticos. Em torno das habitações accumulam-se os carvalhos, pinheiros, limoeiros, laranjeiras e figueiras ; sobre os muros e terraços ostentam-se sombrias romeiras, vides carregadas de cachos, rosas, dhalias, e mais flores odoríferas e vistosas ; por toda a parte susurram regatos limpidos que saem das fendas das montanhas e serpeam por entre tapetes de verdura ; nos jardins medram arbustos tropicaes até alcançarem a corpolencia de arvores. A villa em si é pequena, tem ruas estreitas e mal gradadas, edificios pela maior parte de mesquinha apparencia. Na praça irregular onde está situado o palacio real, vê-se uma bonita fonte, e não dis-

tante o Pelourinho, de vetusta e elegante architectura.

Palacio real

Na villa, entre a montanha e o valle. Parece incontestavel que esta habitação fosse algum tempo a Alhambra dos reis mouros de Lisboa, como o indica a architectura arabe de algumas das suas partes, taes como as chaminés semelhantes a minaretes, os repuxos e aguas correntes repartidos por todo o edificio, e mais particularmente os nomes arabes que ainda conservam alguns aposentos do palacio. A irregularidade do todo, mostra que diversos foram os seus constructores e em épocas differentes. Cada passo que se dá n'este palacio cheio de reminiscencias historicas, faz lembrar esses edificadores reaes e o tempo em que viveram. D. João I o reedificou quasi totalmente. D. Duarte ahi residia quasi sempre. D. Affonso V veio ao mundo neste palacio e n'elle falleceu. D. João II o continuou, e D. Manuel o concluiu. D'ahi partiu D. Sebastião para a triste jornada de Africa. D. Affonso VI gemeu oito annos em um pequeno quarto desta habitação real, tornada em carcere, e ainda hoje se pode ver o ladrilho do pavimento desse quarto, gasto pelo passear do infeliz esposo e rei. A *sala das armas* ou dos *servos*, assim chamada pelas cabeças de veados enfileirados que ahi se veem, mandada edificar por D. Manuel, contém os brasões das familias nobres

portuguezas, em numero de 74 escudos, achando-se raspados os de Tavora e Aveiro, por haverem sido justicados os seus possuidores, como cúmplices no attentado contra a vida do rei D. José I. A agua que repuxa abundantemente por todos os pavimentos do palacio produz n'um dos gabinetes uma admiravel chuva através de crivos imperceptiveis, que á vontade se podem pôr em acção. A *sala das pegas* tem pintados muitos destes passaros, e da bocca de cada um d'elles sae uma fita com a divisa: — *Por bem*. É obra de D. João I, ou de sua mulher D. Filippa de Lencastre. Conta-se que surprehendendo a rainha a seu marido no acto de abraçar uma dama do Paço, este dissera: — É por bem; palavras que depois se tornaram o moto ou divisa d'aquelle monarcha cavalleiroso. Tambem se encontra no palacio uma grandiosa chaminé de marmore com relevos de Miguel Angelo, presente do papa Leão X a el-rei D. Manuel, e para aqui transferida do paço de Almeirim. Até a cosinha é grandiosa n'esta habitação encantada; é alta, espaçosa e abobadada, com chaminés em forma de pão d'assucar, de altura descomunal, as quaes se avistam de grande distancia. A actual familia real portugueza costuma passar uma parte de verão n'esta residencia.

Palacio acastellado da Pena

Em um dos mais altos pincaros da serra está situado este castello gothi-mourisco, que pertence a

El-Rei D. Fernando. Enxerga-se este monumento de bom gosto de um príncipe artista, em grande distancia, tanto do mar como dos montes de Lisboa e de outros muitos logares da Extremadura. Fôra ali antigamente o convento da Pena ou da Penha, edificado por D. Manuel, n'esse logar onde elle passava largas horas a aguardar o regresso de Vasco da Gama com as novas da India descoberta. A igreja ainda está de pé, cuidadosamente reparada no primitivo estylo, e serve de capella ao novo palacio.

O convento, que el-rei comprou depois de secularizado em grande ruina, acha-se transformado em um castello feudal, no gosto da architectura normando-gothica, que floresceu no seculo XII. Torres, cupolas, muralhas e ameias, uma ponte levadiça, fôssos, pateos e passagens estreitas, tudo ornado dos mais bellos relevos, apresentando ao visitante extasiado prodigios de cinzel; salas, quartos, corredores, escadas e mirantes, em labyrintho, ostentando todas as galas da esculptura, e mobiladas com cadeiras, tremós, mesas, commodas, camapés dos seculos que passaram; caprichos de phantastica poesia desenhados em pedra por todas as portas, janellas, torrões, arcadas, e lanços de muro: eis ali o palacio acastellado da Pena, que venera a religião do passado, reproduzindo os formosos productos da imaginação de nossos avós, e que parece fabricado por mãos de fadas, ou antes suspenso por milagre nas pontas dos rochedos. De

guarda á porta principal do castello está um cavalleiro agigantado, trajando ao uso da idade media, e mostrando no seu escudo as armas do barão de Echwege, digno galardão dos trabalhos d'aquelle insigne engenheiro na direcção das reaes obras de Cintra. Todo o castello está como enclausurado entre os cabeços da serra, e massas colossaes de basalto; mas as suas torres elevam-se acima de tudo isto, e não lhe fica interceptada a vista do Oceano até ao mais distante horisonte; as montanhas da Estremadura e do Alemtejo, as torres e o zimborio de Mafra, os mais altos edificios de Lisboa, e as risonhas planices que lhe cercam a base, Collares e a sua Varsea, e a praia das Maças. Um largo caminho, em parte murado e em parte aberto na rocha, conduz por grande rodeio o viajante, desde a villa até aos pinaculos da serra; encontra-se abundante plantaçõ de pinheiros aos lados da estrada, aqui uma gruta com deliciosa agua, ali um commodo assento á sombra de secular penedo; mais acima um lago com lindos adornos, flores odoríferas, aves não vulgares, até que se chega á ponte levadiça que acaba na portada principal do castello, sobre a qual se veem esculpidas as armas de Portugal e Saxonia. Ahi ha tres mil pés de altura acima do nivel do mar. Quando já as sombras pousam sobre os valles visinhos, ainda reflectem amortecidos os ultimos raios do sol n'esta solidão visinha do céu. Ainda se conserva na igreja do cas-

tello a maior preciosidade do antigo mosteiro, que é bem digna de se ver: um sacrario de alabastro tão precioso e transparente, que fechando-se-lhe uma luz dentro, deixa coar luz bastante para ao pé d'elle se poder ler. É todo entalhado de relevos representando os passos da Paixão, cercados de festões de flores, com suas columnas de marmore negro.

Castello de mouros

Na serra, a pouca distancia do palacio, tambem reparado por el-rei. Tem dentro uma cisterna bem conservada e com boa agua. É muito digno de visitar-se. Cavando-se ha poucos annos nas ruinas da mesquita antiga, encontraram-se alguns cadaveres; e o barão de Echwege ignorando se eram de mouros ou christãos, mandou (com auctorisação superior) lavrar na pedra da sepultura que hoje os cobre — uma cruz e um crescente — como emblemas das duas religiões, e por baixo estas palavras: — O que ficou junto, Deus separará. Muitos dos visitantes deixam tambem escriptos n'essa pedra alguns trechos de poesia ou prosa analogos ao objecto. Por ali perto se veem lindos pavões, e ricos avestruzes, ostentando as galas de suas penas, o veado, a corça, a lebre, a gazela saltando sobre os precipicios da serra, cisnes e patos banhando-se nas aguas, o cavallo gosando de uma silvestre liberdade, e mesmo o boi erguendo a cer-

viz com orgulho, porque n'estes logares todos parecem felizes!

Convento de Santa Cruz

Lidando por entre os abrolhos da serra, ora subindo ora descendo ingremes ladeiras, enxerga-se sobranceiro á estrada de Collares, este pequenino convento, onde viveram monges, e que hoje pobre e arruinado está entregue á guarda de um velho leigo, coxo e apatetado. — Por ordem de D. João de Castro, fundou D. Alvaro de Castro, seu filho, este mosteiro humilde para Franciscanos, no anno de 1560. É um recolhimento pobrissimo, cuja fabrica custou cem cruzados. Dizia Filippe II que duas coisas tinha nos seus reinos de grande celebridade, o Escurial por muito rico, e este conventinho por muito pobre. — As cellas são tão estreitas, que mais se podem chamar sepulturas de homens vivos; as paredes que as dividem são de barro e palha, forradas de cortiça, a qual serve tambem de fôrro ás portas. O refeitorio é tão pequeno, que apenas tem quatorze palmos de comprimento e sete de largo; serve-lhe de mesa uma lazea tosca, levantada um palmo do chão, que para este effeito mandou arrancar da serra o cardeal infante D. Henrique. Eram os guardanapos da mais aspera estopa, os vasos, de que se serviam os religiosos, do mais grosso barro, guardando-se ahi

sempre abstinencia de carne, e não se comendo no advento e quaresma, coisa que fosse ao lume. — Na cêrca vê-se a cova de Santo Honório, ou bento Honório, na qual viveu trinta annos. Foi penitencia longa e aspera para culpa mui leve, se é verdadeira a tradição.

Conta-se que Honório indo pelos campos, encontrára uma rapariga formosa, que o obrigou a parar, pedindo-lhe que a confessasse. Recusou-se o monge a ouvil-a n'aquelle logar, e mandou-a para o convento, onde alguém poderia confessal-a; mas a rapariga insistiu e continuou a perseguil-o. Sentiu Honório que aquella formosura o tentava, e fez-lhe o signal da Cruz, crendo que o diabo tomára a forma de moça para vir seduzil-o. A rapariga fugiu, e o santo homem recolheu-se áquelle retiro, onde se martyrisou trinta annos, para expiar a tentação que tivera!

Peninha

É outro convento da serra, que pouco ou nada de curioso tem a apresentar ao visitante, que se afadiga para lá chegar, por caminhos tortuosos e asperos, açoitado quasi sempre pela ventania.

Penha Longa

Outro convento; está no mesmo caso.

Ruinas de Monserrate

Descendo um caminho irregular, aqui e ali marcado com cruces de pedra, chega, quem vem de visitar o conventinho de rocha e de cortiça, ao principio da estrada de Collares; cortando porém á esquerda d'ella, acha-se nas ruinas de Monserrate, logar assim chamado de uma ermida de Nossa Senhora de Monserrate, que, no anno de 1540, edificou um clerigo chamado Gaspar Preto, mandando vir de Roma a imagem, de alabastro, da Senhora. Aqui, em um pequeno monte despegado, que se avança como atalaya do resto das ondulações da serra, estão as ruinas de uma casa de campo, imitando um castello antigo.

Foi edificada esta casa por um inglez chamado Bekfort, ainda ha poucos annos, de sorte que, por vicio de construcção, e não pela muita antiguidade, está em ruinas. Qual fôra requeimada por vento pestifero na viçosa edade da sua vegetação, ainda n'estas estragadas ruinas sobresaie a formosura e brilho do seu tempo de gloria. Uma bella lameda de arvores nos conduz á casa, cercada de uma gradaria de ferro de tres pés de altura, cingindo-lhe a parede cedros, que, sombreando-a, lhe não roubam, pela boa disposição em que estão collocados, os lindos pontos de optica que disfructa, tanto para o lado da serra, de que é dominada, como para a parte do mar e valle de Collares. A primeira torre

é destinada para os quartos de cama, seguindo-se em baixo casa de jantar, etc. : a outra torre consiste em uma bella sala de musica, de fôrma redonda, communicando com outras, tudo no melhor gosto e distribuição. Tinha a casa duas entradas principaes, que se dirigiam a um vestibulo em octogono, que partia para os differentes ramos do edificio. Os aposentos para os criados, cocheiras, e cavallariças, formam outro corpo de edificio ao lado do caminho que conduz á casa. Os apriscos, abegoaria e casa do caseiro, são feitas com equal esmero de gosto, buscando a arte meios de embelesamento na sua simples e rustica architectura. Consistia a quinta em bello bosque de antigos carvalhos, que vinham terminar junto á casa em um pomar de lorangeiras e tangerinas. Na encosta sobranceira ao valle aonde está assentado este pomar, se vê uma cascata de enormes calhaus, que para alli foram conduzidos expressamente, esforçando-se por este modo, com tanto trabalho, o artificio humano em imitar a simplicidade das bellezas da natureza, sempre magestosa e bella nas obras da sua criação. Toma esta represa as aguas, que no inverno e principio da primavera descem do alto da serra, e formam uma catarata, que se despenha por um leito pedregoso, que fôrma a parte mais baixa do valle d'esta matta.

Penha Verde

Esta celebre quinta foi mandada plantar por D. João de Castro, o honrado vice-rei da India, e legou-a a seus herdeiros com a condição expressa de não se plantar abí arvore alguma de fructo, mas tão sómente objectos de recreio ; dizia elle que, nem da terra queria paga pelos serviços que lhe fazia. Na casa annexa encontram-se ainda algumas antiguidades indianas, e o retrato de D. João de Castro, tirado do natural. Sentimo-nos tomados de respeito ao dar de rosto com aquelle olhar grave, com aquella physionomia varonil e franca. Voltando á quinta, ainda nos parece que o vice-rei incorruptivel, o homem probo por excellencia, gyra por entre esses troncos carcomidos, essas arvores sem fructo, e parámos silenciosos diante da cruz de outras eras, que contemplou ajoelhado o vencedor de Diu.

Regaleira

Quinta pertencente á baroneza do mesmo titulo ; muito amena, e abundante de aguas crystallinas. Tem uma rica cascata, e preciosos marmores, prados sempre verdes, copado arvoredado, tudo bello e risonho. É um dos mais predilectos passeios da gente que passa o verão em Cintra, e com razão, que nada ha mais agradável do que este encantador logar.

Setiães

Formoso campo, que termina em um bom palacio, pertencente outr'ora ao marquez de Marialva, depois ao de Lourical, e hoje dizem que ao de Loulé. Ahi assignaram em 1808 a convenção que salvou Portugal da invasão franceza, os generaes Wellington e Junot. No campo passeiam á tarde muitas familias, e é outro logar de *rendez-vous* como a Regaleira, com a differença de este ser inteiramente publico, e a Regaleira fechada por muros e portas, que só se transpõem com licença dos habitantes da casa.

Quinta do marquez de Pombal

É notavel entre todas as ruas de arvoredo que aformoseiam este logar, uma a que chamam o *Passeio dos Amores*, porque é de tal forma coberta pelos ramos e folhas das arvores, que nem ao meio dia penetra ali o sol. Tem tambem além da grande abundancia de aguas puras, uma agua ferrea muito estimada para enfermidades de estomago.

Quinta de D. Caetano

Aqui se tomam banhos de jorro da mais crystalina agua doce; é n'este logar que começou verdadeiramente, ha poucos annos, o tratamento de

varias enfermidades pela hydropathia, ou hydrosupathia, em Portugal. Quanto a amenidade do sitio é o mesmo que as precedentemente indicadas, e taes outras muitas quintas, que não mencionaremos por evitar prolixidades — seus donos são : os duques de Palmella, de Cadaval, e de Lafões, conde de Redondo, Reis, e outros.

Palacio e quinta do duque de Saldanha

Este palacio é construido em um genero extravagante de architectura, que logo dá na vista ao forasteiro ; por isso o mencionamos em separado, posto que nada de curioso tenha a observar.

Fonte da Sabuga

As abas da villa está esta pequena fonte, cuja architectura nada tem de notavel, mas afamada pela salubridade e fresquidão da sua agua, que é sempre fria de neve, ainda no pino do meio dia, no mais calmoso verão.

Os Pisões

Fonte e passeio agradável, adiante da Regaleira, no principio da estrada de Collares.

Santa Eufemia

Logar de romaria e devoção na serra.

Outras muitos logares de menos nomeada deixamos de mencionar, alias teriamos de escrever um livro só a respeito de Cintra.

HOSPEDARIAS

Victor, a mais antiga e mais afamada da villa; *Durand*, tambem acreditada ha longo tempo; *Hotel d'Europe*, moderna e dependente da hospedaria do mesmo nome em Lisboa; *François*, fóra da villa, em S. Pedro de Penaferrim, e outras de menos luxo. Antes de fechar este artigo ainda copiaremos duas palavras do principe Lichnowski, extrahidas das suas *Recordações de Portugal*, pelas quaes se verá que até os estrangeiros apreciam estas agradaveis paragens.

«Quanto mais tempo me demorava em Cintra, tanto mais aprasivel me parecia, e mais sonhadamente romantica; até que, quando finalmente me foi forçoso partir, repassou-me um tão intimo desgosto, que de todo se tornou manifesto para mim, que alli havia muito mais do que aquillo que a principio haviam descoberto meus olhos profanos. O pesar da minha separação era a vingança do encantamento que eu desconheci. Essas frescas verdas cobertas de folhagem, o crescimento magestoso e exuberante da vegetação; as cascatas e frigidios regatos, as montanhas e penedias, a perspectiva das campinas e do Oceano, tudo isso nunca

o esquecerei, e com a auctoridade de Byron e de Camões, com a opinião dos poetas e dos litteratos de todos os tempos *proclamarei Cintra o mais bello de todos os sitios da terra.*»

Ha projecto de construir um caminho de ferro de Lisboa a Cintra, o qual porá este aprasivel sitio em constante contacto com a capital.

Ouçamos o que diz o já citado escriptor Gomes de Amorim a respeito de uma villa que proximo de Cintra se projectava construir, a qual daria muita importancia áquella localidade :

«Depois do almoço partimos para a villa Estephania. A estrada nova de Mafra é a que alli conduz, correndo sempre em plano direito. Apesar de não ter ainda arvoredos que lhe dêem sombra, o que, em Cintra, é uma falta de côr local insupportavel, tornou-se esta estrada passeio predilecto da população elegante! Será de um kilometro, pouco mais ou menos, a distancia que separa as duas villas; no caminho ficam a quinta dos banhós do *douche* e a escola do conde de Ferreira; pouco adiante da povoação nascente, está a praça de toiros, recentemente construida. Entra-se para a villa Estephania por duas ruas, em embryão, dando a primeira accesso para as casas chamadas do quarteirão, que são dez, e communicando a segunda com as outras treze ou quatorze, que se acham espalhadas, sem symetria ou ordem, a noroeste das primeiras. A posição é optima; pôde affirmar-se que é muito

superior á de Cintra, que lhe fica ao sudoeste. Está livre dos nevoeiros, no começo da charneca, que a lava com os ventos do norte e a perfuma com os cheiros agrestes e salubres de seus mattos floridos. As casas da villa nova Estephania foram todas começadas, haverá uns dezeseis annos, por uma companhia, que principiou tambem em Pedrouços os aterros para o caminho de ferro de Cintra. Foi pena que essa empresa não levasse por diante o seu projecto! O traçado d'aquella via era excellente! A companhia dissolveu-se e as casas ficaram por concluir. Quando ultimamente se fez leilão d'ellas, já dezeseis invernos, assalariados por Cintra invejosa, lhes tinham mettido os tampos dentro! Foi uma lastima! Eram bonitas e venderam-se baratissimas.

As casas da villa Estephania olham todas para a villa e serra de Cintra; dir-se-hia que contemplam a sua vizinha com ar de provocação insolente. E Cintra não deve deixar-se adormecer com o orgulho das suas opulencias, se quizer conservar a sua superioridade. A escola primaria e a praça dos toiros — duas grandes necessidades para os portuguezes! — approximam-se da villa Estephania; a quinta do *douche* deixou-se partir ao meio para lhe dar uma estrada; a estação do caminho de ferro Larmanjat vae sentar-se-lhe ás portas do seu elegante quarteirão; a Granja está do seu lado; Mafra vê-a mais de perto e tudo isto quando ella não tem ainda um unico habitante! Que será então depois de re-

edificadas as suas formosas casinhas, ajardinados os seus terrenos, e provada a excellencia e superioridade de seus ares seccos e sadios?! Já Setiaes deserto não ouve accordar deliciosamente os seus eccos pelas vozes melodiosas de encantadoras passeantes; em vez das frescas alfombras, com que afagava outr'ora os pés delicados de tantas visitadoras, só cria hoje ignobil feno para sustento de brutas alimarias! Passou de moda; esqueceu; foi trocado por uma estrada sem verdura e sem sombras!... Acautela-te, oh Cintra! Tu podes tambem ser olvidada um dia e substituída por uma rival desdenhada agora! »



COLLARES

Esta villa, distante cinco leguas de Lisboa, e uma de Cintra, nas faldas de cuja serra está edificada, contém mais de dois mil habitantes. O termo d'esta povoação produz muita excellente laranja e fructa de caroço, o afamado vinho tinto do seu nome, melhor que o mais puro Borgonha e Bordeaux. A *Varzea* é o mais encantador sitio de Collares; o rio das *Maçãs* deslizando suavemente na sua base por entre viçosos pomares, e sob um continuo toldo de verdura, forma como uma lagôa no sitio chamado *Tanque da Varzea*; ahi sente-se o doce

murmurio das aguas, o susurro das frondosas arvores embaladas pelo vento, uma multidão de passaros com seus afinados gorgeios; vê-se o firmamento e o arvoredado espalhando-se na lisa superficie do lago, ao longe a serra de romantico aspecto, uma primavera perenne, um Eden, um verdadeiro paraíso. A *Mata* é um logar tambem delicioso; um denso bosque de castanheiros, que fica sobranceiro á villa; e o *Passeio dos Amores*, onde pôde encontrar-se logar mais digno de tal nome.

As quintas dos seus arredores, muitas em numero, são tambem afamadas pelos saborosos fructos que produzem, pela vegetação gigantesca que apresentam, pelas aguas clarissimas que em todas as direcções as cortam; entre todas ellas gosa de uma bem merecida celebridade a *Quinta do Dias*, passeio obrigado para qualquer que vae visitar Colares; dedicar-lhe-hemos duas linhas especiaes.

Depois de percorridas em diversas direcções as compridas ruas de arvoredado, tendo gosado a fragrancia de varias flores em bonitos jardins, e contemplado os tanques cheios de ornatos, e abundantes de agua, — com a alma cheia de suave melancolia, pelo susurro das cascatas, o ciciar das folhas e troncos, a melodia dos rouxinoes, — sobe-se a um alto mirante, d'onde se descobre, como de todas as eminencias d'estes contornos, um quadro sempre rico de galas naturaes e adornos da mão do homem, e todavia variado sempre.

N'aquelle mirante, meio arruinado como toda a quinta, se acham milhares de nomes, acompanhados de pensamentos varios como as imaginações que os pruduziram, por que todo o visitante ahi escreve ao menos as iniciaes de seu nome, e raro deixa de lhe antepor algum desvario; força é confessal-o, a indole poetica da nação não se patenteia ahi por bons versos, nem mesmo por fluente prosa, — frivolidades é o que se encontra; pois o logar é dos mais proprios para inspirar um poeta!

A praia das Maçãs, por baixo de Collares, e banhada pelo mar, é um passeio muito frequentado no tempo de banhos, apesar de algumas desgraças já ahi haveram succedido, pela bravura das ondas contra os penhascos da serra. Duas meninas de boas familias, e os homens que lhes davam a mão no banho, foram victimas do furor das vagas, escapando uma outra que com elles estava na agua. Este triste successo teve logar não ha muitos annos.

Proximo de Collares ha ainda dois sitios que atraem a curiosidade do viajante, chama-se o *Fojo* e a *Pedra d'Alvidrar*. O primeiro é uma aberta ou abysmo cavado perpendicularmente na rocha pela natureza, e teem a configuração de um funil, onde penetra o mar subterraneamente com medonho estampido, e se acoutam aves aquaticas, e outras que os habitantes teem por agoureiras, e que com seus agudos gritos teem espavorido mais de um viajante. O segundo é uma immensa penedia suspensa sobre

o abysmo, não perpendicular e lisa, como muita gente tem dito e até escripto — que a olhos vistos se conhece a sua inclinação e ressaltos, — mas ainda é um grande atrevimento o que pratica quasi toda a pobre gente da visinha povoação de *Almoçageme*, que desce e sobe a *Pedra d'Alvidrar*, com a maior ligeireza! Se escapa um pé a qualquer d'estes desgraçados, vae fazer-se em pedaços sobre penedos da base, onde o mar ergue flocos de espuma. É curioso e ao mesmo tempo repugnante esse espectáculo! Firmes nos dedos grandes dos pés e nos das mãos, sem assentarem os calcanhares, esses homens, e até creanças, deslisam pela penedia afoutamente, e trepam em seguida com a mesma rapidez.

Quando se falla das bellezas de Cintra, entende-se que vão incluídas as de Collares e seus arredores, porque a distancia é curta de uma a outra villa, e ainda que a estrada não seja optima é comtudo tão povoada de casas, quintas e jardins, que parecem encurtar ainda mais a distancia. O burrinho, que é o vehiculo usado n'estas peregrinações de Collares e da serra, transporta com facilidade e economia o viajante de um a outro logar.



MAFRA

A tres leguas de Cintra e a cinco de Lisboa, está situada a villa de Mafra, em uma planicie escalvada,

esteril, e deserta; 681 pés acima do nível do mar. Esta villa é notavel pelo seu sumptuoso palacio e basilica, de que vamos dar uma resumida noticia.

Ácerca da origem da fundação d'esta egreja, diz-se que D. João v, para que o céu lhe concedesse um herdeiro, fizera voto de lhe levantar uma abbadia, no lugar em que existisse o mais pobre convento do reino. Depois do nascimento de D. José I, achou-se que ao noroeste de Lisboa, havia uma cabana habitada por poucos frades arabidos, que reunia as condições requeridas pelo voto do monarcha. Pouco tempo depois, no dia 17 de novembro de 1717, D. João v foi n'esse mesmo lugar, lançar a primeira pedra dos alicerces da symptuosa basilica que ainda hoje se admira.

A fachada principal, que olha ao poente, divide-se em tres partes; no meio está o frontispicio do templo; para o sul a parte do palacio denominada *residencia da rainha*; e para o norte a outra parte, chamada *residencia do rei*; ambas tem quatro pavimentos, coroados de espaçosos terraços, que seguem as fachadas do palacio em dois magnificos torreões, que se elevam cem palmos acima do nível dos terraços.

Além dos torreões, erguem-se tambem sobre a frontaria principal o zimbório e as torres lateraes da egreja, que tem 314 palmos e meio de altura, desde o chão até á grimpa, e são rematadas por uma cruz de ferro, que com os respectivôs ornatos peza

226 arrobas, e está elevada sobre a cupula 33 palmos. Cada uma das torres tem um carrilhão com 51 sinos, que pesam 14:500 arrobas. O sino grande, que dá as horas, pesa 800 arrobas, e tem de diametro 11 palmos e meio. Estes carrilhões são de singular e custoso artificio, tocam differentes peças de musica antes de darem as horas; foram fabricados em Liège e importaram com o transporte e collocação em perto de tres milhões de cruzados.

Nos dois palacios, apesar das muitas salas, não se nota uma só que corresponda a tanta grandeza. A sala do throno tem pinturas a fresco, e é ornada com grandes cortinas de veludo e damasco. Toda a obra de alvenaria é excellente, e toda a madeira empregada é da melhor do Brazil.

No frontispicio da egreja ha seis columnas de trinta palmos com capiteis doricos. Tem quatro estatuas; as que estão collocadas aos lados da janella principal são de S. Francisco e de S. Domingos, e as outras duas, de Santa Clara, e de Santa Izabel. Este frontispicio termina em um frontão, em que ha um grande ovado de jaspe, ornado de flôres e anjos, que circumdam as figuras de Nossa Senhora, e Santo Antonio, que de joelhos adora o menino Jesus.

Nas capellas da basilica, e no vestibulo, chamado Gallilea, estão 58 estatuas de marmore e de jaspe, algumas das quaes são de primoroso lavor, e repre-

sentam os fundadores das ordens religiosas. Umas tem 17 palmos de alto, e outras 11. Cinco portas dão entrada para o atrio, cujo pavimento tem 116 palmos de comprimento, e 32 de largo; e tres do atrio para a egreja.

Ao entrar no templo fica o espectador maravilhado a contemplar a profusão e variedade de marmores de todas as côres, primorosamente lavrados; os bellos mosaicos; os estuques apainelados; as preciosidades das madeiras, o vistoso dos pavimentos, os ornatos e accessorios em harmonia com tanta magnificencia e riqueza. Tem esta basilica 277 palmos, contados da porta principal até ao fundo do altar-mór, e no corpo da egreja contam-se 75 palmos e meio de largo.

Tem principalmente dignas de menção, entre outras, as seis columnas de marmore, de 36 palmos de altura, que estão aos lados das tres capellas principaes, e muitos baixos-relevos de marmore, obra de esculptores portuguezes (dirigidos pelo romano Giusti), substituindo os quadros das capellas. O retabulo do altar-mór consta de um bello quadro da escola romana, que representa Nossa Senhora, e Santo Antonio — padroeiros titulares da casa; porém sobre todas estas preciosidades artisticas avulta gigante o magestoso zimborio, que se levanta do meio do cruzeiro. Tem a cupula dobrada, como a da egreja de S. Pedro, em Roma, isto é, tem duas cupulas concentricas com escadarias, que dão ser-

ventia para a varanda, que circunda o zimbório pela parte de fóra ; e d'onde se gosa deliciosa vista, não só para o interior do paiz, como tambem para o oceano. O remate da abobada é de uma só pedra, e tem na circumferencia 8 janellas ; esta pedra tem 44 palmos em redondo e 13 de alto.

No interior d'esta grande fabrica ha muitas capellas notaveis, principalmente a chamada dos defunctos, toda forrada de marmore negro, a da enfermaria, a dos presos, a capella real, etc.

Os limites d'esta obra não nos consentem particularisar mais as grandezas d'este edificio, comtudo recommendamos ao estrangeiro que veja os paramentos que ainda restam, e que são todos de seda, porque a austeridade dos religiosos arrabidos não lhes permittia usar de metaes preciosos, e que ainda assim custaram mais que todo o edificio ! Veja tambem a casa da livraria, que fica no dormitorio da parte do nascente, e tem de comprimento 381 palmos, e de largura 43 ; podendo conter mais de 25:000 volumes.

Esta immensa obra foi delineada pelo architecto alemão, João Frederico Ludovici, no estylo d'architectura italiana classica. Trabalharam diariamente na sua construcção de 20 até 25:000 pessoas, e consta pelos rões de junho a outubro de 1730 que n'esta época, estavam empregadas n'este serviço 45:000 pessoas, incluindo 7:000 soldados ; e em maio de 1731 ainda trabalhavam 15:470 operarios,

bem que a igreja tivesse sido sagrada em 22 de outubro de 1730.

Tem este edificio 886 salas e quartos, 5:200 portas e janellas e 86 fontes alimentadas por diversas nascentes.

Cérca todo o palacio pela parte do nascente uma tapada que comprehende o circulo de tres leguas; é abundante em caça, em fructas e hortaliças, e tem uma caudelaria réal.

Remataremos este artigo dizendo duas palavras sobre a *Granja-modélo* de El-Rei, porque a respeito da villa nada mais ha a mencionar — nem ao menos tem uma hospedaria decente para receber o viajante.

Conta pouco mais de tres mil visinhos.

Na *Tapada real*, vizinha ao templo, se fundou a *Granja-modélo*, estabelecimento agricola de esperançosos resultados.

Concederam-se terrenos a alguns habitantes da villa, mandaram-se vir da Inglaterra instrumentos aratorios de commoda e adequada applicação: grandes tractos de terreno, ha pouco incluídos em só productores de sarças e arbustos nocivos, se acham já roteados e supplantados por uteis sementeiras e fructifero arvoredos.

Ouçamos algumas palavras do sr. *A. Herculano*, sobre este objecto:

« Ao lado dos paços monasticos de Mafra, monumento de uma era de vãs grandezas, vae-se alevantando sem ruido o monumento modesto, mas elo-

quente e santo, da idéa progressiva da actualidade. Ao lado d'essas pedras amontoadas, d'esses torreões gigantes, macissos e pesadamente estupidos, serpeiam já os prados virentes por veigas e valles, cobertos ainda ha pouco de abrolhos e urzes. Contrastando com os lanços de muralhas caídas da ochre, que amarrelleja bestialmente, como um cordão de ouropel enfiada em diamantes, por entre a côr severa dos marmores tismados pelo tempo, vêem-se ao longe verdejar os pinheirinhos, que coroam as alturas ao norte e oriente d'aquelle edificio monstruoso, hybrido e extravagante como uma pseudo-poetica da Phenix-renascida. As folhas da terra cultivada dilatam-se pelas chapadas e encostas, várias na côr segundo a altura das searas, ou conforme a qualidade do solo. »

Na estrada entre Cintra e Mafra, encontra-se a pequena povoação de *Pero Pinheiro*, de cujas pedreiras se extraíram e extráem ainda excellentes marmores de varias côres, que muito serviram na edificação do templo de Mafra, bem como o mármore negro de Collares, que ali se admira abundantemente. O resto do caminho é pouco engraçado.

De Lisboa para Mafra a estrada é a mesma de Cintra até ao Cacem, onde se toma nova direcção por trilhos menos bem gradados do que a estrada real de Cintra, que é a melhor de Portugal, como já dissemos.

Acabando a breve descripção de Cintra, Collares, e Mafra vamos occupar-nos com alguns pontos mais, distantes da capital, que todavia são dignos da attenção do viajante curioso.



SETUBAL

A sete leguas de Lisboa ao sul do Tejo está a cidade de Setubal situada nas risonhas margens do rio Sado, navegavel por embarcações de grande lote.

Setubal, modernamente elevada á cathegoria de cidade, não diremos que seja de grande importancia em população, ou movimento commercial, todavia, a sua proximidade com a capital, e sobretudo o seu ramal de caminhos de ferro, deu-lhe ultimamente mais animação.

A cidade é toda edificada á beira do rio, apresentando por este modo um bello e continuado litoral. Ao lado do nascente, pouco menos de um terço, denomina-se Fontainhas, o centro chama-se Setubal, e a extrema esquerda intitula-se Troino, bairro habitado por pescadores.

A *gare* do caminho de ferro foi construida no sitio de S. João, onde existiu um antigo convento de religiosas, é transformado hoje em casa de habitação; na cerca do referido mosteiro fizeram uma praça de toiros, que na estação propria é bastante concor-

rida, não só pelos naturaes d'aquelles sitios, como pelos habitantes da capital que amam tão feroz e grosseira divisão.

Ao lado direito encontra-se uma estrada pouco extença que communica com o rocio, ou campo do Senhor do Bom Fim, cuja ermida construida no fundo é de pobre apparencia, mas tem um rico interior posto que bastante damnificado. Esta ermida é notavel pela grande devoção dos setubalenses, e com especialidade pelos maritimos.

O campo do Senhor de Bom Fim é digno de apreciação pela sua extença, e por ter no centro o jardim publico, orlado de magestosas arvores seculares, com uma fonte de crystallinas aguas, etc.

A praia é magnifica pela sua magnitude, e pela limpidez das suas aguas; tem um forte chamado de S. Philippe o qual defende a entrada do porto. A barra tem uma torre de construcção antiga.

Setubal tem algumas egrejas de boa apparencia, porém a mais digna de nota é sem duvida o convento de Jesus, cuja construcção se assemelha, ainda que mui inferiormente, á egreja dos Jeronymos de Belem, e é de crer que a sua fundação seja de igual data.

A primeira rua que se encontra á entrada do campo é bella, bastante longa e arborizada. Ahi foi construido o theatro chamado Bocage, de soffrivel apparencia, e unico que existe em Setubal. Tem um commodo hospital, com uma bella egreja. Possui

um bom quartel na praia em frente do caes, um bonito largo chamado Palhaes e a praça do Sopal, hoje denominada praça do Bocage.

A sua alfandega é muito decente, e em toda a cidade existem muitas casas de commercio nacionaes e estrangeiras.

É uso fazer-se em Setubal uma feira de differentes mercadorias, no dia de S. Thiago (em agosto), a qual é muito concorrida.

Proximo á torre e barra de Setubal encontra-se uma praia chamada o portinho da Arrabida, que dá accesso para a serra da mesma denominação, onde ha um convento antigo e muitas outras curiosidades dignas da attenção do viajante curioso.

Do lado opposto a Setubal existem as ruinas de Catubriga, vulgarmente chamada *Troia*, onde em escavações profundas se teem encontrado vasos, medalhas e outros muitos objectos de remotissima data, verdadeiras joias para os archeologicos.

É este um dos logares que não deve ser esquecido por quem se propozer a visitar a patria do nosso estimado poeta Bocage.

Setubal tem bellos pontos de vista, taes como S. Paulo, Bramcanes, e os moinhos, onde foram construidos os cemiterios um para nacionaes, muito decente e com uma ermida de recente construcção, e outro para estrangeiros, egualmente de boa apparencia. Nos seus arredores se encontram lindas e vastissimas quintas, que produzem abundante e

saborosa fructa de todo o genero, asism como a excellente laranja, tradicional por sua bondade e que, tanto apreço tem para exportação.

O trajecto de Lisboa a Setubal faz-se hoje com a maior commodidade. O viajante embarca n'um vapor que conduz ao Barreiro, (lado opposto do Tejo) entra em seguida na bella e magnifica estação dos caminhos de ferro, e em breve tempo é transportado a Setubal, d'onde, se quizer, pôde voltar sem encommodo no mesmo dia a Lisboa.

Na antiga praça do Sopal, hoje praça do Bocage, está edificado um modesto, mas elegante monumento erigido ao poeta improvisador, que pelo seu merecimento honra a terra em que nasceu.



SANTAREM

Quasi no centro da provincia da Extremadura, sobre a margem direita do Tejo, obra de 15 leguas distante da sua foz, está assentada a nobre cidade de Santarem, n'uma situação elevada, deliciosa e pittoresca. Este local montuoso, contrastando com a margem esquerda do rio mui baixa, produz uma bellissima prespectiva.

Comprehende a cidade tres grandes bairros. O maior que chamam *Marvilla*, fica na parte superior e plana na montanha, contigua a extensos olivae,

por onde abrem aprasiveis caminhos as estradas que conduzem ao alto. Esta parte é guarneçada de cerca ameçada com torres e cubellos, e em alguns sitios com barbicans ; e do mesmo modo a *Alcaçova*, castello, ou cidadella arabe, que coroava a altura mais proxima ao Tejo. Da parte que esta olha para a cidade, que é do lado do poente, ha vestigios de fortificações muito modernas, abaluartadas com guaritas nos angulos, e que parecem ser obra do reinado de D. Affonso vi.

O primeiro nome de que ha memoria que os antigos lusitanos dessem a esta cidade foi *Scalabis*, e tambem *Scalabicastrum*. O segundo *Julium Praesidium*, em obsequio ou honra a Julio Cesar, quando já toda a Lusitania estava constituida colonia romana, e se dava por grande distincção, este titulo ás suas melhores cidades e villas ; e foi pelos fins do 7.º seculo da era vulgar, que um successo maravilhoso e de grande assombro deu o nome de *Santa Irene*, depois *Santarem* a esta muito nobre e sempre leal cidade que conserva vae já por 12 seculos, como lustre epitaphio da santa virgem *Irene*.

De qualquer lado que se queira entrar para a cidade ha de subir-se primeiro uma das nove calçadas que ali conduzem, e se denominam :

1.^a Da Atamarma, nome que se lhe corrompeu de Temarma que tinha no tempo dos mouros, que no seu idioma *arabico* é o mesmo que dizer *aguas*

amargosas. Ainda hoje proximo d'esta calçada ha vestigios d'uma fonte de taes aguas.

2.^a De Santa Clara que começa como a primeira na povoação do bairro da villa denominada *Ribeira*.

3.^a De São Thiago, a qual hoje está quasi intransitavel, que começa junto da egreja de Santa Iria no dito bairro, e acaba na porta d'Alcaçova, outr'ora o castello da cidade.

4.^a D'Alfange que principia no bairro assim chamado.

5.^a De Nossa Senhora de Vallada, Madre de Deus, ou omnias, que começa nas omnias e acaba na rua do Pereiro.

6.^a Junqueira que tambem começa nas omnias e finda no sitio de S. Lazaro.

7.^a Do sitio, ou das Pedreiras que conduz directamente de Lisboa a Santarem, acabando ao pé do hospital civil.

8.^a De S. Domingos.

9.^a Do Monte ou de Nossa Senhora do Monte.

Tinha a cidade oito portas, de algumas das quaes ainda ha vestigios. Atamarma por onde *no dia 8 de maio de 1147* entrou D. Affonso Henriques, dando batalha aos mouros, e tomando a villa; Leiria junto da egreja de Nossa Senhora da Piedade; Mansos, onde, em uma capellinha, está a Senhora do Bom Successo; Vallada ou da Madre de Deus; São Thiago junto á que fechava o castello, a que actualmente se chama Alcaçova; do Sol no mesmo cas-

tello, a qual fica sobre um eminente despenhadeiro que cõe sobre o rio Tejo, e ali *justiçavam os mouros os criminosos, lançando-os ao mesmo rio*: d'Alfange, antes Alhance; de S. Geno, por haver entrado por ella o santo d'este nome; do postigo, *outr'ora Postigo de D. Margarida*, mãe de D. Francisco de Tavora e Castro, que casou com o 1.º conde d'Unhão Fernão Telles de Menezes da Silveira, cuja primeira senhora tinha uma casa junto da mesma porta. Em todas as grandes terras que eram fechadas chamavam-se, por costume, às portas postigos. Estas portas e os muros da villa foram obra dos romanos, e depois dos Godos que lhes deram nova força com fortes baluartes.

Santarem ainda actualmente apresenta demonstrações da antiguidade da sua fundação. Por ella passava a via militar romana, que ia de Lisboa a Mérida, resultando do itinerario de Antonino que a distancia entre a primeira e Santarem era de 52 milhas, que com pouca differença são as 14 leguas que hoje se contam entre ambas. O architecto e pintor Francisco de Hollanda diz que em seu tempo ainda se conheciam vestigios da ponte por onde a estrada militar passava sobre o rio, e esta obra que devia ser grandiosa, como todas as dos romanos, sem duvida que não pôde resistir á corrente impetuosa do Tejo, e á abundancia d'arêas com que a obstruiria e prepararia a sua ruina. Se porém hoje nada existe que annuncie a grandeza ro-

mana, bastantes são os testemunhos que provam o demonio dos arabes. Os edificios de que já fallámos; o gosto da architectura com columnas esguias e circumdadas de arabescos e florões, que se acham ao longo das cercas e no interior da cidade, os seus arcos e postigos mostram a importancia d'esta terra em poder dos mouros, de que a libertou pela primeira vez D. Affonso vi de Castella em 1093. Cercada porém novamente pelos arabes, e vendo-se os moradores faltos de viveres tiveram de render-se aos barbaros, de cuja tyrannia a resgatou para sempre em maio de 1147 o nosso illustre D. Affonso Henriques, que lhe concedeu grandes privilegios e exempções.

Da estação do caminho de ferro (na Ribeira) para Marvilla deve, quem se prepozer visitar Santarem, caminhar por uma das duas calçadas — *Atamarma*, ou *Santa Clara*. — Querendo antes tomar alguma refeição, *tem na Ribeira uma Hospedaria — denominada do — Joaquim Curto*.

Antes de entrar em qualquer das duas ditas calçadas, encontrará o magestoso chafariz chamado de Palhaço — com duas bicas, por onde corre fina e potavel agua.

Na Ribeira ha um monumento, que por antigo, é *digno de ver-se*. — A torre, ou pedestal denominado de — *Santa Irene, Santa Iria*, edificado na praia junto do Tejo, sobre o tumulo da mesma Santa. — Segundo nos diz a historia de Santarem — foi a Rai-

nha Santa Isabel, mulher de El-Rei D. Diniz, quem, no anno de 1295, mandou levantar, d'alvenaria, o dito pedestal alto, e no anno de 1644, o senado da camara de Santarem, a requerimento do povo, o fez guarnecer de cantaria lavrada, dando-lhe mais altura. No remate d'este se collocou, e ainda hoje existe, uma imagem da referida Santa, feita de pedra, que tem 6 $\frac{1}{2}$ palmos d'altura, e a defende da chuva uma formosa bandeja ou cupola de metal lavrado.

Examinado, detidamente que seja, o monumento de que acabamos de tratar, deve o viajante dirigir-se a Marvilla pela calçada da Atamarma.

Os edificios, templos, monumentos antigos mais principaes, e os melhores, excellentes e mais notaveis pontos de vista, que ahi ha, são os seguintes *que o viajante deve procurar pela ordem com que vão indicados, a fim de aproveitar bem todo o tempo.*

No fim da calçada d'Atamarma, ao entrar para a cidade, encontrará a porta denominada Atamarma, e depois irá ver:

1.º — O edificio dos Paços do Concelho na praça e igreja de Nossa Senhora de Marvilla.

2.º — O edificio do extincto convento do Carmo onde estão — a Repartição dos pesos e medidas — Administração Central do Correio — Typographia do Governo Civil — Estação do Telegrapho electrico — Recebedoria da Comarca — Repartição de Fazenda

do Districto — Dita do Concelho — Direcção das Obras Publicas, todas no primeiro pavimento — e no segundo — Governo Civil — Administração do Concelho e sala das sessões da Junta Geral do Districto ao pé de cuja sala ha uma linda varanda, e *d'ella se gosa um magnifico ponto de vista.*

3.º — Torre denominada das cabaças, onde está o sino do relógio da Camara Municipal.

Esta torre tem de altura até á cimalha 22 braças; e n'ella está collocado um grande sino, cujo som é repercutido por sete bilhas quebradas dependuradas em varões de ferro por cima da cupula onde está o sino, o qual só corre quando ha novidade extraordinaria, ou em occasiões de publico regosijo. Foi sem duvida com o fim de repercutir o som que ali se pozeram as bilhas; o vulgo porém quer induzir do seu numero, que o intuito era representar os sete membros da Camara. As bilhas intitulam-se cabaças, e d'ahi veio o nome corrente de *torre das cabaças.*

4.º — Edificio de S. João d'Alporão (hoje theatro), segundo a tradição é obra dos Mouros ou Godos.

5.º — Alcaçova — Ahi existe a igreja da real collegiada que deve ser vista — a Porta do Sol e castello de que acima fallámos. — Em qualquer d'estes sitios o ponto de vista é encantador, — mórmente em occasião de cheias.

6.º — Edificio do extincto convento da Graça

cuja igreja é uma das melhores de Santarem, senão a mais bella de Portugal.

7.º — Alto dos Capuchos, junto ao Cemiterio, assim denominado — Portas de Vallada, oiteiro da Forca — o primeiro e terceiro sitios tambem são optimos pontos de vista.

8.º — Igreja de Santo Estevão do SS. Milagre da Hostia. Quem vier a Santarem no domingo da Paschoella e nos dois dias seguintes tem occasião de ver este prodigio.

O Milagre da Hostia succedeu em 1247 em uma casa depois ermida, no anno de 1654, situada na Rua das Esteiras.

9.º — Edificio e egreja da irmandade da Misericordia — o frontispicio é todo de cantaria e obra de gosto.

10.º — Porta de Mansos, hoje conhecida por arco de Bom Successo.

11.º — Sacapeito — Monte de Cravos — Monte do Abbade, lindos pontos de vista.

12.º — Edificio do extincto convento do Sitio hoje Hospital civil.

13.º — Alto casal da Rafôa, tambem optimo ponto de vista.

14.º — Praça de Touros, matadouro, no edificio do extincto convento de S. Domingos.

15.º — Alto de Nossa Senhora do Monte — sobre o norte e poente, e é mais que muito lindo ponto de vista.

16.º — Edificio do famoso collegio dos padres da extincta companhia de Jesus — hoje Seminario Patriarchal. N'este mesmo edificio ha um magnifico templo, e estão estabelecidas as aulas do Lyceu Nacional. — é tudo digno de ver-se.

Igreja de Nossa Senhora da Piedade no edificio do extincto convento da Piedade, cuja igreja é de exquisita architectura.

17.º — Edificio dos extinctos conventos da Trindade e S. Francisco, hoje constituem ambos o quartel de cavallaria n.º 4 — Junto da igreja d'este ultimo ha uma capella onde está o tumulo de D. Duarte de Menezes, obra de delicada architectura.

18.º — Alto do oiteiro de S. Bento, optimo e encantador ponto de vista que domina até grande extensão, e d'onde se vê a estação do caminho de ferro na Assacaia do Bairro da Ribeira.

N.B. O viajante desce em seguida á calçada de Santa Clara, e lá vae outra vez para a estação do caminho de ferro na Ribeira, afim de ser conduzido n'um wagon *até onde lhe parecer ou lhe convier, e sempre se lembrará com indisivel saudade dos encantadores e surprehendentes pontos de vista que gosou* NA ANTIGA SCALABIS.

BATALHA

O brasão da architectura gothica em Portugal, e o mais singular entre os edificios grandiosos das Hespanhas, é o real mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente *da Batalha*. É o padrão magnifico levantado á honra da religião, ao valor portuguez, e á independencia e gloria nacional pelo defensor da patria, o monarcha cavalleiro, D. João, o primeiro do nome, e o decimo na serie dos nossos reis. Objecto de vangloria para os portuguezes e de assombro para os estrangeiros, mereceu que o descrevesse a elegante penna de fr. Luiz de Sousa, e d'essa descripção copiamos o seguinte :

« Da parte de fóra da egreja ha duas estradas, uma que faz a porta principal, e outra a travessa, que toma o topo do cruzeiro fronteiro ao altar de Jesus... O portal e o frontispicio da principal merecia só um livro pela qualidade da obra, se houveramos de particularisar tudo o que n'ella ha de columnas, de figuras, de labores e variedades de feitios, desde a primeira pedra que descobre sobre a terra até o remate, que levanta grande altura sobre a maior aboboda. Porque cada palmo tem tanto que ver de delicadeza e artificio, de trabalho e magestade, que considerado com attenção impossibilita o engenho, e embota a penna, para o declararmos e se entender com todas suas partes. Só um

espelho, que se abre no alto em meio do frontispicio, para dar luz dentro, parece que se não podia obrar com mais subtileza e cuidado em trancinhas de agulha ou em lavor de cera, ou no espelho de uma viola: e quadra-lhe bem esta ultima comparação pela fôrma circular e redonda, e pela representação e miudeza de feitio. Os vãos que na viola ficam abertos para dar logar ás vozes, que fôrma no interior, ficaram cá cerradas de vidraças... debuxadas todas de côres finas e pinturas varias de armas e devisas do reino, de tenções e emprezas de el-rei. E como são muitos os vãos porque o circulo é muito dilatado, communica dentro muita claridade, e pega com a graça das côres o que ellas lhe diminuem na pureza da lua. Mas faz pasmar a firmeza com que se mantêm obra tão miuda tantos annos ha em logar tão alto. Não espanta menos firmeza, numero, e grandeza de outras vidraças que dão luz á igreja e cruzeiro. Só no corpo da igreja abrem 30 frestas, todas tão rasgadas de alto a baixo, e ao respeito e proporção tão largas que, em noite clara, sendo a casa tão descompassada de grande... e a luz das vidraças em parte embotada com a pintura e côres..., pode-se estar n'ella não só sem pavor, mas como em meio de uma praça. Não será desagradavel declararmos a medida de algumas que fizemos tomar, para credito do que dizemos, por mão do architecto. No alto da nave do meio ha 16 frestas, a 8 por banda, que sobem 18 palmos até os capi-

teis, e tem de largura 9, dividida cada uma com 2 pilares, de grossura de um palmo cada pilar, para firmeza das vidraças. Assim ficam em cada fresta 7 palmos de vidro e luz, que, multiplicados pelos 18 de altura, fazem 126. As duas naves teem ambas 12 frestas: 4 do sul, em que fica encostada a capella do fundador; e 8 a contrária. Cada fresta 22 palmos de alto e $7\frac{1}{2}$ de largo. E porque tambem são divididas a 2 pilares de grossura de palmo, como as da nave do meio, ficam com $5\frac{1}{2}$ palmos de vidro, e vem a ter cada fresta por esta conta 121 palmos de abertura e luz, e outras tantas de vidraça. Da mesma altura e largura d'estas ha outras duas frestas, que acompanham a porta principal, uma de cada lado, e fazem o numero que dizemos de 30. E vem a ser uma tamanha quantidade de vidraças, que por cousa prodigiosa se póde ter entre as que mais espantam d'esta casa. Ajudam a claridade outras tres no cruzeiro, das quaes só uma que fica sobre a porta travessa sobe 42 palmos, e tem de largo 14; lavrada toda de uma artificiosa rede de pedraria, e os vãos tomados de suas vidraças. Estas com as da capella-mór e collateraes, afora o espelho do frontispicio da porta principal, que allumia por muitas, fazem a casa por extremo alegre e muito clara e bem assombreada. O que me faz cuidar que sendo assim que n'esta mesma conjunção teve tambem principio o famoso templo da sé de Milão (chamam-lhe lá *il Domo*) o qual se começou a fabricar em

vida do pontífice Urbano vi, que presidiu na igreja de Deus 11 annos até o de 1389, e ficou com taxa de escuro e melancolico ; deviam esmerar-se os architectos d'este nosso em a fazer por contraposição em todo o extremo claro e bem assombreado. Defendem os milanezes e seus artifices, attribuindo a conselho e bom juiso o que foi defeito e culpa ; e dizem que como geralmente é havido por mais grave e de mais pessoa o homem carregado e feio, assim faz mais devoção a igreja sombria e escura. Mas não me convencem, porque dado que o argumento seja verdadeiro quanto aos homens : aos templos, que são retrato do céu, e assento da luz eterna não parece razão haver nenhum commercio com o horror das trevas. E tornando á historia, estão estas vidraças todas tão fortes no assento, tão crystallinas na vista, e tão vivas nas côres, que passando já de duzentos annos que servem, parecem na representação obra moderna.

Cobre-se esta igreja e abobada, que já dissemos era de pedraria, com um telhado tambem de pedraria, composto de umas grandes lageas direitas e adelgaçadas em corpo e grossura, que ficam arremedando uns meios taboões grossos ; e começando a assentar na parte inferior umas, e sobrepondo outras até o alto, fica armado um telhado immortal, que sofre sem damno e sem perigo ser passeado e corrigido ; e para as immundicies que os longos annos fazem crescer se varre e alimpa á

vassoura. Cerca-o em roda uma grinalda de pedraria formada em laços, e seus florões altos a espaços, com que fica como coroadado, e de toda a mais obra do alto differençado.

Para se poder ver e gosar esta grande machina toda por junto, ha duas serventias, que do baixo da igreja levam ao mais alto do telhado d'ella: estas são abertas na grossura do muro do cruzeiro, entrando pela porta travessa á mão esquerda, e fica uma junto da porta, outra junto ao altar de Jesus: ambas vão em caracol e com 120 degraus, que tem cada uma, vencem a maior altura. Mas além d'estas ha outra subida por dentro do convento facil e suave por escadas largas e bem lançadas: e recebe a vista particular deleitação, estendendo-se de cima por uma serra de penedia, que das serras ordinarias não differe em mais que em ser esta lavrada e polida á força da arte, e as outras informes e descompostas e ao natural: nas quaes assim como ha desigualdades, ora com vallos fundos, ora com picos e rochedos que se vão ás nuvens; da mesma maneira se vêem n'esta suas differenças: porque em umas partes se levanta a penedia, como na igreja, em outras abate, como no refeitorio, capitulo e adega: logo por outra parte sobem coruchéus mui altos, e de obra tão espantosa que egualando as da natureza na eminencia, deixam-na muito atraz no que é artificio; porque vão fabricados por tal ordem que dão facil subida ao alto; mas não sem

medo, pelo muito que alevantam. D'estes ha tres, um que fica sobre o zimborio da capella do fundador, fazendo-lhe uma fôrma de pavilhão ; com o faz o zimborio á mesma capella, e é por extremo formoso, porque sobe pyramidalmente 50 palmos, e leva uma sacada em roda de 4 palmos de praça, guarnecida de seu parapeito lavrado em rede, e coroado de umas metas como flôres de liz, o que tudo junto faz uma machina muito crespa e vistosa. Outro tem seu nascimento quasi sobre a casa que chamam da prata, entre a crasta e sachristia, e tem de altura 63 palmos. Não faz menos representação de grandeza a torre dos sinos e relogio, conformando n'ella com tudo o mais do edificio. »

Longo seria enumerar n'um *Guia*, todas as belezas d'este admiravel monumento, e por isso, finalizaremos com a descripção dos tumulos reaes e particulares que existem no real mosteiro da Batalha.

Á entrada da porta principal, ao fundo da escada está a sepultura do quinto architecto Matheus Fernandes, (que no tempo de El-Rei D. Manuel foi o mestre da capella imperfeita) está com sua mulher Isabel Guilherme, e o licenciado Miguel Henriques, sua mulher Antonia de Vivar, e suas filhas. Tem na campa dois craneos esculpidos, cada um com sua epigrapha em letra gothica, a da parte de cima, diz = *vós outros que passaes, a Deus por nós ro-*

gae = e a de baixo diz = *não deixeis de bem fazer porque assim haveis de ser.*

Ao lado direito, pegada á parede da capella real, está uma grande campa inteira, lavrada, que cobre a sepultura de Diogo Gonçalves de Travassos, varão que devia ser de raras qualidades, visto que o sabio infante D. Pedro, duque de Coimbra, o tinha feito aio de seus filhos, e regedor de suas terras.

Á porta da capella real está uma campa de pedra liza, que cobre a sepultura de um soldado do batalhão dos namorados, homem muito valente, e que foi inseparavel de el-rei, na batalha de Aljubarrota, defendendo-o de seus inimigos, corajosamente, sempre a seu lado.

No meio da capella real está uma grande campa, inteira, de marmore branco, dentro da qual se accommodam ambos os moimentos de el-rei D. João I e da rainha sua mulher a senhora D. Filippa, filha do duque de Alemcastre, ingleza, tem na orla do tumulo a legenda em letra gothica; do lado do rei, diz — *par bien* — e do lado da rainha diz — *il me plait.* Nas duas faces lateraes e maiores da caixa se acham esculpidos em letra alemão minuscula os dois extensos epitaphios de el-rei e da rainha. Na face do poente que é a cabeceira do tumulo estava em relevo a cruz da ordem da jarrateira, circulada da liga com a sua letra — *honny soit qui mal y pense* — de que ainda se vê uma parte, porque o resto foi destruido pelos soldados francezes que

n'este mesmo lugar abriram um rombo. Sobre o monumento estão em relevo inteiro os vultos de el-rei e da rainha, ambos com corôa real e guardadas as cabeças por dois torreões de marmore, gentilmente lavrados, em cujas summidades da parte de fóra, se veem respectivamente os seus escudos de armas. O do sr. D. João 1 tem as quinas direitas, assentadas sobre a cruz de Aviz dos castellos, e a corôa real. O da sr.^a D. Filippa é partido em dois, tendo á direita o escudo das armas de seu marido, e á esquerda o seu proprio brazão, que é esquartelado, e tem nos lados respectivamente oppostos os leões e as flores de liz.

No primeiro tumulo do lado do poente está o infante D. Pedro duque de Coimbra, tão sabio quanto infeliz, que regeu o reino na menoridade de seu sobrinho Affonso v, e veiu acabar desgraçadamente na infausta batalha da Alfarrobeira. A par da caixa do seu tumulo, para a parte interior do arco está outra com as cinzas de sua mulher D. Izabel filha do conde de Urgel D. Jayme, tem na orla do tumulo em letra gothica a legenda — *de zil* — segunda filha de el-rei D. João 1.

Segue-se no segundo arco, o mausuleo do celebre infante D. Henrique, duque de Vizeu, nome immortal para a historia da navegação: tem na orla do tumulo, em letra gothica, a legenda — *Talant de bien feer* — terceiro filho de el-rei D. João.

O terceiro tumulo indo para o poente é do in-

fante D. João mestre da ordem de Santiago e condestavel do reino, que teve por mulher sua sobrinha D. Izabel filha de D. Affonso conde de Barcellos, 1.º duque de Bragança, e neto do grande D. Nuno Alves Pereira. A direita do tumulo de seu esposo está o jazigo d'esta senhora, a letra da divisa D. João, na orla do tumulo em character gothico, diz — *J'ai bien raison* — 4.º filho de D. João I.

No quarto monumento do lado do nascente repousam as venerandas cinzas do infante santo D. Fernando, mestre que foi da ordem de Aviz, exemplar de resignação christã, e de todas as virtudes. Morreu captivo em Fez, sendo as suas reliquias remidas das mãos dos infieis, e trazidas a este reino no tempo de D. Affonso v sobrinho do infante — 5.º filho de D. João I.

Na capella que está pegada á porta travessa, a qual tem o altar de marmore branco lavrado de mosaico, com o retabulo da mesma obra, cuja capella el-rei D. João I doou a D. Lopo Dias de Sousa, valeroso mestre da ordem de Christo, o qual dizem que está na mesma capella, no tumulo de marmore branco. No grosso da parede d'esta capella ha um arco, e dentro se levanta o bello e magnifico mausoleo de Diogo Lopes de Sousa, conde de Miranda e 4.º regedor da relação do Porto, obra de mosaico em marmore preto; assenta sobre tres leões de bella escultura, cujas mãos repousam sobre uns ouvados de marmore, preto, e

tem por cima do mausoleo o escudo das armas d'esta illustre familia, e a corôa ducal (o que já não existe porque os soldados francezes na invasão de 1810 o estragaram); é d'esta familia que descende a casa do duque de Lafões.

Na capella do lado da Epistola, está o tumulo de madeira de D. João II, onde por mais de 300 annos se conservou inteiro o corpo d'este soberano. Quando em 1810 o exercito francez invadiu o reino, a soldadesca desenfreada violou o sagrado dos tumulos, e apenas de entre as ruinas se puderam depois salvar os restos informes do corpo do monarcha, que os religiosos de novo encerraram no antigo deposito que mandaram reformar.

Na capella-mór junto ao supedaneo do altar, embutida nos degraus do mesmo, está uma arca de marmore com dois vultos da mesma pedra em cima, que figuram el-rei D. Duarte, e a rainha D. Leonor sua mulher, com uma inscripção, latina, cuja traducção é a seguinte — *Aqui jazem Duarte I Rei de Portugal e Algarves, e a Rainha Leonor sua mulher.*

Na capella do lado do Evangelho está um tumulo pequeno de marmore branco lavrado por todas as faces de flores em relevo, e em cada face o escudo das armas reaes assentadas sobre a cruz de Aviz. Dizem ser do principe D. João filho de D. Affonso V e da rainha D. Izabel, que morreu sendo menino.

O tumulo que está proximo á sachristia, dizem ser de um cardeal da casa do duque de Aveiro.

Na casa da capella estão dois tumulos de madeira, no da direita está D. Affonso v e a rainha D. Izabel sua mulher, no da esquerda está o principe D. Affonso, filho de D. João II, herdeiro da corôa, que morreu caindo de um cavallo nas margens do Tejo, junto a Santarem, contando apenas dezeses annos de idade, e sete mezes de casado.



COIMBRA

Coimbra está fundada no coração da monarchia, servindo de remate á coroa da Europa, que é Portugal. Esta cidade estava antigamente no sitio onde hoje se encontram as ruinas de Condeixa-a-Velha, e esteve subjeita por largo tempo ao imperio romano.

A Universidade de Coimbra é o primeiro objecto que atrae os olhos, com a sua magestosa torre, e com o observatorio, que coroam aquelle monte de casas.

É edificio importante e por isso revistado por todos que passam por esta bonita cidade.

Á direita do Campo de Santa Clara está a chamada quinta das Lagrimas. Este nome só por si é bastante para fazer bater o coração e despertar a

curiosidade. O velho palacio d'esta quinta foi o theatro d'aquella poetica catastrophe, tão bem cantada pelo immortal Camões.

No fim da quinta das Lagrimas, fica a fonte dos amores, monumento eterno da desgraça de D. Iñez de Castro.

O aspecto melancolico dos cedros, sentinellas mudas aquem a natureza confiou a guarda d'esta fonte; o escuro da rocha, a doçura com que insensivelmente correm as aguas, tudo insinua na alma o grande segredo da melancholia.

Junto a esta fonte ha uma tosca lapide onde se lêem os formosos e sentidos versos com que Camões immortalisou aquelle manancial.

Esta quinta é, hoje propriedade de um inglez abastado.

Das ruinas do mosteiro de Santa Clara, hoje sómente existe os restos da igreja para os quaes está apontando o dedo do tempo, como para o terrivel desengano de que tudo acaba no mundo.

O templo está submergido no areal e as suas columnas estão sepultadas até aos capiteis. Da capella-mór apenas existe o arco grande; sumiu-se o altar e o retabulo serve de entrada.

O novo mosteiro de Santa Clara foi edificado em 1649 no monte da Esperança. É grandioso edificio, e está situado fronteiro a Coimbra, olhando para o oriente.

O convento tem dois vistosos mirantes, cada um

na sua extremidade. O templo é vasto e magestoso, sendo a sua architectura no estylo romano. Os retabulos dos altares são todos de meio-relevo, dando a conhecer este edificio pela magestade e grandeza que respira, ser obra real.

Na capella-mór está depositado o soberbo ataude de prata que mandou fazer á Rainha Santa Isabel, esposa de D. Diniz, o bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco.

A ponte é um dos logares mais apraziveis e vistosos de Coimbra. A mansidão com que correm as aguas, os salgueiros, os alamos que lhe guarnecem as margens, debruçando-se sobre a sua corrente, como quem se está mirando no espelho limpido das aguas; as quintas da Boa Vista, das Cannas, das Lagrimas e da Alegria, que alvejam ao longe por entre os frondozos olivaes; os cyprestes que simelham pyramides e obeliscos; a torre de Santa Cruz que se ergue das ameias da cidade; os sumptuosos edificios de S. Bento, de S. José, dos Mariannos, e o Seminario do Bispo, que coroam, cada um o seu outeiro; emfim os barcos que correm pelo rio em todas as direcções, offerecem aos olhos um quadro que eleva os sentidos e que se não pôde desenhar com o pincel.

O Mondego tem a gloria de conservar o seu nome desde a serra da Estrella, onde nasce, até á villa da Figueira, d'onde se precipita no seio do Atlantico.

Este rio das Musas não foi privado d'essas soberbas heranças que a natureza deixou aos seus grandes filhos da Asia e da America. O nosso Mondego possui também areias de ouro, e é sem duvida o rio mais rico e formoso que banha o nosso territorio; é todo portuguez, porque nasce em Portugal, e n'elle se entrega ao Oceano.

O Mondego na primavera e no verão passa humildemente por baixo da ponte, espreguiçando-se por cima das areias, que parecem campos de ouro; todavia na estação das tempestades enche-se de soberba e arrogancia e invade os campos, estraga hortas, inunda as quintas, derrota as arvores, e leva em suas aguas triumphantes os despojos das terras assoladas. Muitas vezes salta por cima da ponte, e d'alli continua entre estragos e ruinas, até ir sepultar-se nas praias do Oceano.

A Sé velha, esta cathedral gothica é em tudo original, unica na architectura e unica na idade, pois é um representante do imperio dos godos, que ainda resta na côrte estrangeira depois de extinta a sua nação.

Este mahometano convertido ao christianismo, como outros, é o Adão e o patriarcha de todos os edificios de Coimbra.

As suas paredes construidas todas de cantaria, vistas exteriormente parecem mais as muralhas de um castello, que as faces de um templo. O edificio é quadrado, tem um arco sobre a porta principal

com uma tribuna em cima, debaixo de outro arco de igual feitio e com grades de pedra. Além d'esta não tem mais janellas algumas, porém sómente estreitas frestas. Não tem torres, nem remate algum, porque se reconheça ser cathedral de christãos; apenas se vê sobre a cupula uma pequena cruz de ferro.

Ao lado esquerdo do templo fica outra porta tambem com um arco de marmore lavrado em relevo; é cercado por uma silva de flores mimosas, e por isto se conhece o quanto gostavam os architectos godos das miudezas e ornatos exquisitos, tanto nas gravuras de oiro e prata, como nas de pedra.

De uma e outra parte do arco, sobre o qual está outra varanda com quatro pequenas columnas, que lhe sustentam a abobada, está uma capellinha tambem de marmore: n'uma fica a imagem de S. João, n'outra a de S. Zacharias; é o pae e o filho, que estão de sentinella á porta do templo.

A prespectiva da egreja vista de noite causa um terror magestoso a quem a contempla; porque o escuro das cantarias, e ervas que nascem pelas suas juntas, dão-lhe uma apparencia d'aquelles castellos de genios e fadas, de que tanto se falla nas historias de cavallaria.

Junto ao Museu está um espesso bosque de loureiros de uma decrepita velhice. Uma antiga tradição faz anterior a sua origem ao estabelecimento

da companhia de Jesus n'esta cidade. Estas arvores, como os velhos paes, que sobrevivem a seus filhos, viram nascer e acabar esta familia de sabios.

Poucas pedras restam já do Castello de Coimbra, cuja origem se perde na noite dos seculos, e que o theatro glorioso da acção mais heroica da fidelidade portugueza que tanto renome deu a Martim d'Alf. Freitas, seu governador e alcaide, cujo factó é bem conhecido na historia de Portugal.

Mais algum tempo e estas reliquias da antiguidade deixarão de existir, e de recordar ao viajante as nossas gaandezas passadas.

Do alto do penedo da Sandade destaca-se aos olhos um formoso panorama. Que perspectiva tão vasta, que espectáculo tão bello! Como é formoso o valle das Oliveiras que se estende aos pés do penedo!

Aos pés de um outeiro, junto da quinta do Cidral, está um viçoso e fragrante bosque de larangeiras. A pouca distancia rebenta a fonte do Cidral que leva aos campos visinhos a abundancia e a pureza de suas aguas.

O Convento de Santo Antonio dos Olivaes fica na despedida de um monte a pouca distancia de Coimbra. A paragem é encantadora pela vista dilatada do que alcançam os olhos. D'aqui se avista o Mondego, uma legua depois de ter já passado pelas ameias da cidade. D'aqui se descobrem soberbas montanhas.

A rainha D. Urraca foi quem deu este sitio e a ermida de Santo Antão aos filhos da pobreza. As arvores da paz, que abrigam esta solidão, deram-lhe o nome de Santo Antonio dos Olivaes, que ainda hoje conserva.

Na visinhança do Convento de Cellas fica entre um olival uma pequena ermida, que vista de longe parecer vir para nós, levantando a torre e a cruz acima das pontas das arvores.

É tradição que alli fôra sacrificada n'uma cruz a virgem do bosque.

Todos os annos no fim da primavera vem enramar de flores os habitantes da cidade esta ermida, theatro de tão doloroso martyrio. Santa Comba é ornada com grinaldas de rosas, e estes tributos puros e innocente são o emblema da castidade da virgem, e da corôa immortal que recebeu no céo.

O palacio do infante D. João ainda existe, ainda está de pé aquelle gothico edificio que foi o theatro da morte da infeliz D. Maria Telles de Menezes, victima da perfidia de sua irmã, a rainha D. Leonor. O Aqueduto de S. Sebastião passa em frente do Jardim botanico, e é sustentado por vinte e um arcos de grande altura; reputa-se uma das maravilhas da cidade de Coimbra.

No reinado do rei D. Sebastião é que se levantou este magestoso edificio, não sem grande resistencia dos conegos de Santa Cruz, a quem foram tiradas as fontes que para elle dão agua.

A população da cidade de Coimbra é pouco notável, e a affluencia dos estudantes á sua Universidade é que lhe dá a importancia que tem.

Em Coimbra ha as seguintes hospedarias :

Hotel do Paço do Conde. — Rua da mesma denominação.

Hotel do caminho de ferro. — Rua do Visconde da Luz, 8.

Hotel Mondego.

Novo Hotel Central.

O limitado espaço de uma guia não dá logar a longas descripções e por isso iremos ávante até ao Bussaco, essa agradável floresta tão frequentada hoje por todas as pessoas de verdadeiro gosto.



BUSSACO

É do chronista carmelitano Fr. João do Sacramento a descripção que em seguida damos.

Depois da serra de Cintra, não ha outra em Portugal mais afamada pela escripta e pela pintura, que a de Bussaco.

Escreptores e artistas, prosadores e poetas, pintores e gravadores, assim nacionaes como estrangeiros, se teem inspirado da magnificencia d'aquella grandiosa paizagem, e reproduzido em paginas brilhantes, em paineis famosos, esta maravilha da nossa terra.

Os começos do convento do Bussaco remontam apenas ao meado do seculo xvii. Singelamente nolos conta o chronista fr. João do Sacramento. Diz elle, que andando o provincial da ordem dos carmelitas descalços, e em busca de sitio deserto, para fundar uma casa eremitica para os seus frades, succedera ir um d'elles visitar o bispo conde de Coimbra, D. João Manuel, a quem communicára o intento. O prelado como de subito, respondeu: — « Tenho eu na serra de Luso umas mattas e terras a que chamam Bussaco; se ao padre provincial lhe parecêra mandal-as ver, e lhe forem de seu agrado, dera-as eu de boa vontade á relegião, pelo interesse de ter no meu bispado um convento tão unico e observante. Avise o padre reitor ao padre provincial que as mande ver, que pôde ser lhe sirvam, e se evitem com maiores conveniencias, os reboliços da serra de Cintra. » Era n'esta que elles tinham posto a mira, antes de terem noticia do Bussaco.

Foi logo este padre dar, com alvoroço, tão boa nova ao seu provincial, e ambos com outros relegiosos e sendo um d'elles architecto, se foram a inspeccionar o sitio.

Subindo todos á serra, viram em Bussaco tanta variedade de arvores, abundancia de fontes, formosura de valles, e eminencia de montes, que, alem de summamente pagos do que viram se admiravam por extremo de que a benigna e soberana Pro-

videncia houvesse reservado para ermo da sua ordem aquelle sitio, que julgavam pela oitava maravilha do mundo.

Veio depois o padre geral, e não menos agradado e admirado do sitio, disse para os companheiros com devota alegria: — « Aqui é vontade de Deus que se funde; murem este sitio, que tem n'elle o melhor deserto da ordem. Porque, se agora inculto, rudo e tosco, é o que admirâmos, cultivado será um paraizo terreal. »

Dados os agradecimentos ao bispo conde, tratou este logo de reduzir a doação a publica forma.

Como, porém, esta propriedade era da mitra, não se podia doar pura e simplesmente, só por subrogação se permitia alienar, nos termos do direito canonico e civil. Foi, por tanto, avaliado o Bussaco em 180\$000, *por ser infructifero e de pouco rendimento* (diz a licença regia) comprando o bispo outros bens no valor de 187\$000 reis, para encorporar nos da mitra em logar do Bussaco. D'este contracto se fez escriptura em 11 de maio de 1628.

Trataram logo os frades de edificar no alto da serra o seu convento, a que se lançou a primeira pedra no dia 7 de agosto do mesmo anno, com a invocação de mosteiro de Santa Cruz.

Está Bussaco situado na vistosa, altissima e verde serra que uns chamam de Luso, outros de Carvalho, e alguns do Cantaro, por se não expres-

sar bem com um singelo appellido, e quasi necessitar de nomes dobrados, todo um monte de maravilhas.

Diz-se do Cantaro, pela piedosa matrona, que atravessando em certa occasião a serra, lhe falleceu um criado á sêde, por cujo respeito deixou alli, em perpetua misericordia, um cantaro de agua para refrigerio dos viandantes.

Chama-se do Carvalho, de uma villa d'este nome existente ao pé da mesma serra, que a deu, ou recebeu da nobre familia d'este appellido, de que parece ascendente a instituidora da referida piedade, visto ficar a provisão do Cantaro ao cuidado dos senhores d'esta villa. Intitula-se de Luso, de uma antiquissima cidade do mesmo nome, que dizem fundara alli a meia descida da serra para a banda do poente, olhando ao mar, um rio de proprio appellido. Da sua existencia parece dar ainda testemunho um curto logar a que tambem chamam Luso; que os tempos se não tragam reduzem a pequenas as coisas grandes, os povos a ermos, as cortes a aldeias.

Nasce a do Bussaco como legitimo e avultado parto da serra da Estrella; e desenvolvendo-se ligeiramente das mantilhas para crescer em grandes proprias levanta o pé bem a vista de Penacova, defronte do canal por onde no placido Mondego entra o caudaloso Alva, tão rico de cabedaes, que desempanha a fama de serem os rios de Portugal

minas de oiro. Assim gigante se anima a Carreira, que logo nos primeiros passos despreza, soberbamente, subir um a um, contendendo como émulo das serraniaa mais altas, ser corôa de todos. Ganhando por degraus de tres legoas continuadas, de oriente a poente; assombrosas alturas, se olha no fim ao espelho do Oceano, quasi vaidosa de ser o Mondego pequeno christal para o especioso de tão avultada estatura. Descorre todo este dilatado comprimento, rompendo para todas as quatro partes da terra em despenhados precipicios, e quebradas maiores de legoa, por entre fragosissimos penhascos, pelas roturas dos quaes se divisam as agoas cortando profundo valles, quasi murmurando de ver a serra humilhar os mais elevados cabeços, com mais presumpção que jurisdicção; pois nem o auctor da natureza a concede aos grandes para atropellarem os pequenos, nem os superiores a devem tomar para ultrajarem os inferiores. Completa de todo a subida, vae a serra parar e descansar no cume que propriamente se diz Bussaco, o qual remata uma cruz, que chamavam Alta, em razão da sua eminencia dominar ainda as maiores alturas d'esta serra, e por ventura quantas o reino de Portugal conhece.

O pico ou cume do Bussaco é de sorte elevado, que descobre grande parte do reino, e d'elle é descoberto. Descortina para o oriente a serra da Estrella e a de Castello Rodrigo posta em distancia

de trinta leguas; para o sul do Minho; e não faltou já lince que alcançasse ou o presumisse ver a de Marvão, desviada d'alli quarenta leguas, para o norte a de Grijó, em distancia de quinze; e para todas as partes as cidades, villas, e logares intermedios, sitos no territorio dos sete bispados, Coimbra, Leiria, Guarda, Vizeu, Lamego, Porto, Braga.

Para a parte do poente carece a vista de termos mais que nos limites da propria potencia, porque sobre as buliçosas ondas do inquieto elemento, se não descança, limita-se. Vêem-se nos dias claros, sulcar suas aguas varias embarcações para diferentes rumos e postos, agradavel objecto aos que de terra o contemplam; e porventura mais, quando furiosas ou crespas ameaçam algum naufragio pela tyranna condição de crescer o gosto do seguro proprio á vista do perigo alheio.

Estas são as vistas d'esta atalaya do mundo, ou sentinella do céu, ao longe.

As de perto são taes, que se duvida as possam os olhos encontrar, igualmente dilatadas e deliciosas, na circumferencia do orbe, porque do alto do Bussaco se devisam muitas e apraziveis serras; dilatados e viçosos montes; fertilissimos e amenos campos, cortados de varios e formosos rios. Avisam-se assim mesmo varios arneiros, prados, bosques e valles retalhados de caudalosas ribeiras, vestidos todos da verde gala, que a cada um d'estes bem dispostos corpos talhou o auctor da natu-

reza. Donde vem a parecer que não ha paiz, quadro ou perspectiva, onde o mais licencioso pincel sobornado do gosto ou do empenho, se occupasse em bem assombradas delineações, ao valente ou mimoso, que os horisontes do Bussaco não comprehendam ao natural.

De toda esta estendida e formosa planta, colhem as almas devotas, recolhidas em si mesmas, copiosos e importantes fructos de superiores considerações para se moverem ao amor do Omnipotente, que assim dispoz o terreno para habitação, regalo e commodo de suas creaturas. Nas mesmas penhas da montanha é grandemente de louvar o Creador, porque entre ellas se acham jaspes e marmores tão finos, e de côres tão vivas, que parece brilharem brutos com o lustro de polidos. Pelo menos a serem assumptos da industria, ou materia da arte, serviriam de credito aos edificios como pedras de singular valor na sua esphera.

Mas quem poderá decifrar em numeros, ou numerar por seus nomes, não já os individuos, mas ainda as especies de arvores que o auctor da natureza clausurou no recinto do Bussaco? Alem das plantas conhecidamente vulgares, se desentrenha o terreno na producção de lentiscos, azereiros, azevinhos, adernos, espinheiros, cedros, platanos, cynamomos, etc; e com tal feracidade, que a mais vasta noticia d'esta frondosa republica o não poderá notar de mesquinho na esterilidade de alguma.

Descorria em certa occasião o sitio o reverendissimo padre fr. Jeronymo de Seldanha, D. abba-de geral da ordem de S. Bernardo, acompanhado do prior actual da casa fr. Paulo do Espirito Santo; e notando a fecundidade da natureza na procreação de tão bastos e diversos arvoredos, a censureira de não produzir alli o teixo, arvore de mais gala que serventia, e de qualidades tão nocivas, que dizem ter na sombra antipathia com a saude, e ainda com a vida de todos os animaes. Calava-se o prior á queixosa censura do geral; mas chegando á fonte que chamavam Fria, lhe deram a resposta tres plantas da mesma especie que buscava. Vendo a satisfação do queixume, e o desvanecimento da opinião de que era singularidade de Alcobaça produzir a tal planta, teve de confessar a Bussaco por um mappa do arvoredo do mundo. Já arruadas á corda, já em mattas cerradas é tal a multidão de arvores, que havendo tempestade que prostrou mil paus dos mais soberbos, não fez ao resto do vegetal corte sensível, apparecendo depois vestido como se não fôra roto da tormenta.

Das hervas cheirozas, como legação, madresilva, trevo real, betonica, e tantas outras que na penna não cabem, se ornão os estrados, e tecem as alcátifas dos montes e valles, onde por ostentação da pompa ou vaidade do caduco de suas verduras, se tenta a descançar a primavera quasi todo o anno. As medicinaes, pela qualidade da agua,

terra e ar, são de sorte proficuas á restauração da saude, que Grisley, insigne herbolario italiano, em um tratado que da materia compoz, affirma, que havendo perigrinado a maior parte da europa, encontrára na serra de Bussaco quasi todas as hervas que descreve Laguna sobre Dioscorides, com a excellencia de serem vigorosas sobre as que a herbolaria conhece. O mesmo contesta a pharmacopólea, signaladamente de Phillipodio; e quando não cante a victoria, póde Bussaco jactar-se de competir, inculto, com os celebres parques, ou jardins de Pavia e Veneza cultivados para o mesmo intento e fim. Das flores, já domesticas, já montesinhas, perpétua caçoila do sitio, iremos semean-do algumas pelos lugares que descorrermos.

Sustenta-se esta innumeravel familia da grande mãe (como á terra chamavam os antigos), que lhe dá além de outras aguas, oito fontes perennes. A de Nossa Senhora da Expectação, a do glorioso archanjo S. Miguel, a do nosso patriarcha Elias, a de nossa madre Santa Thereza, a de S. Silvestre, a do Carregal, a Fonte Nova, e ultima, rainha das mais, a que chamam Fria, que temperada de inverno escusa neve de verão.

Foi esta fonte obra do bispo conde D. João de Mello, traçada de fórmula que, coberta de uma abobada, estribada em um arco aberto, rebocado de embrexados, tem o nascimento a vista patente, ou por blasonar de puramento claro, ou por ser tão

vistoso, que por entre miudos sexos, pretos e brancos, sentados em doiradas areias não receia de apparecer ao registo e exame dos olhos. Desce do lugar da sua origem por um calejão ou parapeito levantado da terra, entre duas largas escadas portilhões de cantaria, e repuxos abertos nas mesmas pedras; na descida dos quaes, fervendo as aguas em tumidos e prateados cachões, causam de uns em outros tão agradável como buliçosa queda, até chegarem a uma taça de onze bicas de bronze, sentada no meio de um formoso tableiro, rematado tudo em um chuveiro de innumeraveis e quasi imperceptiveis desaguadoiros. Baixa d'aqui, na mesma fórma, a outros tres tableiros lageados, e chegando ao quarto para um chafariz de oito bicas de bronze, do qual se torna a despenhar por canos cobertos; a larga distancia se recolhe n'uma grande pia coroada de uma cruz de pedra, acompanhada de duas pyramides da mesma materia. Encanada novamente por alguns passos, rebenta em um espaçoso tanque d'onde, fechada como antes, vae terminar no beneficio e cultura de um dilatado pomar, povoado de varias arvores de excellentes especies de fructos. Os lados das escadas e divisas dos tableiros são ornados de curiosos embrexados pretos, debuxados em campo branco, que na obra fazem agradaveis visos sem excederem a modestia do lugar.

N'esta deliciosa paragem está quasi erecto um

monumento para commemorar a grande batalha que alli se deu; consta d'um formoso e imponente oblisco; rematando por uma bella estrella de crystal de lindo effeito, obra portugueza e de muito apreço. As inscrições são fundidas com o bronze d'uma das muitas peças tomadas n'aquelle mesmo sitio ao exercito francez.

Este monumento é mais um isentivo para chamar ao Bussaco a attenção, não só dos bons portuguezes, como dos curiosos estrangeiros, que saibam apreciar devidamente o que é bello.

MOEDAS PORTUGUEZAS

Dobrão de oiro	30\$000 réis.
Dobra	16\$000 »
Meia dobra, ou peça	8\$000 »
Meia peça	4\$000 »
Corôa de oiro	5\$000 »
Meia corôa	2\$500 »
Quinto de corôa	1\$000 »
Corôa de prata	1\$000 »
Meia corôa	500 »
Crusado novo	480 »
Doze vintens	240 »
Seis vintens	120 »
Tostão	100 »
Tres vintens	60 »
Meio tostão	50 »
Pataco de bronze	40 »
Vintem de cobre	20 »
Dez réis	10 »
Cinco réis	5 »
Tres réis	3 »

TEM CURSO FORÇADO EM PORTUGAL

Soberanos inglezes de oiro.....	4\$500 réis.
Meios soberanos.....	2\$250 »

MOEDAS ESTRANGEIRAS

As moedas que não tem curso legal, são trocadas conforme está o cambio, todavia aqui daremos uma tabella das mais conhecidas moedas estrangeiras, com o seu proximo valor em dinheiro portuguez.

Hespanholas

Onça de oiro.....	14\$600 réis.
Meia onça.....	7\$300 »
Quarto de onça.....	3\$650 »
Pezo.....	920 »
Meio pezo.....	400 »
Pezeta.....	160 »
Reale de velon.....	50 »
Reale.....	40 »

As moedas equivalentes das republicas do Mexico, Chile, Colombo, Peru, Buenos-Ayres, Equador, e Nova Granada, regulam pelos mesmos valores.

Brazileiras

Peça de oiro.....	8\$000 réis.
-------------------	--------------

Meia peça.....	4\$000	réis.
Moedas de 4\$000.....	4\$500	»
Pezo de prata.....	920	»

Francezas

Peça 40 francos.....	6\$400	»
Napoleão ou Luiz.....	3\$200	»
10 francos em oiro.....	1\$600	»
Piastra de prata.....	860	»
Peça de 2 francos.....	320	»
Franco.....	160	»
30 Sous (moeda antiga).....	240	»
15 sous (idem).....	120	»
Meio franco.....	80	»
Quarto de franco.....	40	»
Quinto de franco.....	30	»
10 Centímetros em cobre.....	15	»
5 Centímetros.....	7 ¹ / ₂	»
1 Centímetro.....	4 ¹ / ₂	»

Inglezas

Libra sterlina.....	4\$500	»
Guinéo de oiro.....	4\$000	»
Meio guinéo.....	2\$350	»
Meia libra.....	2\$250	»
Corôa de prata.....	900	»
Meia corôa.....	450	»

Shilling	180	réis.
Meio shilling.....	90	»
Terço de shilling.....	60	»
Quarto de shilling.....	45	»
Penny, de cobre.....	15	»
Meio penny.....	7 ¹ / ₂	»
Liard ou Farthing	3 ³ / ₄	»

Dos Estados Unidos

Aguia de oiro (10 dollars).....	* 85000	»
Meia aguia	45400	»
Pataca de prata.....	900	»
Meio dollar	450	»
Quarto de dollar.....	225	»
Decimo de dollar	90	»
Vigessimo de dollar	45	»
Centessimo de dollar, em cobre ...	9	»

Hollandezas

Florin ou gulden.....	400	»
Centimetro.....	4	»

Estas são as novas moedas de Hollanda, as antigas trocam-se na mesma proporção.

Da Suissa

Franken da Republica.....	240	réis.
---------------------------	-----	-------

Cada cantão tem sua moeda particular.

Austriacas

Soberano	5\$600 réis.
Ducado, de oiro	1\$920 »
Rixdale, de prata	880 »
Florin	440 »
Holpekopf, (10 kreutzers).....	80 »

Prussianas

Rixdale ou thaler	550 »
-------------------------	-------

Russtanas

Imperial, de oiro.....	6\$500 »
Meio imperial	3\$250 »
Peça de 3 roubles.....	1\$950 »
Rouble, de prata.....	650 »

Dinamarquezas

Christiano, de oiro.....	3\$400 »
Ducado	1\$500 »
Rixdal, de prata.....	900 »

Romanas

Pistola, de oiro	2\$800 »
Sequim.....	1\$900 »
Meia pistola.....	1\$400 »

Meio sequim.....	950 réis.
Escudo, de prata	900 »

Napolitanas

Doppia, de oiro.....	4\$000 »
4 ducados.....	2\$700 »
2 ducados.....	1\$350 »
Ducado real, prata.....	674 »
12 carlins	880 »
Tarim	75 »

Turcas

Sequim, de oiro	1\$120 »
Meio sequim.....	560 »
Rouble ou quarto de sequim.....	280 »
Piastra.....	320 »

**PEZOS E MEDIDAS****Portuguezas**

COMPARADAS COM O SYSTEMA METRICO DECIMAL

Pesos

Tonellada — 13 ¹ / ₂ quintaes...	793 kilogrammas
Quintal — 4 arrobas	58,74289
Arroba — 22 arrateis.....	14,68572

Arratel — 2 marcos.....	459	grammas.
Libra (de boticario) 1 ¹ / ₂ marco....	344,19680	
Marco — 8 onças.....	229,46440	
Onça — 8 oitavas.....	28,68305	
Oitavas — 3 escropulos.....	3,58538	
Escropulo — 24 grãos.....	1,19513	
Grão.....	5	centigram.

Isto é approximação; eis-aqui com mais exactidão esses valores, invertendo a ordem precedente.

Denominação dos pezos em França	Valor em Grammas	Arrobas	Arrateis	Onças	Oitavas	Grãos
Quintal metrico	100000—	6	24	14	3	2
Myrigramma	10000—		21	12	5	7
Kilogramma	1000—		2	2	6	17
Hectogramma	100—			3	3	16
Decagramma	10—				2	8
Gramma	1—					20
Decigramma	0,1—					2
Centigramma	0,01—					—
Milligramma	0,001—					—

Medidas

Eis as denominações e valores das medidas francezas, tomado o *metro*, o *are*, e o *litro*, como uni-
dades de cumprimento, superficie, liquidos e grãos.

Comprimento	— Myriametro	10000 M.
	Kilometro	1000
	Hectometro	100
	Decametro	10
	Metro	1
	Decimetro	0,1
	Centimetro	0,01
	Millimetro	0,001
	Superficie	— Hectare
Are		1
Centiare		0,01
Liquidos, etc.	— Hectolitro	100 L.
	Decalitro	10
	Litro	1
	Decilitro	0,1
	Centilitro	0,01

Medidas antigas portuguezas

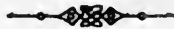
Legua—3 milhas	Kil.	6,1728
Milha—mil passos	»	1,8518
Braça—2 varas	Met.	2,2
Vara—3,333 pés	»	1,1
Pé—12 polegadas	»	0,33
Palmo—8 polegadas	»	0,22
Polegada—12 linhas	»	0,0275
Linha—12 pontos	»	0,0023
Ponto	»	0,0002
Moio—60 alqueires	Hect.	8,28

Alqueire.....	Hect.	13,8
Quarta	»	3,45
Oitava.....	»	1,720
Maquia.....	»	0,8625
Salamin	»	0,4312
Tonel—2 pipas	»	8,4750
Pipa—25 almudes.....	»	4,2375
Almude—12 canadas	Lit.	16,95
Pote—6 canadas.....	»	8,475
Canadas—4 quartilhos	»	1,4125
Quartilho.....	»	0,3531

FIM

INDICE

DO QUE CONTEM ESTE VOLUME



	Pag.
Introducção.....	3
Chegada a Lisboa	13
Corpo consular portuguez.....	14
Hospedarias (hoteis).....	18
Bancos de Lisboa	20
Banqueiros	21
Companhias de seguros maritimos e de fogos	22
Classificadores de navios.....	23
Companhias e estabelecimentos de credito...	24
Agencias, associações e companhias.....	26
Despachantes encartados da alfandega de Lis- boa	28
Correctores de numero	29
Policia civil de Lisboa.....	30
Freguezias respectivas a cada um dos bairros e divisões de policia civil	31
Estabelecimentos funerarios	32
Postos medicos	»
Correio.....	33
Serviço telegraphico nacional	40
Tabelliães de Lisboa	41
Tabella permanente dos caminhos de ferro por-	

	Pag.
tuguezes.....	43
Caminho de ferro do sueste.....	46
Preços da companhia de carruagens lisbo- nes.....	48
Estabelecimento de carruagens de Campos Ju- nior.....	50
Tabella dos preços dos trens de aluguer....	51
Companhia de carruagens omnibus.....	52
Hoteis e casas de pasto.....	53
Botequins ou cafés.....	54
Photographias.....	56
Divertimentos particulares.....	58
Banhos publicos.....	59
Palacios reaes.....	67
Paço e quinta das Necessidades.....	»
Palacio da Bemposta.....	68
Palacio e quinta de Belem.....	»
Palacio da Ajuda.....	69
Palacio de Caxias.....	70
Palacio de Queluz.....	»
Camaras legislativas.....	71
Municipalidade.....	»
Ministerios.....	72
Tribunaes.....	»
Estabelecimentos publicos de educação.....	73
Escola Polytechnica.....	»
Escola medico-cirurgica.....	74
Escola de pharmacia.....	»
Instituto agricola e escola de veterinaria....	»
Aula naval.....	75
Escola de construcção naval.....	»
Escola do exercito.....	»
Aula do commercio.....	»

	Pag.
Conservatorio real de Lisboa	75
Aula do museu nacional	»
Instituto industrial e commercial de Lisboa..	76
Aula de geometria e mechanica applicada ás artes	»
Curso superior de letras	77
Collegio dos aprendizes do arsenal	»
Collegio militar	»
Academia das Bellas Artes de Lisboa.....	78
Sociedade promotora das bellas artes	79
Guarnição militar da capital do reino, em tem- pos normaes	80
Familia real portugueza	81
Bairros de Lisboa.....	82
Jornalismo de Lisboa	83
Typographias	85
Bibliothecas e archivos	86
Sociedades scientificas	89
Museu real.....	»
Museu archeologico.....	90
Imprensa nacional	»
Templos	»
Outros edificios publicos.....	101
Aqueduto das aguas livres	101
Arsenal do exercito	102
Arsenal da marinha.....	104
Navios armados e desarmados	105
Alfandega de Lisboa	106
Alfandega municipal	107
Cordoaria	»
Casa da moeda.....	108
Palacio da justiça.....	»
Quarteis de tropa	109

	Pag.
Prisões	109
Caes	110
Aterro da Boa Vista.....	»
Caldeiras	111
Jardim botanico.....	»
Telegraphia electrica	112
Fontes e chafarizes	»
Estações dos caminhos de ferro de leste....	115
Deposito da companhia das aguas	116
Mercados	117
Matadouro	118
Estabelecimentos uteis	»
Hospital nacional e real de S. José	»
Hospital da marinha	119
Hospital da Estrellinha	»
Hospital de S. Lazaro	»
Hospital Veterinario	»
Real Casa-pia.....	»
Asylo da Mendicidade	120
Asylo de Maria Pia	»
Asylo de Santa Catharina	»
Asylo dos filhos dos soldados.....	»
Asylo dos invalidos do trabalho	»
Santa Casa da Misericordia.....	121
Asylo da infancia desvalida.....	»
Instituto vaccinico	»
Conselho de saude publica do reino.....	»
Lyceu nacional de Lisboa	»
Quartel general	»
Correio geral	122
Procuradoria geral da corôa.....	»
Monte-Pio Geral.....	»
Observatorio astronomico	»

	Pag.
Localidade das repartições publicas	123
Defesa de Lisboa	126
Castello de S. Jorge	»
Torre de S. Vicente de Belem	»
Torre velha	127
Torre de S. Julião da Barra	»
Torre de S. Lourenço do Bugio	128
População	129
Cemiterios	»
Cemiterio dos Prazeres	»
Cemiterio do Alto de S. João	130
Cemiterio da Ajuda	»
Cemiterio de S. Luiz	»
Cemiterio dos Ingleses	»
Cemiterio dos Judeus	»
Cemiterio dos Alemães	»
Val escuro	»
Passeios publicos e jardins	131
Passeio Publico	»
Jardim de S. Pedro de Alcantara	»
Jardim de S. Roque	132
Jardim da Praça do Principe Real	133
Jardim da Praça das Flores	»
Passeio da Estrella	»
Passeio da Junqueira	134
Jardins do Aterro	»
Theatros	135
Theatro de D. Maria II	»
Theatro de S. Carlos	136
Theatro da Trindade	137
Theatro do Gymnasio	»
Theatro da Rua dos Condes	138
Theatro de Variedades	»

	Pag
Theatro do Principe Real	139
Circos	»
Praça do Campo de Sant'Anna.....	»
Circo Price.....	»
Praças e ruas mais notaveis, monumentos, palacios e quintas	140
Praça do Commercio.	141
Estatua equestre de D. José I.....	143
Praça de D. Pedro.....	146
Praça de Luiz de Camões.....	146
Praça da Alegria	147
Praça do Principe Real	»
Largo do Pelourinho	148
Praça da Figueira	»
Praça dos Romulares..	»
Largo do Rato	149
Largo das Amoreiras.....	»
Campo de Sant'Anna.....	»
Largo do Carmo	150
Praça da Ribeira Nova	»
Largo das Necessidades	»
Largo do Barão de Quintella	»
Lapa — Buenos Ayres	153
Entrada de Lisboa.....	154
Passeios dentro da cidade.....	158
Primeiro passeio	159
Segundo passeio	160
Terceiro passeio	»
Quarto passeio.....	161
Outra Banda	162
Cercanias de Lisboa.....	164
Campo Pequeno.....	170
Campo Grande.....	»

	Pag.
Lumiar	171
Calçada de Carriche	»
Odivellas	»
Larangeiras	173
Quinta do Lodi	177
Sete Rios	»
Campolide	»
Bemfica	178
Luz	»
Queluz	»
Bellas	179
Ramalhão	»
Cintra	180
Palacio real	183
Palacio acastellado da Pena	184
Castello de mouros	187
Convento de Santa Cruz	188
Peninha	189
Penha Longa	»
Ruinas de Monserrate	190
Penha Verde	192
Regaleira	»
Setiaes	193
Quinta do Marquez de Pombal	»
Quinta de D. Caetano	»
Palacio e quinta do duque de Saldanha	194
Fonte de Sabuga	»
Os Pisões	»
Santa Eufemia	»
Hospedarias	195
Collares	198
Mafra	261
Setubal	208

	Pag.
Santarem	211
Coimbra	230
Bussaco	237
Moedas portuguezas	249
Moedas estrangeiras.....	250
Pesos e medidas	254



PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DF
757
N9
1880

Novo guia do viajante em Lisboa

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 08 06 05 004 6